

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**RÁDIO CAXIAS E DUPLA CA-JU: O PAPEL DO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

**CAXIAS DO SUL
2020**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**RÁDIO CAXIAS E DUPLA CA-JU: O PAPEL DO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

**CAXIAS DO SUL
2020**

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**RÁDIO CAXIAS E DUPLA CA-JU: O PAPEL DO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

**CAXIAS DO SUL
2020**

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**RÁDIO CAXIAS E DUPLA CA-JU: O PAPEL DO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

Aprovado (a) em: __/__/__

Banca examinadora:

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me. Edson Luiz Corrêa
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul

Dedico esta monografia aos apaixonados
pelo esporte.

AGRADECIMENTOS

O futebol me levou ao Jornalismo e é com ele que me encaminho ao final de um dos jogos mais importantes da minha vida: a graduação. Primeiramente, agradeço a ele, por me proporcionar momentos sublimes.

Com todo meu amor, minha eterna gratidão à minha família, que mesmo de um jeito meio louco de ser é meu porto seguro. Agradeço à minha mãe por estar sempre disposta a ouvir minhas queixas e me aconselhar, por sempre perguntar quais os dias que eu tenho aula (até hoje ela não sabe), por perguntar “mas tu ainda não acabou essa monografia?” (é, demorou, mas terminei!), por todas as vezes que me levou e me buscou na UCS, por todo carinho e companheirismo. Ao meu pai por ser um conselheiro em assuntos acadêmicos e profissionais e até por aquela pressãozinha básica. À minha irmã mais nova por todas as vezes que ela ouviu a tão dita frase “tenho que escrever minha mono”, por me ajudar a escolher as frases de abertura dos capítulos, pelas opiniões em vários trabalhos (mesmo não sabendo muito bem o que dizer) e por ser uma grande amiga. Ao meu irmão mais novo agradeço por ser a alegria da casa, pelas palhaçadas que fazemos juntos e até por me distrair quando estava concentradíssima na produção. Mãe, pai, Duda e Jão, obrigada pelo apoio de sempre!

Estendo os agradecimentos aos meus amigos, que, às vezes, mesmo distantes seguem presentes. Aos amigos da graduação, sou grata pela parceria e por participarem dessa caminhada junto comigo. Obrigada pela resenha de sempre, pelas risadas, histórias, lanches, idas ao bar e, também, pelos trabalhos em grupo. Sou fã de vocês! Não podia deixar de citar minhas parças clubistinhas que mostram todos os dias que o futebol do interior vive!

Agradecimento especial ao meu orientador Jacob, que não só entrou em campo ao meu lado, como também foi meu grande treinador nesse jogo chamado monografia, obrigada por todas as ideias e dicas e por todo o auxílio na produção da mono; aos professores Marcell e Edson por aceitarem o convite para participar da minha banca; e a todos os professores com quem tive aula: obrigada pelos ensinamentos e pela dedicação na formação de grandes profissionais do jornalismo.

Obrigados a todos, que de alguma forma contribuíram para a minha formação pessoal e profissional e que colaboraram para a produção da minha monografia.

Às pessoas sensatas, com empatia, que transmitem energia positiva e que me fazem crer em um mundo melhor: obrigada por existirem!

Do fundo do coração, obrigada!

*“Quanto mais difícil for a vitória,
maior será sua felicidade em ganhar!”*

Pelé

RESUMO

A presente monografia tem como tema o papel do radiojornalismo esportivo no fortalecimento do futebol do interior gaúcho, por meio das transmissões esportivas. No decorrer da pesquisa foram abordados conceitos que visam responder a questão norteadora que busca compreender de que forma o radiojornalismo esportivo contribui para a sustentação do futebol do interior do estado do Rio Grande do Sul. Entre os métodos de estudo está a pesquisa qualitativa e a pesquisa bibliográfica. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin, aplicadas aos objetos de estudo. Na monografia foram analisadas três Jornadas Esportivas da Rádio Caxias em jogos da Dupla Ca-Ju e um questionário com dirigentes dos clubes. Após a finalização do estudo, foi possível verificar que a relação entre a rádio local, Rádio Caxias, e as equipes locais, Esporte Clube Juventude e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, contribui para a sustentação do futebol da cidade.

Palavras-chave: Radiojornalismo esportivo. Futebol. Narração. Jornada Esportiva. Sustentação.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 METODOLOGIA | 18 |
| 3 O RÁDIO | 23 |
| 3.1 O SURGIMENTO | 23 |
| 3.2 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO SOBRE O RÁDIO NO BRASIL | 25 |
| 3.2.1 Rádio no Rio Grande do Sul | 30 |
| 3.3 RÁDIO CAXIAS, A PIONEIRA NA RADIODIFUSÃO CAXIENSE | 32 |
| 3.3.1 Esporte na Rádio Caxias | 39 |
| 4 RADIOJORNALISMO | 42 |
| 4.1 RADIOJORNALISMO NO BRASIL | 42 |
| 4.1.1 Radiojornalismo esportivo no Brasil | 45 |
| 4.1.1.1 O espetáculo das transmissões esportivas | 48 |
| 5 FUTEBOL | 52 |
| 5.1 FUTEBOL NO BRASIL | 52 |
| 5.2 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL | 56 |
| 6 ANÁLISE | 61 |
| 6.1 GRÊMIO X CAXIAS | 62 |
| 6.2 JUVENTUDE X INTERNACIONAL | 66 |
| 6.3 CAXIAS X GRÊMIO | 74 |
| 6.4 DUPLA CA-JU E A RÁDIO CAXIAS | 82 |
| 6.5 PÓS-ANÁLISE | 84 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |

| | |
|---|------------|
| REFERÊNCIAS | 93 |
| APÊNDICE A - PROJETO DE MONOGRAFIA | 97 |
| ANEXO A - QUESTIONÁRIO DUPLA CA-JU | 138 |
| ANEXO B - ENTREVISTA NARRADOR | 140 |
| ANEXO C - OBJETOS DE ESTUDO | 141 |

CAPÍTULO 1

*"Futebol é a única religião
que não tem ateu."*

Eduardo Galeano



1 INTRODUÇÃO

Em 1894, vindo da Inglaterra, desembarcou no Brasil aquele que se tornaria o esporte mais popular do país: o futebol, pelas mãos, ou melhor, pelos pés de Charles Miller. Ainda quando criança Miller foi estudar na Inglaterra, ao retornar para sua terra natal trouxe consigo bolas, chuteiras e uniformes, além do desejo de divulgar esse esporte (AQUINO, 2002). O empenho de Miller deu resultado e pouco tempo após seu regresso o futebol mostrou sinais de que tinha vindo para ficar.

Inicialmente, o futebol era praticado pela elite, sendo proibida a participação de operários e negros. Aquino (2002), destaca que a prática do esporte era uma festa social. As partidas eram realizadas em clubes fechados, nos quais só tinham acesso os associados, convidados especiais e autoridades.

De acordo com Witter (1996), o futebol começou a perder esse caráter elitista na década de 20. Foi nesse período que os negros e operários começaram a figurar no cenário futebolístico. Na popularização o futebol encontrou um aliado para sua disseminação: o rádio.

Segundo Prado (2012, p. 85), “filhos da elite, futebol e rádio tornaram-se catalisadores de emoções e ídolos do povo”. A profissionalização do futebol, ainda de acordo com a autora, coincidiu com a época em que o rádio aprimorou as transmissões esportivas.

A relação entre rádio e futebol sempre foi próxima. Segundo Ferraretto (2001), o esporte foi uma das alternativas que o veículo encontrou para recuperar-se do surgimento da televisão nos anos 50. Foi também nesse período que o Brasil sediou pela primeira vez a Copa do Mundo, fato que, conforme o autor, impulsionou o radiojornalismo esportivo no país.

À vista disso, a presente monografia irá explorar a relação entre o radiojornalismo esportivo e o futebol. O tema surgiu depois da pesquisadora relutar em atender o desejo de falar sobre futebol em sua monografia. No entanto, após considerar inúmeras outras ideias, a mais atrativa seguiu sendo esse esporte. Para sair da zona de conforto a pesquisadora resolveu abordar o futebol do interior, que em sua opinião, é deixado de lado pela grande mídia. A escolha pelo tema

justifica-se pela importância de estudar o vínculo entre as emissoras de rádio locais na sustentação do futebol do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Ao longo da produção monográfica serão abordados aspectos que visam responder a questão norteadora: “de que forma o radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho?”. Para o desenvolvimento da monografia, a pesquisa concentra-se na relação entre a Rádio Caxias e a Dupla Ca-Ju, por meio das Jornadas Esportivas da emissora em jogos das equipes caxienses. A Rádio Caxias foi a escolhida, por ser a mais tradicional na divulgação do desporto de Caxias do Sul.

Apoiada à questão norteadora foram estabelecidas três hipóteses, com a finalidade de responder o problema. São elas:

A. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois possibilita que as pessoas que não tem acesso às transmissões televisivas acompanhem os jogos de futebol;

B. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois oportuniza que os torcedores que não torcem para os times da capital acompanhem os clubes;

C. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois permite que os torcedores de clubes do interior sem acesso às transmissões televisivas acompanhem os jogos realizados longe da cidade ou estado de origem.

Objetivo da monografia é analisar como o radiojornalismo esportivo contribui para o fortalecimento do futebol do interior gaúcho. Mediante disso, realizaremos uma pesquisa sobre como uma emissora local se relacionada com os times de futebol da cidade, analisando de que forma ocorre a identificação dessa emissora com as equipes.

A partir disso foram estabelecidos objetivos específicos, que detalham o objetivo geral e contribuem para que a questão norteadora seja respondida. Os objetivos incluem compreender a relação entre radiojornalismo e futebol, estudar a história do radiojornalismo esportivo no Brasil e no Rio Grande do Sul, comprovar a importância do radiojornalismo esportivo para o futebol do interior gaúcho e para a

perpetuação da identidade gaúcha ligada ao futebol, entender a importância da oralidade para o radiojornalismo esportivo, compreender a relação entre futebol e identidade nacional e destacar a importância do rádio, como meio de comunicação, na formação da identidade do país.

Para a produção do trabalho monográfico foi preciso abordar alguns conceitos para embasar a pesquisa e realizar a análise. Desse modo, a monografia foi dividida em sete capítulos, apresentando os conceitos de estudo que construíram a fundamentação teórica da produção.

O primeiro capítulo, que se refere a esta introdução, apresenta como a monografia foi desenvolvida, abordando um breve resumo do que será abordado em cada um dos demais capítulos.

O capítulo dois trata-se da metodologia. Para o desenvolvimento dessa monografia optou-se pela pesquisa qualitativa que, segundo Marconi e Lakatos (2011), proporciona uma análise mais detalhada das investigações. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), essa pesquisa não faz uso de métodos e técnicas estatísticas, fazendo do ambiente natural a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador o instrumento-chave.

Para o embasamento teórico da monografia optou-se pelo método de pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2008), é desenvolvida com base em materiais já elaborados, como, principalmente, livros e artigos científicos. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 200), “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com tudo que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”.

Em relação ao método de análise, para essa monografia definiu-se pela análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2000), a análise de conteúdo organiza-se em três fases:

1) Pré-análise: fase de organização e planejamento do trabalho monográfico. Essa etapa da análise corresponde a produção do projeto de pesquisa, presente no Apêndice A. No projeto foram definidos tema, questão norteadora, objetivos e hipóteses, citados anteriormente.

2) Exploração do material: corresponde à análise em si. Nessa fase foram definidos os objetos de estudo e os fragmentos que seriam analisados.

Os objetos de estudo desta monografia são fragmentos de três jornadas esportivas da Rádio Caxias e um questionário com dirigentes dos clubes Esporte Clube Juventude e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

Objeto 1: narração do jogo de futebol entre Grêmio e Caxias, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 2: narração do jogo de futebol entre Juventude e Internacional, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 3: narração do jogo de futebol entre Caxias e Grêmio, na final da Taça Ewaldo Poeta, primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 4: questionário com os dirigentes de Caxias e Juventude.

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: é a fase de validação dos dados. A partir dos resultados obtidos na fase anterior foi possível chegar à considerações sobre a relação entre a Rádio Caxias e a Dupla Ca-Ju na sustentação do futebol do interior do Rio Grande do Sul.

No capítulo três será apresentado um breve resgate histórico sobre o surgimento do rádio e o desenvolvimento do veículo no Brasil e no Rio Grande do Sul. Nesse capítulo é abordado que a constituição do rádio deu-se a partir da descoberta das ondas eletromagnéticas e da criação do telégrafo e do telefone (FERRARETTO, 2001). Ainda de acordo com Ferraretto (2001), as primeiras transmissões radiofônicas ocorreram nos Estado Unidos, em 1906. Foi no mesmo país que o rádio se popularizou anos depois. No Brasil, o veículo foi implantado em 1922, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da independência (FEDERICO, 1982). No Rio Grande do Sul, o veículo seguiu os mesmos moldes do rádio nacional. Conforme Ferraretto (2002), a radiodifusão já era praticada no estado desde 1924. No capítulo serão apresentados conceitos dos seguintes autores: Cyro César, Lia Calebre, Luiz Arthur Ferraretto, Maria Elvira Bonavita Federico, Milton Jung, Mozahir Salomão, Nélia Del Bianco e Sonia Virgínia Moreira.

Ainda no capítulo três, será abordada a história da Rádio Caxias e sua atuação no fortalecimento do desporto local. O embasamento teórico dá-se pelos autores Marcos Fernando Kirst e Mário Gardelin, Fabiane de Lucena e Flora Júlia Magnabosco.

No capítulo quatro, conforme o contexto em que estão inseridos os objetos de estudo, será apresentado conceitos sobre o desenvolvimento do radiojornalismo no Brasil. Conforme Salomão (2003), o radiojornalismo surgiu como uma espécie de jornal impresso falado. No entanto, com o passar de seu desenvolvimento, o veículo adotou uma linguagem própria. O radiojornalismo, segundo Ferraretto (2001), foi uma das alternativas para o surgimento da televisão, na década de 50, que causou a migração do espetáculo que anteriormente era do rádio para o novo veículo. O capítulo abordará também a constituição do radiojornalismo esportivo e a dinâmica das jornadas esportivas, um dos objetos de estudo da monografia. A fundamentação teórica do quarto capítulo é baseada nos seguintes autores: Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, Luiz Arthur Ferraretto, Magaly Prado, Milton Jung, Mozahir Salomão e Paulo Vinícius Coelho.

O capítulo cinco abordará momentos importantes da história do futebol no Brasil. Dentre os assuntos que serão apresentados está o desenvolvimento do esporte no país e a importância da figura de Charles Miller, o surgimento do desporto com caráter elitista e sua popularização e a disputa entre o profissionalismo e o amadorismo no esporte. Além disso, será explorado a relação entre o futebol e a identidade nacional e como esse esporte foi, e segue sendo, reflexo da sociedade brasileira. Os principais autores presentes neste capítulo são: Hilário Franco Júnior, José Sebastião Witter, Lívia Gonçalves Magalhães, Márcio Trevisan, Marcos Guterman, Plínio José Labriola de Campos Negreiro, Rubim Santos Leão de Aquino e Rinaldi Wilson.

O sexto capítulo da monografia dedica-se à decupagem dos fragmentos dos objetos de estudo e à análise propriamente dita, com base na metodologia de análise de conteúdo, de Laurence Bardin. No capítulo serão apresentados conteúdos que destacam o vínculo entre a Rádio Caxias e a Dupla Ca-Ju e a contribuição da emissora para a disseminação do futebol local. Entre os conteúdos abordados estão os contratos de leitura, explorados por Mozahir Salomão, o distanciamento crítico, destacado por Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, a dinâmica de uma transmissão esportiva, tratada por Luiz Arthur Ferraretto e o localismo, apresentado por Círcia M. Krohling Peruzzo e Rafael Ferreira Medeiros.

Por fim, no sétimo capítulo, será apresentada as considerações finais sobre os resultados obtidos por meio das análises e pesquisas realizadas no decorrer da monografia. É nesse momento que a pesquisadora revela se a questão norteadora foi respondida, se as hipóteses definidas foram comprovadas ou refutadas e se os objetivos estabelecidos foram ou não alcançados.

CAPÍTULO 2

"Se todas as batalhas dos homens se dessem apenas nos campos de futebol, quão belas seriam as guerras."

Augusto Branco



2 METODOLOGIA

A metodologia corresponde aos métodos que são utilizados para o desenvolvimento da monografia. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), ela aborda o caminho que será seguido no decorrer do projeto. Como é destacado pelos autores, “a metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 53-54).

Dentre os métodos utilizados nesta monografia está a pesquisa qualitativa na abordagem do papel do radiojornalismo esportivo relacionado ao futebol do interior gaúcho. Marconi e Lakatos (2011, p. 269) explicam que a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc”. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010) essa pesquisa compreende a relação dinâmica do vínculo indissociável entre a objetividade do mundo e subjetividade do sujeito que não pode ser descrita em números.

Outro método utilizado, que embasará o estudo, será a pesquisa bibliográfica, na qual os dados são obtidos em fontes já elaboradas como livros, artigos, monografias, trabalhos de conclusão de curso e internet (sites oficiais). A pesquisa bibliográfica é descrita como:

[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF *in* DUARTE e BARROS, 2006, p.51).

A coleta de dados em livros se dá especialmente pelos seguintes autores relacionados ao tema: Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, José Sebastião Witter, Luiz Artur Ferraretto, Laurence Bardin, Marcos Guterman e Mozahir Salomão. As contribuições teóricas desses autores embasará a escrita dos capítulos três, quatro e cinco, referente aos temas rádio, radiojornalismo, radiojornalismo esportivo e futebol no Brasil.

Á vista de compreender a relação entre o radiojornalismo esportivo, através das jornadas esportivas, e o futebol do interior gaúcho, será analisada a ligação entre a Rádio Caxias e a Dupla Ca-Ju, por meio da análise de conteúdo. O objeto analisado será as jornadas esportivas da Rádio Caxias nos jogos do Esporte Clube Juventude e da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul em três ocasiões: nos jogos de estreia do Campeonato Gaúcho 2020, quando enfrentaram, respectivamente, o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; e na decisão do primeiro turno do Gauchão 2020 entre S.E.R Caxias e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Será realizada também uma análise no conteúdo de um questionário realizado com o presidente do Juventude, Walter Dal Zotto Júnior; e com o primeiro vice-presidente da S.E.R Caxias, Márcio Alexandre Biazus.

Bardin (2000, p. 9) define a análise de conteúdo como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Ainda de acordo com a autora, esse modo de análise tem uma função heurística, que beneficia a tentativa exploratória e amplia a propensão à descoberta. “A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo), é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo (BARDIN, 2000, p. 30-31).

A análise de conteúdo, conforme Bardin (2000), se organiza em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados e a interpretação dos dados.

Fonseca Júnior *in* Duarte e Barros (2014), explica como ocorre cada uma das fases cronológicas:

(1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise; **(2) Exploração do material:** refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas [...]. **(3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos (FONSECA JÚNIOR *in* DUARTE e BARROS, 2006, p. 290).

A fase de pré-análise corresponde ao projeto de pesquisa, desenvolvido anteriormente à monografia. No projeto foram estabelecidos o processo que será desenvolvido, com a escolha dos objetos de análise e passos iniciais da pesquisa bibliográfica e fundamentação teórica. A monografia compreende a segunda e terceira fase da análise de conteúdo. A segunda etapa corresponde em explorar e selecionar quais serão os objetos de estudo. A seleção será realizada por meio da decupagem. A partir disso serão definidos os fragmentos que servirão como base da análise de conteúdo. Em seguida, relacionada à terceira fase, será realizado o tratamento dos resultados em consequência das interpretações dos dados.

Os objetos de estudo desta monografia são fragmentos de três produtos radiofônicos no formato de Jornada Esportiva da Rádio Caxias e uma questionário com os dirigentes da Dupla Ca-Ju.

Objeto 1: narração do jogo de futebol entre Grêmio e Caxias, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 2: narração do jogo de futebol entre Juventude e Internacional, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 3: narração do jogo de futebol entre Caxias e Grêmio, no final da Taça Ewaldo Poeta, primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020.

Objeto 4: questionário com os dirigentes de Caxias e Juventude.

Embasado pela obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin, busca-se identificar os discursos utilizados pela Rádio Caxias nos jogos da Dupla Ca-Ju contra a Dupla Gre-Nal, com foco na linguagem.

Os conteúdos e discursos que serão analisados ao longo da monografia consiste em:

- a. Pré-jogo: análise dos comentários e informações elencadas pelos profissionais da Rádio Caxias antes do apito inicial.
- b. Pós-jogo: análise dos comentários, informações e entrevistas realizadas ao final das partidas.
- c. Gols: comparação dos enunciados e expressões usadas pelos narradores, comentaristas e repórteres da Rádio Caxias nos gols da Dupla Ca-ju e da Dupla Gre-Nal, buscando identificar se existe um padrão ou linha editorial entre os profissionais e “uma torcida” pelos times locais.

- d. Lances polêmicos: análise dos comentários decorrentes de lances polêmicos da partida em busca de identificar a preferência pelos times de Caxias do Sul.
- e. Expressões: descrição e análise de lances da partida nos quais o narrador, comentarista ou repórter usaram expressões que evidenciaram a torcida pelos times locais.
- f. Comparação de lances do jogo: análise da locução dos lances da Dupla Ca-Ju e Gre-Nal a fim de identificar uma mudança no entusiasmo e emoção da narração por parte dos narradores.
- g. Expressões dos dirigentes da dupla Ca-Ju que comprovem que os clubes concordam que a Rádio Caxias desempenha o papel de fortalecedor do futebol local.

Com isso, pretende-se analisar como o discurso da narração esportiva colabora com o fortalecimento da relação entre um rádio local e o clube, ou clubes, de futebol, da cidade.

CAPÍTULO 3

"Os primeiros 90 minutos são os mais importantes."

Bobby Robson



3 O RÁDIO

Há tempo o rádio se tornou o companheiro de muitas pessoas, seja no deslocamento para o trabalho ou na realização das atividades domésticas. É por meio desse veículo que os ouvintes se informam, sem que haja a necessidade de parar o que está fazendo.

Em sua história quase centenária, que será completada em 2022, o rádio passou por diversas mudanças. O veículo de comunicação massivo viveu sua “era de ouro”, viu o nascimento da televisão e precisou se reinventar. Passa do AM para o FM, do analógico ao digital e seguiu surfando as ondas sonoras que apareciam em sua frente. Sobreviveu. E sobrevive sendo um dos veículos de comunicação mais consumidos por quem busca informação e companhia.

Este capítulo da monografia fará um resgate histórico deste meio de comunicação, seu desenvolvimento no Brasil e no Rio Grande do Sul e as mudanças ao longo da história. Além disso, abordará a trajetória da Rádio Caxias até se tornar um das emissoras de rádio mais tradicionais do Rio Grande do Sul.

3.1 O SURGIMENTO

O rádio surgiu com o desenvolvimento de duas principais tecnologias: as ondas eletromagnéticas e a criação do telégrafo e do telefone. De acordo com Ferraretto (2001), a radiodifusão constitui-se para sanar uma necessidade da sociedade:

Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constitui-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens a distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor, origem dos serviços de correio e dos primitivos sistemas de comunicação por sinais (tochas luminosas, bandeiras, fumaça, tambores...) (FERRARETTO, 2001, p. 80).

Conforme Moreira (2002), até o início do século XX as invenções que antecederam o rádio dependiam de um sistema interligado por fios para funcionar.

De acordo com a autora, foi só na virada daquele século que a trajetória da transmissão sonora sem fio teve início, “quando Nikola Tesla, imigrante iugoslavo e inventor independente, conduziu no estado americano do Colorado algumas experiências com alta voltagem e corrente alternada de alta frequência” (MOREIRA, 2002, p. 55).

Moreira (2002) destaca que as experiências de Tesla antecederam algumas das invenções de Guglielmo Marconi, reconhecido como o inventor do rádio. Foi o pesquisador italiano que realizou a primeira transmissão de sinais sem fios, “primeiro a uma distância de 400 metros e, depois, de 2.000 metros” (MOREIRA, 2002, p. 56).

Apesar de sua invenção, Marconi não recebeu apoio do governo italiano e partiu rumo à Londres, Inglaterra. No país britânico o pesquisador patenteou seu aparelho de radiotelegrafia, o primeiro responsável à transmitir mensagens telegráficas à distância sem a utilização de fios. As experiências de Marconi deram ainda mais resultados e permitiram a realização da primeira transmissão telegráfica transoceânica por ondas eletromagnéticas, entre Inglaterra e Canadá (MOREIRA, 2002).

Simultaneamente às pesquisas na Europa e Estados Unidos, no Brasil quem liderava as experiências radiofônicas era o padre brasileiro Roberto Landell de Moura. Ferraretto (2001), destaca que os resultados de Landell por vezes foram superiores aos dos pesquisadores estrangeiros. De acordo com o autor, as primeiras experiências com transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas teriam ocorrido entre 1893 e 1894. Anos mais tarde, em 1900, como conta Moreira (2002), o padre brasileiro foi pioneiro na experiência de transmissão de voz à distância, sem fio condutor.

As primeiras transmissões radiofônicas, de acordo com Ferraretto (2001), ocorreram no final do século XIX. A primeira em que há comprovação, segundo o autor, é da noite do dia 24 de dezembro de 1906. Na ocasião, o canadense Reginald A. Fessenden transmitiu, da estação de Brant Rock, em Massachusetts, Estados Unidos, o som de um violino, trechos da bíblia e uma gravação fonográfica. As transmissões foram ouvidas em vários navios da costa norte-americana.

[...] Fessenden desenvolveu a estrutura básica do processo de transmissão em amplitude modulada. Há registros de outras experiências bem-sucedidas do pesquisador canadense anteriores à da véspera de Natal de 1906. Em dezembro de 1900, ele já teria conseguido transmitir precariamente a voz humana (FERRARETTO, 2001, p. 86).

O rádio, como conhecemos, ganhou força e se popularizou cerca de dez anos depois da transmissão de Fessenden, principalmente nos Estados Unidos, que, conforme Ferraretto (2001), durante a década de 20 era quem disputava o controle da implementação das comunicações por ondas magnéticas.

3.2 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO SOBRE O RÁDIO NO BRASIL

Com grande influência estadunidense, o rádio nacional começou a se desenvolver na década de 20. A primeira demonstração pública radiofônica no país foi em 7 de setembro de 1922, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência. Como conta Ferraretto (2001), na ocasião foi transmitido o discurso do presidente da República, Epitácio Pessoa, e trechos do “O Guarani”, de Carlos Gomes. A emissão pôde ser ouvida no Palácio do Catete e em alguns prédios públicos.

De acordo com Federico (1982), essas e outras demonstrações ainda não podiam ser vistas como radiodifusão, devido às características rudimentares da recepção. Foi só no ano seguinte que a trajetória da radiodifusão sonora no Brasil começou efetivamente. Os idealistas Edgar Roquette-Pinto e Henrique Morize fundaram, no dia 20 de abril de 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora regular do país. Mesmo que de forma improvisada, sem programação definida e com transmissões esporádicas, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, sob o *slogan* “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, foi a responsável por colocar o país definitivamente na era do Rádio.

A radiodifusão no Brasil seguiu com caráter experimental até a década de 30, período no qual o rádio nacional começou a se estruturar. Conforme Ferraretto (2001, p. 102), “não mais como novidade, mas sim se constituindo em um veículo de

comunicação que, ao buscar o lucro, volta-se para a obtenção constante de anunciantes e de público”.

O governo revolucionário de Getúlio Vargas, em 1932 proporciona, por meio do decreto nº 21.111, a veiculação da publicidade nas emissoras.

Com a possibilidade dos comerciais ocuparem 10% das transmissões, são captados os recursos que, lucro à parte, podem ser reinvestidos em uma programação para garantir a audiência responsável, em um ciclo se possível interminável do ponto de vista do capitalista, pela atração dos anunciantes (FERRARETTO, 2001, p. 102).

A publicidade deu ao veículo a possibilidade de atingir todos os setores da sociedade, evidenciando o seu poder massivo. De acordo com Calabre (2004), o rádio trouxe o mundo para dentro da casa das pessoas.

O rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas. O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos (CALABRE, 2004, p. 9).

O rádio viveu seu auge na década de 40. Durante esses anos, conforme César (2005), o veículo vivenciou seu período de maior importância entre os meios de comunicação, sendo o mais consumido pelas pessoas.

As programações radiofônicas, como conta Ferraretto (2001), voltaram-se ao entretenimento, com radionovelas e programas humorísticos e de auditório. Foi nessa fase que o radiojornalismo, com a prestação de serviços, e as coberturas esportivas ganharam mais espaço no meio radiofônico.

O rádio passou a dominar o cotidiano nacional, tornando-se, conforme César (2005), o centro das atenções, propagando informações e sendo opção de entretenimento e lazer. As atividades cotidianas, passavam no rádio, eram disseminadas, tratadas e influenciadas pelo meio radiofônico. O autor lista três fatos que comprovam a importância, e ação, do rádio na vida das pessoas:

A eleição da “Rainha do Rádio”, que mobilizou todo o país e dividia a população entre partidários das várias candidatas; a grande circulação das revistas especializadas em rádio, como a *Revista do Rádio* e *Radiolândia*; e o fantástico número de cartas recebido pela Rádio Nacional nesse período, quase oito milhões (CÉSAR, 2005, p. 149).

A década de 50 foi impactante para o rádio brasileiro. Com o advento da televisão, pelas mãos de Assis Chateaubriand, o veículo perdeu sua hegemonia. Apesar do surgimento da televisão no início da década, como destaca César (2005), o veículo só alcançou um número significativo de aparelhos na década seguinte. “Ou seja, entre os anos de 1920 e de 1960, o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa do Brasil” (CÉSAR, 2005, p. 151).

No entanto, conforme Ferraretto (2001), o espetáculo migrou para o novo meio de comunicação, devida às perdas de verbas publicitárias e a transferência de profissionais do rádio para a televisão. O veículo viu-se obrigado a buscar novos caminhos, que até então eram minoritários nas programações: “o jornalismo, as transmissões esportivas, o serviço para a população e a música gravada” (FERRARETTO, 2001, p. 137). A estratégia se apoiou no surgimento de uma nova tecnologia: o transistor.

O transistor deu mobilidade ao veículo. Sem precisar ficar fixo na sala, o rádio a transistor, passou “em definitivo, a acompanhar os ouvintes” (FERRARETTO, 2001, p. 138).

Como destaca César (2005), o meio radiofônico passou de um veículo de comunicação com característica coletiva para individual.

O rádio rompe as alças que o prendiam à sala de estar, à cabeceira das camas e a outros lugares fixos, e começa a andar nos carros, a zanzar pelas casas, a acompanhar as pessoas no trabalho, a correr aos jogos, a fazer parte do dia a dia das pessoas (CÉSAR, 2005, p. 152).

As mudanças na programação radiofônica seguiram na década de 70, impulsionadas por uma nova frequência de ondas eletromagnéticas: a modulada. Conforme Ferraretto (2001), o rádio em frequência modulada, apesar do alcance menor, proporcionou uma melhor qualidade de som. O autor destaca ainda que a nova frequência significou uma separação entre rádio AM e FM, devido a suas características individuais de som e abrangência. As rádios de amplitude modulada

concentraram-se no jornalismo, na cobertura esportiva e na prestação de serviços. Já nas FM, a predominância era a música.

A segmentação no meio radiofônico, a partir da segunda metade da década de 70, de acordo com Salomão (2003), recuperou uma importante faixa de público. “Com um nível de pureza de som bem melhor do que o de Ondas Médias (AM), o rádio FM propicia o aparecimento de muitas emissoras que apostam nesse público jovem. É o surgimento do rádio-vitrolão com ‘pouco papo e só sucesso” (SALOMÃO, 2003, p. 34).

Nesse período que o rádio descobriu na segmentação, em todos os níveis (geográfica, de público, de gênero), uma alternativa para reestruturar-se. “O sucesso começa novamente a visitar o rádio” (CÉSAR, 2005, p. 154).

A evolução tecnológica acompanhou o rádio ao longo de sua história. Na década de 80 mais uma delas revolucionou a radiodifusão brasileira: a rede de via satélite. Conforme Ferraretto (2001), em 1985 o Brasil passou a contar com um satélite próprio de comunicações. Poucos anos depois, em 1989, outro avanço. A Embratel anunciou o serviço Radiosat, um sistema de transmissão via satélite, em estéreo e de alta qualidade.

Nas décadas de 80 e 90, devido ao interesse da população por temas políticos e econômicos, o papel informativo do rádio ganha força. As grandes emissoras do país, como destaca Ferraretto (2001), inspiradas pelo formato norte americano *all news*, passam se aventurar no jornalismo 24 horas.

O período marcou também o avanço das emissoras afiliadas. A pioneira a enviar seu sinal via satélite a um conjunto de emissoras afiliadas, como conta César (2005), foi a Rádio Bandeirantes de São Paulo, em 1990. “Os anos de 1990 resgataram para o rádio a imagem do grande vendedor nacional. Com a rede, os radiodifusores podiam falar com o Brasil por intermédio de suas afiliadas, e isso com toda a segurança e credibilidade” (CÉSAR, 2005, p. 156).

A virada do século XX para o século XXI significou novos rumos para o rádio. Com a expansão da internet, no início dos anos 2000, o conceito “rádio” e “radiodifusão” passaram por reformulações.

Conforme Ferraretto (2014), a ideia da radiodifusão como conceito dominante do rádio e na televisão se tornou ultrapassada. Apesar da radiodifusão sonora continuar sendo rádio, o veículo deixou de ser apenas radiodifusão sonora.

O termo rádio, ainda de acordo com o autor, compreende à duas manifestações diversificadas descritas como:

(1) rádio de antena ou hertziano, correspondendo às formas tradicionais de transmissão por ondas eletromagnéticas; e (2) rádio *on-line*, que engloba todas as emissoras operando via internet, independentemente de possuírem contrapartes de antena ou hertzianas, além de produtores independentes de conteúdo disponibilizado também via rede mundial de computadores (FERRARETTO, 2014, p. 16).

Ferraretto (2014) descreve ainda as modalidades do rádio *on-line*:

(1) rádio na *web*, identificando estações hertzianas que transmitem os seus sinais também pela rede mundial de computadores; (2) *web* rádio, para emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet; e (3) práticas como o *podcasting*, uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos - os *podcasts*, nesse caso específico de áudio com linguagem radiofônica (FERRARETTO, 2014, p. 16).

O rádio encontrou na internet, como destaca Del Bianco *in* Dângelo e Souza (2016), um meio para ampliar seu alcance e reconquistar parte de sua audiência. Para a autora a convergência entre os meios “significou a conquista de novas possibilidades de interação com o público e a diversidade das formas de entrega de produtos e serviços” (DEL BIANCO *in* DÂNGELO; SOUZA, 2016, p. 37).

Del Bianco *in* Dângelo e Souza (2016) descreve a convergência midiática não só como um processo de mudança tecnológica, mas também como um processo cultural. De acordo com a autora, trata-se de uma nova maneira de interagir com os meios mais tradicionais, estabelecendo uma nova forma de cultura de relacionamento com o público. A autora destaca ainda que “a convergência não é uma novidade no desenvolvimento dos meios de comunicação, afinal sempre foi essencial ao processo de transformação em todos os tempos” (DEL BIANCO *in* DÂNGELO; SOUZA, 2016, p. 38).

O rádio passou por diversas mudanças ao longo de sua história, no entanto, “como parte do ambiente sempre impregnou a vida das pessoas por estar em toda

parte graças ao aparelho portátil” (NEL BIANCO *in* DÂNGELO; SOUZA, 2016, p. 50). Com o auxílio da internet e do celular, conforme a autora, a mobilidade é potencializada. “O rádio tem se provado ao longo do tempo como um meio resiliente, facilmente adaptável às mudanças, capaz de suportar a concorrência das novas mídias não rivalizando com elas, mas integrando-se às elas” (NEL BIANCO *in* DÂNGELO; SOUZA, 2016, p. 50).

3.2.1 Rádio no Rio Grande do Sul

O rádio no Rio Grande do Sul constitui-se pelos mesmos caminhos do restante do país. De acordo com Ferraretto (2002), a radiodifusão gaúcha teve três momentos distintos nos primeiros anos de desenvolvimento. Inicialmente, no âmbito da elite, há uma curiosidade em relação à inovação tecnológica e às possibilidades que ela representa, “o que leva os pioneiros da radiodifusão sonora a adquirirem aparelhos receptores e, na sequência, a se organizarem em entidades transmissoras, as primeiras rádios do Rio Grande do Sul” (FERRARETTO, 2002, p. 17).

Em um segundo momento, parcelas da elite vêm no meio radiofônico um campo de investimento financeiro com possibilidades econômicas e políticas, com a constituição de sociedades comerciais voltadas à veiculação de publicidade paga, à auto sustentação e à obtenção de lucro. Na terceira fase do rádio gaúcho “as emissoras comerciais firma-se, constituindo um mercado próprio, mesmo que restrito pelas possibilidades de então” (FERRARETTO, 2002, p. 17).

Voltando à história, segundo Ferraretto (2002), a primeira emissora a realizar, de forma organizada, transmissões radiofônicas do estado foi a Rádio Sociedade Rio-Grandense. A emissora foi fundada em 1924, em Porto Alegre.

Não demorou muito para as ondas sonoras chegarem ao interior do país, mais precisamente em Pelotas. A emissora que inaugurou o rádio no interior do Brasil foi a Sociedade Rádio Pelotense, fundada em 1925 (JUNG, 2004).

Na década de 30, surgiu no Rio Grande do Sul a primeira emissora destinada à publicidade: a Rádio Difusora Porto-Alegrense, fundada em 1935. Conforme Ferraretto (2002), a emissora foi pensada como uma forma de negócio, procurando

tirar da publicidade, não só a cobertura das despesas, mas também o lucro. O rádio comercial se consolidou no estado em 1935 com a criação da Rádio Sociedade Farroupilha, que se destacou por uma programação que unia atrações musicais e noticiários.

O rádio gaúcho representou importantes contribuições para a radiodifusão nacional em diversos períodos. Na década de 50, como abordado anteriormente, o rádio precisou buscar novos caminhos pelo jornalismo, esporte e prestação de serviços. Uma das emissoras, segundo Ferraretto (2001), que se destacou foi a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, inaugurada no dia 30 de abril de 1957.

A Guaíba combinava uma locução sóbria, em que até os comerciais eram lidos ao vivo, com um padrão musical caracterizado pelas orquestrações. A estratégia contribuiu para reforçar a credibilidade da emissora associada às notícias e ao esporte. “No conjunto, essa forma de fazer rádio ficou conhecida, no sul do país, como estilo Guaíba” (FERRARETTO, 2001, p. 143).

A emissora portoalegrense se destacou também na cobertura política. Ferraretto (2001), conta que na eleição para o governo do Estado em 1958, a Guaíba montou uma estrutura de apuração paralela responsável por antecipar, com precisão, a vitória de Leonel Brizola, 36 horas antes do resultado oficial. A experiência chamou a atenção da Rádio Nacional, que dois anos depois, convidou a emissora para uma operação conjunta durante as eleições para a Presidência da República.

Outra contribuição do veículo foi na cobertura internacional, principalmente pelo trabalho de Flávio Alcaraz Gomes. Segundo Ferraretto (2001), o jornalista esteve no Oriente Médio durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967; no mesmo ano cobriu o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietnã; e esteve na Conferência da Paz entre os Estados Unidos e o Vietnã, em Paris, em 1968.

Nas décadas de 60 e 70, as emissoras de rádio tiveram que adaptar suas programações à necessidade dos ouvintes.

O rádio gaúcho em um processo que chega ainda inconcluso à década seguinte, começa assim, a substituir o entretenimento ao vivo pela música, ampliando, também, os espaços, até então minoritários ou inexistentes, dedicados à notícia à reportagem, à entrevista, à cobertura esportiva, à participação do ouvinte e a prestação de serviços (FERRARETTO, 2007, p. 89).

A fase de segmentação na programação no Rio Grande do Sul seguiram os moldes de desenvolvimento do rádio em todo o país e nas décadas de 80 e 90 as emissoras gaúchas aventuram-se no jornalismo em tempo integral. A Rádio Gaúcha, da Rede Brasil Sul (RBS) apostou em uma mescla entre o *all news* e o *all talk*, misturando entrevistas e notícias com a figura de um âncora participativo que conversava com o ouvinte (FERRARETTO, 2001).

Ferraretto (2001), conta que a Gaúcha investiu em equipamentos modernos, oferecendo a melhor estrutura técnica de Porto Alegre. A emissora inovou também no planejamento de grandes coberturas esportivas e jornalísticas, destacando-se nas transmissões de competições esportivas e na cobertura política. A última serviu como inspiração para o Sistema Globo de Rádio operar a Central Brasileira de Notícias, da década de 90.

As ondas radiofônicas percorreram o estado e chegaram em todas as regiões do Rio Grande do Sul. Conforme a Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT), há 319 emissoras de rádio espalhadas pelo Rio Grande do Sul, sendo 155 emissoras AM e 164 FM¹. Na cidade de Caxias do Sul existem 11 emissoras de rádio.

3.3 RÁDIO CAXIAS, A PIONEIRA NA RADIODIFUSÃO CAXIENSE

O início da década de 40, em Caxias do Sul, foi marcada pela mobilização em prol da implantação de uma emissora de rádio no município. De acordo com Kirst (2017), a movimentação era uma resposta ao processo de perda de autoestima sentida pela população local, devido ao preconceito que a Segunda Guerra Mundial trouxe aos descendentes de imigrantes italianos e alemães.

¹ O levantamento não inclui as *web* rádios.

Para o autor, uma emissora de rádio com transmissões em Caxias do Sul significaria “um instrumento importante no esforço de aglutinar as energias do povo local” (KIRST, 2017, p. 14). A mobilização deu resultado e em 1944 foi concedida a autorização para a constituição da primeira emissora de rádio de Caxias do Sul, que entraria no ar dois anos mais tarde.

A Rádio Caxias, ZYF-3 Rádio Caxias do Sul, pertencente às Emissoras Reunidas Rádio Cultura Ltda, foi fundada em 27 de abril de 1946, por Arnaldo Ballvé, Joaquim Pedro Lisboa e Luiz Napolitano, em um estúdio nas dependências do clube Recreio Guarany. Conforme Kirst (2017), a solenidade de abertura das transmissões da emissora contou com a participação da Orquestra Sinfônica de Caxiense, regida pelo maestro João Cosner e com canções de Ilse Fontana.

Kirst (2017) destaca que, apesar de uma potência de transmissão modesta (250 watts), o sinal da Rádio Caxias podia ser captado em diversas localidades do interior e também em municípios vizinhos, e com menos qualidade em áreas distantes da região serrana e em outros estados. Isso ocorria porque na época eram poucas as emissoras a disputar as frequências de rádio no espectro.

A primeira emissora de rádio do município, e a segunda do interior do estado do Rio Grande do Sul, surgiu em um momento de reconstrução, não só da cidade como do país.

A rigor, quando a Rádio começou suas atividades, não se completara o primeiro aniversário do término da Guerra na Europa. O Brasil vinha se recompondo dos tropeços crescentes, dos racionamentos, da vigilância policial e dos choques provocados pelas hostilidades. As atividades industriais, comerciais e agrícolas iam se ampliando. Criavam-se novas oportunidades (GARDELIN; LUCENA; MAGNABOSCO, 1996, p. 17).

Assim como outras emissoras de rádio, a Caxias, depois de sua fase de experimentação, enfrentou problemas. No entanto, como destaca Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996), ela rapidamente encontrou seu caminho. Tal rumo se refletiu na vocação de posicionar-se ao lado dos interesses da comunidade, representada na programação, voltada a levar informação e cultura à população, tendo como prioridade o conteúdo local (KIRST, 2017).

No início de sua trajetória a rádio iniciava sua programação às 9h e seguia até às 15h; retornava às 17h e ia até às 23h. De acordo com Kirst (2017), a estratégia da programação se explica porque ainda não existiam os rádios portáteis e os ouvintes só podiam escutar rádio estando em casa. Outro aspecto destacado pelo autor é que como “cidade operária por vocação, não fazia sentido manter a programação em horários em que a maioria dos ouvintes estava fora de casa, trabalhando, ou em horários de descanso” (KIRST, 2017, p. 31).

O crescente sucesso e o aumento no número de anunciantes influenciaram a emissora à ampliar a grade de programação, ocupando horários que até então eram deixados fora do ar.

A presença de um veículo que fazia transmissões ao vivo, narrando os fatos locais em tempo real, como visitas presidenciais, jogos de futebol, competições automobilísticas, bailes, festas, eventos e entrevistas, configurou-se em uma experiência completamente nova aos caxienses, em termos de apreensão de informação (KIRST, 2017, p. 32).

A consolidação da Rádio Caxias veio pouco tempo depois de sua fundação, em 1950, quando os estúdios foram transferidos para o primeiro andar do Edifício Kalil Sehbe. As novas instalações intensificaram a programação e participação do público. O Auditório Arnaldo Ballvé, com capacidade de 90 lugares, proporcionou a irradiação de programas e radionovelas com a participação ao vivo do público. Para Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996, p. 24), essa “foi uma fase de grande desenvolvimento da Rádio Caxias, com a ampliação de sua programação noticiosa, esportiva, radioteatro ao vivo, musicais e programas de auditório”.

Durante sua primeira década de existência, a Rádio Caxias atuou sozinha no cenário radiofônico da cidade, conquistando ouvintes e credibilidade. No entanto, em 1956, foi fundada a segunda emissora da região, a Rádio Independência, com estúdios em Flores da Cunha e Caxias do Sul. Neste momento, segundo Kirst (2017), “surgia a concorrência, e a necessidade de permanecer sempre atento às nuances do mercado se transformaria em preocupação perene, moldando os rumos e o destino da empresa” (KIRST, 2017, p. 44).

Outro salto no crescimento da Rádio Caxias ocorreu em 1972, quando a emissora inaugurou sua sede própria. Os novos estúdios estão localizados no 21º

andar do Edifício Estrela e correspondem aos que a emissora usa até os dias de hoje. O novo espaço, como conta Kirst (2017), foi planejado para acomodar as necessidades logísticas e operacionais de todos os setores da empresa, contando com equipamentos modernos e recursos técnicos em todos os departamentos. Conforme o autor, o novo endereço também representou mudanças na forma de fazer rádio em Caxias do Sul.

A tecnologia passou a permitir que os comentaristas fizessem suas participações, tanto ao vivo quanto gravadas, por meio de contatos telefônicos, sendo desnecessária a presença física nos estúdios. Também os discos de vinil e de acetato (para músicas em lançamento, vinhetas, *jingles* e *spots* comerciais) eram substituídos pelos cartuchos, mais fáceis de manusear e mais compactos (KIRST, 2017, p. 56).

O município ainda não possuía um jornal impresso com circulação diária. Era na Rádio Caxias que se concentrava grande parte das comunicações necessárias para o andamento da vida comunitária (KIRST, 2017). Em 1979, a emissora ganhou um novo capítulo em sua história a serviço da comunidade. Com a aprovação do Plano Nacional de Ondas Médias (PNOM), no Ministério das Comunicações, a Caxias foi contemplada com uma nova frequência AM, de 930 kHz, superior à anterior de 1370 kHz. No ano seguinte o alcance da rádio foi ampliado. A potência passou de 5 kw para 20 kw. De acordo com Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996), a Rádio Caxias tornou-se a mais potente emissora do interior do Rio Grande do Sul e a única cidade brasileira, sem ser capital, a operar nessa amplitude.

A radiodifusão caxiense entrou em uma nova fase no fim da década de 80, quando o empresário Paulo Roberto Lisboa Triches, neto de Joaquim Pedro Lisboa, decidiu investir no setor de comunicações da região, por meio do Grupo Enxuta, no qual era administrador e um dos sócios-proprietários. O grupo, que contava com a presença de empresas caxienses que produziam eletrodomésticos, comprou emissoras de rádio e fundou um jornal diário, a Folha de Hoje.

Apostando sempre no desenvolvimento da cultura e do esporte, abrigava uma casa de espetáculos, o Teatro de Lona, que sediou grandes shows ao longo das décadas de 80 e 90 na cidade, e patrocinou um time de futsal que fez história nessa modalidade de esporte no País (KIRST, 2017, p. 66).

Triches comprou as rádios Princesa, Independência e Pampa FM, ação que concretizou um importante marco na história das comunicações em Caxias do Sul: o surgimento do Sistema Trídio de Comunicação (STC). Em 1988, a Rádio Caxias foi vendida ao STC. A notícia da venda foi pauta dos assuntos da comunidade caxiense e de acordo com Kirst (2017).

Entre os ouvintes, pairava a compreensível incerteza sobre qual seria o futuro da emissora, agora sob nova direção, pois a Rádio Caxias, com seus então 42 anos de existência, já estava estabelecida na condição de ícone representativo da comunidade local (KIRST, 2017, p. 67).

A nova administração implantou mudanças na programação da Rádio Caxias. Conforme Kirst (2017), na frequência 930 AM, foi adotada uma programação voltada exclusivamente aos segmentos de jornalismo e esporte. Na antiga grade de programação restaram o “Radiojornal Formolo” e o “Esporte na Onda”. O autor destaca que, apesar das mudanças, alguns programas criados naquele período conquistaram a identificação dos caxienses, como o “Jornal da Caxias” e o “Campo Neutro”, que seguem entre as atrações da emissora. A programação, que fazia parte da grade da emissora antes de ser adquirida pelo STC, foi transferida para uma nova proposta do grupo: a Rádio 1010 AM.

Kirst (2017), destaca que a implantação de uma programação completa de jornalismo e esporte foi uma revolução para o município.

Embora a Caxias e outras emissoras tivessem por tradição a dedicação de espaços para informação, até então nada parecido havia sido feito no rádio caxiense. O novo formato permitia a ampliação e a análise das informações trazidas pela equipe de reportagem, e uma das marcas que passou a ser construída foi o acompanhamento intenso dos processos eleitorais (KIRST, 2017, p. 69-70).

A Rádio Caxias celebrou seu cinquentenário com o lançamento de um livro em homenagem a trajetória da emissora. A obra “Rádio Caxias 50 anos”, produzida pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (Educs), fez um resgate histórico com depoimentos de ex-diretores, funcionários, colaboradores e representantes da rádio.

O livro teve coordenação de Mário Gardelin, redação final de Paulo Cancian e pesquisa de Flora Magnabosco e Fabiana de Lucena (KIRST, 2017).

A rádio seguiu inovando e um ano após comemorar seus 50 anos, a Caxias lançou seu *website*, sendo uma das primeiras emissoras do Brasil a lançar um *site*. A evolução tecnológica nos anos 2000, como destaca Kirst (2017), permitiu que a emissora disponibiliza-se áudios também na internet, o que, segundo o autor, revolucionou as possibilidades de alcance e audiência.

Por aliar texto e imagem, o site se tornou uma nova frente de trabalho, possibilitando uma informação mais detalhada. A evolução da telefonia também foi marcante para a Rádio Caxias, uma vez que, proporcionou um maior contato entre os ouvinte e a emissora. O uso do celular foi outra contribuição para o acesso mais rápido à informação por parte dos ouvintes e modernizou o trabalho dos repórteres, que passaram a ter mais mobilidade, reforçando a característica da instantaneidade e agilidade do rádio (KIRST, 2017).

A Rádio Caxias mudou para a frequência modulada (FM) em 2012, seguindo a tendência de mercado do restante do país. A emissora decidiu usar o dial 93,5, que, segundo Kirst (2017), pertencia à emissora e já havia sediado algumas programações. Essa foi a terceira frequência da história da Rádio Caxias.

O período de transição para o FM durou três anos e em 2015 a emissora passou a concentrar sua programação no 93,5. Na frequência 930 AM foi criada a Rádio Cidade, com caráter popular; e no 1010 AM a Rádio Tua Voz, dedicada ao público gospel. Ainda em 2012, a rádio iniciou a implantação de um aplicativo para *smartphones* e *tablets*, ampliando o trabalho realizado no *site* (KIRST, 2017).

Durante a transição da frequência AM para a FM, a grade de programação da Caxias foi repensada. “O eixo foi atualizar a grade existente, mudando sua roupagem e algo da linguagem, e combinar isso com novas atrações, voltadas a um público jovem, mais afeito à linguagem do FM, dos APPs e das redes sociais” (KIRST, 2017, p. 89).

Hoje, a programação da Caxias engloba jornalismo, esporte e música. A atual grade de programação é formada pelos seguintes programas:

Quadro 1 - Programação da Rádio Caxias

| | |
|-----------------------------|--------------|
| Caxias Musical | 00h às 05h |
| Bom Dia Caxias | 05h às 06h30 |
| Jornal da Caxias | 06h30 às 09h |
| Persona | 09h às 11h |
| Giro Esportivo | 11h às 11h50 |
| Comentário do Dia | 11h50 às 12h |
| Jornal do Meio-Dia | 12h às 13h |
| Campo Neutro | 13h às 14h |
| Studio 93 | 14h às 16h |
| Repórter Caxias - 1ª Edição | 16h às 17h |
| Esportes na Onda | 17h às 18h30 |
| Repórter Caxias - 2ª Edição | 18h30 às 19h |
| Caxias Musical | 19h às 20h |
| Zona Mista | 20h às 22h |
| Boa Noite Caxias | 22h às 23h |

Fonte: Adaptado do site da Rádio Caxias

Além desses programas, a Rádio Caxias tem ainda a “Jornada Esportiva”, que transmite os jogos da Dupla Ca-Ju.

A relação da Rádio Caxias com a identidade cultural do município pode ser resumida no *slogan* adotado pela emissora em 2012: “Sempre Contigo”. Para Kirst o *slogan* representa diversas simbologias: “a tradição de sete décadas, a evolução

junto com a sociedade, a preocupação com o conteúdo local e a presença em variadas plataformas” (KIRST, 2017, p. 91).

Além da emissora, Caxias do Sul conta ainda com a atuação de outras dez rádios, em frequência AM e FM. São elas: a Rádio Gaúcha Serra FM, a Rádio Mãe de Deus FM, a Rádio Tua Voz AM, a Rádio Viva FM, a Rádio Atlântida FM, a Rádio São Francisco AM, a Difusora Caxiense AM, a Rádio Maisnova FM, a Rádio UCS FM e a Rádio Cidade AM.

3.3.1 Esporte na Rádio Caxias

Desde o início da trajetória da Rádio Caxias o esporte esteve presente e ajudou a criar um elo entre a emissora e a comunidade ao dar destaque ao desporto local. O Departamento de Esportes da rádio teve início em novembro de 1946, quando foi ao ar pela primeira vez o programa “Esportes na Onda”, que segue na grade de programação até hoje. O programa serviu de ensaio para as transmissões futebolísticas, que tiveram início no ano seguinte.

O esporte, em especial o futebol, ganhava desde cedo espaço nobre na programação da rádio, e a principal atração era o acompanhamento do Campeonato Municipal, disputado naquele fim da década de 40 por três equipes: Juventude, Flamengo² e Fluminense³ (KIRST, 2017, p. 34- 35).

O esporte seguiu como um dos carros chefes da emissora. Em 1950, como conta Kirst (2017), a Caxias surpreendeu os ouvintes ao retransmitir para a cidade jogos da Copa do Mundo, sediada no Brasil pela primeira vez. Foram irradiados direto de Porto Alegre dois jogos disputados na capital gaúcha, México x Suíça e México e Iugoslávia. Ambos foram realizados no Estádio dos Eucaliptos.

A cobertura esportiva da emissora foi ampliada em 1961, quando o Campeonato Gaúcho foi unificado, sendo disputado pelos principais times da capital e do interior do estado. Entre eles, os caxienses Juventude e Flamengo. A Caxias, como destaca Kirst (2017), além das jornadas esportivas da capital gaúcha, realizadas desde 1950, passou a percorrer o estado com transmissões frequentes a

² Antigo nome da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

³ O Grêmio Esportivo Fluminense está inativo atualmente.

partir de Bagé, Pelotas, Rio Grande e outras cidades distantes. “Essa ação reforçou o elo com a comunidade, pois foi sendo criada a tradição de acompanhamento constante do futebol local que, ao longo do tempo, se cristalizou como uma marca de Caxias” (KIRST, 2017, p. 47).

A segunda metade da década de 90 foi marcante para o Departamento de Esportes da Rádio Caxias. O período foi de ascensão do futebol da cidade, o acesso do Juventude à Série A do Campeonato Brasileiro, e a consequente reação do rival S.E. R Caxias, fizeram com que se atingissem situações inéditas, como a conquista do Campeonato Gaúcho em 1998 pelo Juventude e em 2000 pelo Caxias, e o título alviverde da Copa do Brasil de 1999 (KIRST, 2017).

Os títulos foram uma espécie de coroação ao trabalho da emissora, que por mais de sete décadas tem a defesa ao esporte local como objetivo. “Toda uma geração de profissionais ficou marcada por cruzar o estado e o País para reportar aqueles momentos épicos” (KIRST, 2017, p. 76)

A rádio também teve participação em eventos internacionais. A emissora enviou profissionais para a cobertura do Mundial de Futsal de 1996, na Espanha; para a Copa América de 1997, na Bolívia; e para a Copa do Mundo de 1998, na França (KIRST, 2017).

A cobertura esportiva segue como uma das principais características da programação da Rádio Caxias. Hoje, quatro programas esportivos fazem parte da grade da emissora. O primeiro a ir ao ar é o Giro Esportivo (11h10 às 11h50). A programação segue com o Campo Neutro (13h às 14h), no ar há mais de 30 anos. O Esportes na Onda, que segundo Kirst (2017) é o mais tradicional do rádio brasileiro, faz parte da grade desde 1946, e vai ao ar das 17h às 18h30. Por fim, o Zona Mista, das 20h às 22h. Além disso, a Caxias tem setoristas nos estádios Centenário e Alfredo Jaconi. A cobertura do Departamento de Esportes inclui ainda a Jornada Esportiva, que transmite os jogos da Dupla Ca-Ju. A Rádio Caxias é a única emissora da cidade a transmitir todos os jogos de Juventude e Caxias, independente de onde sejam realizadas as partidas.

CAPÍTULO 4

*"O futebol é o ópio do povo e o
narcotráfico da mídia."*

Millôr Fernandes



4 RADIOJORNALISMO

A notícia sempre esteve presente no rádio. Desde o início das experiências radiofônicas buscou-se por informar algo. É através do rádio que muitas pessoas recebem a primeira notícia do dia, seja as principais manchetes da manhã, a informação de como está o trânsito no caminho do trabalho ou como findou a última rodada das competições esportivas. As ondas do rádio “transportam”/sintonizam informações, entretenimento, serviço e muito mais.

Este capítulo abordará como o radiojornalismo se desenvolveu no Brasil, com detalhes em relação às suas dificuldades iniciais e o caminho percorrido até conquistar a credibilidade com o público. Será explanada também a história e as características do radiojornalismo esportivo, tendo como foco o futebol. Além disso, o capítulo abordará alguns dos objetos de estudo dessa monografia, como as jornadas e transmissões esportivas.

4.1 RADIOJORNALISMO NO BRASIL

O radiojornalismo pode ser considerado como a notícia em tempo real. Essa afirmação é de Salomão (2003), que destaca que foi o rádio quem fez surgir a condição do ao vivo. O meio radiofônico “criou para o público a possibilidade de receber a notícia de maneira imediata, instantânea” (SALOMÃO, 2003, p. 79).

No entanto, conforme Salomão (2003), o que se ouviu no início do radiojornalismo foi uma espécie de jornal impresso lido em voz alta. Sem uma linguagem própria do jornalismo de rádio, as emissoras ficavam presas às notícias publicadas em jornais impressos e as liam sem mudanças ou adaptações no formato da escrita (SALOMÃO, 2003). Foi só na década de 30 que o rádio passou a ter uma linguagem própria.

A constituição de uma linguagem própria para o jornalismo no rádio brasileiro deu-se a partir da importação de modelos de noticiários produzidos em outros países da América Latina e os Estados Unidos, com uma adaptação para o rádio brasileiro que já no início da década de 30 atingia uma razoável, mas ainda contida popularidade (SALOMÃO, 2003, p. 79-80).

De acordo com Ferraretto (2001), foi durante a Segunda Guerra Mundial que a importância do radiojornalismo cresceu, impulsionado, principalmente, pelo Repórter Esso. O noticiário foi ao ar pela primeira vez no dia 28 de agosto de 1941. “De início, a Nacional, no Rio, e a Record, em São Paulo, transmitiam o informativo que, em julho do ano seguinte, estende-se para o Rio Grande do Sul (Farroupilha), Minas Gerais (Inconfidência) e Pernambuco (Jornal do Comércio)” (FERRARETTO, 2001, p. 127).

A maior contribuição do Repórter Esso para o radiojornalismo brasileiro, como conta Ferraretto (2001), foi a introdução de uma nova linguagem, com um modelo de texto “linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado” (FERRARETTO, 2001, p. 127).

O Esso era o principal noticiário daquela época e um dos exemplos da credibilidade que ele tinha com o público ocorreu no fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Salomão (2003), foi a Rádio Tupi quem noticiou por primeiro o fim do conflito, no entanto, a população só comemorou o término da guerra quando noticiado pelo Repórter Esso.

Conforme Ferraretto (2001), o noticiário ficou na Rádio Nacional até 1962, quando se transferiu para Globo. Sua última edição foi no dia 31 de dezembro de 1968, depois de quase três décadas no ar. Além do Esso, ainda na década de 40, surgiu o primeiro radiojornal brasileiro: o Jornal Falado Tupi, da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Segundo Jung (2004), o programa foi idealizado por Auriphebo Simões e aperfeiçoado por Armando Bertoni e Coripeu de Azevedo Marques. Um dos diferenciais do noticiário era a participação de quatro locutores, “a estratégia oferecia ao ouvinte mais agilidade na informação” (JUNG, 2004, p. 34).

Os modelos de síntese noticiosa e radiojornal, respectivamente, do Repórter Esso e do Jornal Falado Tupi, conforme Ferraretto (2001), auxiliaram na reestruturação da radiodifusão sonora brasileira nos anos seguintes ao surgimento da televisão. Já Jung (2004), destaca que há semelhanças desses programas nos noticiários atuais.

A fórmula implantada quando o jornalismo começava a surgir no rádio brasileiro permanece mais de oitenta anos depois. É possível encontrar uma mudança aqui, outra acolá, mas às ideias apresentadas aos ouvintes pelo Esso, com a síntese noticiosa, e pela Tupi, com o jornal falado, ainda são referências na programação radiofônica (JUNG, 2004, p. 35).

Com o surgimento da televisão, na década de 50, a radiodifusão precisou buscar uma alternativa para a migração do espetáculo do rádio para a televisão. De acordo com Ferraretto (2001), esse caminho se estruturou no jornalismo, esporte e prestação de serviço à população, modelo que se consolidou nas duas décadas seguintes. O autor destaca que quatro rádios exemplificavam bem o momento vivido pelo rádio nacional: a Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro; a Jovem Pan e a Bandeirantes, de São Paulo; e a Guaíba, de Porto Alegre.

De acordo com Jung (2004), além de apostar no tripé jornalismo, esporte e entretenimento, com destaque à música gravada, o rádio investiu na reportagem. Foi durante esse período que surgiu a figura do repórter de rua. Acompanhar os fatos e transmiti-los em tempo real foi a estratégia encontrada pelas emissoras de rádio para recuperar o prestígio e competir com a televisão (JUNG, 2004).

“Jornal e rádio fizeram ‘tabelinha’ de excelente resultado ao longo da história” (JUNG, 2004, p. 36). A relação entre eles era tão forte que não demorou muito para as emissoras de rádio se aventurarem em programações voltadas, em sua maioria, ao jornalismo.

Segundo Ferraretto (2001), os acontecimentos das décadas de 80 e 90, em virtude do interesse em relação às mudanças políticas e econômicas, reforçaram o caráter informativo do rádio brasileiro. O modelo escolhido foi o “norte-americano de rádio totalmente voltado à veiculação de notícias, o chamado formato *all news*” (FERRARETTO, 2001, p. 172).

A pioneira foi a Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, que investiu em uma programação quase que exclusivamente voltada à notícia. Entretanto, como destaca Jung (2004), a emissora não estava preparada para as novas exigências e teve que deixar de lado o modelo seis anos depois do lançamento. No Rio Grande do Sul quem se destacou foi a Rádio Gaúcha, da Rede Brasil Sul (RBS).

A experiência dos gaúchos, contudo, ainda não era o *all news*, como nos Estados Unidos. Não havia música, mas os programas eram do estilo *talk show*, com muita entrevista e pouca reportagem, ou como seus próprios diretores definiram certa vez, usavam o modelo *talk and news* (JUNG, 2004, p. 43).

Apesar da contribuição da *Jornal do Brasil* e da *Rádio Gaúcha* foi apenas na década de 90 que o sistema de jornalismo em tempo integral constitui-se no rádio brasileiro (JUNG, 2004). Em 1991, a *Excelsior* de São Paulo e a *Eldorado* do Rio de Janeiro se transformaram em *Central Brasileira de Notícias* (CBN). A CBN, do Sistema Globo de Rádio, era uma cadeia de emissoras voltadas ao jornalismo 24 horas por dia (FERRARETO, 2001).

4.1.1 Radiojornalismo esportivo no Brasil

O esporte é um assunto muito presente em diversos meios de comunicação e no rádio isso não é diferente. De acordo com Ferraretto (2014), a importância do esporte nas grandes emissoras do país pode ser confirmada pela seguinte constatação: “o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários” (FERRARETTO, 2014, p. 148).

Entretanto, os primeiros anos da relação entre esporte e rádio foram difíceis⁴. Como destaca Prado (2012), presidentes e dirigentes dos clubes de futebol chegaram a ser contra as transmissões de jogos, alegando que o rádio esvaziaria os estádios, no entanto, ao contrário disso, o rádio, não só aumentou o contato da população com o esporte, como fez com que os estádios lotassem ainda mais.

A linguagem radiofônica também era um empecilho para o esporte no rádio. Conforme Barbeiro e Rangel (2006), em 1932, no início das transmissões esportivas, a linguagem usada era a da emoção e os locutores gritavam para demonstrar a explosão do gol. A narração, de acordo com Prado (2012), tinha a função de fazer o ouvinte “ver” o que estava acontecendo no campo. A autora também destaca que na época não tinham números nos uniformes o que obrigava o narrador a decorar a fisionomia dos jogadores.

⁴ A fim de exemplificar esse aspecto falaremos diretamente do futebol.

O profissionalismo do futebol e o aprimoramento do rádio nas transmissões esportivas criaram uma relação ainda mais próxima entre ambos. “O rádio serviu para levar o futebol a mais pessoas, enquanto o esporte popularizou o veículo de massa que ainda era jovem” (PRADO, 2012, p. 85).

O esporte serviu também como uma das alternativas que o rádio encontrou para se recuperar do abalo sofrido com o surgimento da televisão (FERRARETTO, 2001). Os títulos da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo da Suécia, em 1958, e do Chile, em 1962, segundo Ferraretto, impulsionaram a cobertura e as transmissões esportivas no rádio.

No fim dos anos 70, como conta Coelho (2001), as rádios davam *show* aos domingos com transmissões esportivas nas principais capitais do Brasil. O autor destaca que a disputa entre as rádios envolvia a concorrência entre anunciantes, audiência e locutores. Durante esse período, segundo Ferraretto (2014), o trabalho do repórter esportivo era caracterizado por uma mistura de informação e opinião. A partir disso, surgiu a expressão cronista esportivo e a busca pela notícia ganhou mais espaço, “no cotidiano do repórter, a opinião deu lugar à interpretação” (FERRARETTO, 2014, p. 151).

Para Ferraretto (2014), o esporte constitui-se em um assunto tão relevante para a cobertura jornalística que nas grandes emissoras há uma área organizacional própria, com predominância do futebol e, em menor proporção, esportes como automobilismo, vôlei, basquete, boxe, judô, tênis e surfe. No Quadro 2, a seguir, verificamos as principais funções do setor esportivo de uma emissora de rádio, conforme Ferraretto.

Quadro 2 - Funções do setor esportivo

(continua)

| | |
|--------------------------------|--|
| Coordenador de esportes | Gerencia toda a atividade do setor, orientando a cobertura dos clubes e de entidades ligadas ao esporte. Organiza eventos como jogos, corridas e outras atividades esportivas. Contata empresas de telecomunicações, viabilizando os meios necessários para as transmissões. |
| Narrador | Responsável por segurar a transmissão dos eventos esportivos, descrevendo detalhes, fornecendo uma visão do que acontece ao ouvinte, usando emoção e informação. |

(conclusão)

| | |
|--------------------------|--|
| Comentarista | O elemento de opinião. No dia a dia possui um espaço fixo na programação. Durante a transmissão analisa, sugere, opina e crítica o que está ocorrendo. |
| Repórter | Desse profissional exige-se especialização. Na cobertura diária trabalha como setorista, acompanhando o clube, entidade ou esporte. Na transmissão assume a função de repórter de campo, próximos ao lances ou acompanhando as manifestações dos torcedores. |
| Plantão esportivo | Responsável por dar informações adicionais ao longo da transmissão, como campanhas de uma agremiação ou atleta, além de resultados paralelos ao do evento narrado. |
| Apresentador | Conduz os programas esportivos diários. Essa função, geralmente, é exercida pelo narrador, comentarista, plantão ou repórter. |
| Produtor | Responsável pela produção dos programas esportivos. |
| Estagiário | Responsável por acompanhar as transmissões de emissoras concorrentes, conferir notícias em portais da internet, organizar informações e auxiliar na produção. |

Fonte: Adaptado do livro de Ferraretto (2014).

Para Barbeiro e Rangel (2006), a cobertura esportiva também constitui-se como prestação de serviço e não pode ser vista com menor importância que outras áreas do jornalismo. “A prestação de serviço deve ter a mesma qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade de qualquer matéria” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 60). Segundo os autores, é por meio da cobertura esportiva que o torcedor busca informações como preço dos ingressos, local de venda, horários dos jogos, trânsito a caminho do estádio, além de informações diretamente relacionadas a seu time, como escalação, desfalques, suspensões.

Barbeiro e Rangel (2006), destacam ainda que as informações de prestação de serviço tem influência direta na vida dos torcedores e que um erro pode trazer consequências imediatas e muitas vezes graves.

4.1.1.1 O espetáculo das transmissões esportivas

O jornalismo esportivo, além de uma cobertura diária, envolve também a transmissão ao vivo de eventos esportivos. Para Ferraretto (2014), isso implica, não apenas na necessidade de conhecimentos em relação à legislação e do cotidiano de atletas, de clubes e entidades, mas também na complexidade da cobertura, que obriga o profissional atender a uma série de detalhes no dia a dia de uma emissora.

Se no noticiário os critérios jornalísticos fazem as informações penderem para uma paixão mais genérica pelo esporte em si, na transmissão de um jogo de futebol ou de qualquer outra competição, com menor ou maior força, dependendo da penetração deste ou daquele esporte, a narrativa aproxima-se em muito do ponto de vista do torcedor (FERRARETTO, 2014, p. 148).

O momento mais importante da cobertura esportiva é transmissão lance a lance de uma competição esportiva. Segundo Ferraretto (2014), nela há uma mescla de planejamento e improviso. O autor discorre que tudo que pode ser previsto com antecedência deve ser providenciado. A descrição do fato cabe ao narrador, o trabalho desenvolvido na transmissão é complementado por repórteres, comentaristas e, se houver, pelo plantão. Esse trabalho, geralmente, é denominado como jornada esportiva.

Conforme Prado (2012), as primeiras transmissões esportivas eram feitas apenas pelo narrador e o intervalo era ocupado por músicas. A autora destaca que os comentários e análises foram criados devido ao medo que as rádios tinham de que o ouvinte trocasse de estação. Falar sobre o que havia acontecido no primeiro tempo era uma forma de manter o torcedor para a segunda etapa.

As transmissões foram se aperfeiçoando e chegaram ao modelo que as emissoras seguem atualmente. De acordo com Ferraretto (2014), a mecânica de uma cobertura esportiva ocorre em quatro fases: (1) abertura, (2) jogo em si, (3) intervalo e (4) encerramento.

A abertura de uma transmissão esportiva inicia-se com um esquema previamente desenvolvido e demarcado pelo anúncio de patrocinadores. Em seguida, o narrador dá continuidade aos acontecimentos; os repórteres trazem

informações de pré-jogo e complementares e dados sobre os times fornecidos pelo plantão; o comentarista analisa as escalações, escolhas do treinador e situa o ouvinte ainda mais; A dinâmica tem tom de conversa informal, embora pautada por critérios noticiosos (FERRARETTO, 2014).

Com a bola rolando, o foco é o narrador. Há um apelo constante à sensoriedade do ouvinte e a descrição lance a lance do que está ocorrendo no estádio. O narrador se concentra no setor no qual está a bola; o repórter dá um *close* no lance, o detalhando para o ouvinte; o comentarista análise o decorrer do jogo; e o plantão traz informações complementares. A forma de descrever o gol varia de acordo com o narrador, no entanto, conforme Ferraretto (2014), há uma estrutura básica para o momento do gol.

1. a narração do lance; 2. as observações do repórter postado atrás da goleira ou do que estiver mais próximo desta; 3. a análise do comentarista; 4. a intervenção do plantão com informações quantitativas sobre o gol e quem o marcou (FERRARETTO, 2014, p. 153).

De acordo com o autor, a informação sobre a duração e placar da partida é outro aspecto importante da transmissão e, geralmente, é repetida de três a cinco vezes em cada etapa do jogo.

Ao soar o apito que encerra o primeiro tempo os repórter entram no gramado para entrevistar os jogadores. O tempo é ocupado pelo plantão esportivo, com informações sobre outros jogos, e pela análise do comentarista. Antes da volta das equipes para a segunda etapa, os repórteres informam, se preciso, as alterações nos times. O intervalo é também uma oportunidade para o torcedor se manifestar (FERRARETTO, 2014).

O encerramento segue a mesma dinâmica do intervalo. Os repórteres vão em busca de novas entrevistas, o plantão traz informações sobre a situação dos clubes após o jogo e o comentarista analisa a partida (FERRARETTO, 2014).

O jogo de futebol é um evento importante para o torcedor e a narração acompanha essa premissa. Ferraretto (2014) explica que os narradores de futebol podem se dividir em duas escolas: a denotativa e conotativa.

Na escola denotativa “predomina a descrição calcada no significado dicionarizado das palavras usadas. A emoção está na voz e na descrição do lance” (FERRARETTO, 2014, p. 154). Na escola conotativa é mais comum o uso de figuras de linguagem, gírias, metáforas e bordões.

Narrar um jogo é uma forma de, não só informar e descrever os fatos, mas de animar os ouvintes (FERRARETTO, 2014). O narrador de rádio tem a missão, segundo Barbeiro e Rangel (2006), de transportar o torcedor para dentro do estádio, por isso que a narração é tida como um espetáculo.

CAPÍTULO 5

"O futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante que isso..."

Bill Shankly



5 FUTEBOL

Brasil, o país do futebol. A partida até a conquista desse título foi longa. Nascido como elite, o esporte precisou se soltar de amarras sociais para buscar a popularização. A vitória foi certa e o esporte se tornou um dos mais populares e com mais adeptos no país.

Entre as características que fazem do Brasil o país do futebol está o fato de ser a única seleção a participar de todas as edições da Copa do Mundo e de ser a maior campeã, com cinco títulos. E claro, pelo fato de os reis do futebol serem brasileiros, o Rei Pelé e a Rainha Marta. Mas não só isso, o futebol se desenvolveu em comunhão à identidade nacional. O Brasil respira futebol, em todos os estados existem times profissionais e amadores, estádios modernos e de várzea e milhões de torcedores apaixonados.

Este capítulo abordará momentos importantes do desenvolvimento do futebol no Brasil, desde o surgimento com caráter elitista à popularização com a inserção de jogadores negros. Além disso, falará da relação entre esse esporte e a identidade nacional.

5.1 FUTEBOL NO BRASIL

Há diversas teorias sobre como o esporte, que se tornaria um dos mais populares do mundo, se desenvolveu. Conforme Trevisan (2019), não se sabe ao certo quando e onde o futebol surgiu, mas diversas versões dizem que a primeira vez que se jogou futebol foi na China, cerca de 2.5 a.C. Também existem relatos que colocam os povos maias como responsáveis pelo pontapé inicial do esporte durante a era pré-cristã. A atividade chegou à Itália, onde era praticado o *calcio storico fiorentino*, disputado com duas equipes de 27 jogadores, que tinham como objetivo levar a bola até o bairro adversário. O esporte foi crescendo e chegou à Inglaterra, país responsável por definir as primeiras regras (TREVISAN, 2019).

No Brasil também existem diferentes versões para a chegada do esporte no país. Uma delas, de acordo com Witter (1996), diz que as primeiras partidas teriam sido praticadas nos litorais de Pernambuco e de Santos, por marinheiros

estrangeiros. No entanto, o desenvolvimento do futebol no país está diretamente ligado ao nome de Charles Miller.

O brasileiro, ainda na infância, foi estudar na Inglaterra, onde teve o primeiro contato com o desporto. Em 1894, retornou ao seu país natal e trouxe consigo o futebol, além de duas bolas, um par de chuteiras, uniformes usados, uma bomba de ar e um livro com as regras do esporte. O empenho de Miller em transformar o futebol em paixão nacional deram rápidos resultados e um ano após seu regresso ocorreu a primeira partida de futebol em solo nacional, entre Gas Company of São Paulo e São Paulo Railway Company (TREVISAN, 2019).

Não demorou para surgir os primeiros clubes do país. Witter (1996), destaca que os pioneiros, e nos quais os principais jogadores da época atuavam, foram o São Paulo Athletic, Mackenzie e Internacional. Depois surgiram outros como Germânia, Sport Club Corinthians Paulista, Juventus, Palestra Itália, Ipiranga, Clube Atlético Paulistano e São Paulo Railway (SPR). O interesse pelo futebol cresceu rapidamente e clubes foram surgindo por todos os estados do país. O Rio Grande F. C e a Ponte Preta, ambos de 1900, disputam o posto de terem sido o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática do futebol (WITTER, 1996).

As primeiras décadas do século XX foram de consolidação do esporte bretão, como era chamado. Nesse período, conforme Witter (1996), surgiram alguns dos principais clubes do país, como os cariocas Fluminense (1902), Flamengo (1911) e Vasco da Gama; e os gaúchos Grêmio (1903) e o Internacional (1909).

O período foi marcado também pela disputa entre o elitismo e a popularização. Witter (1996), relata que inicialmente o futebol era praticado por jovens ricos. Era preciso ter recursos para adquirir os materiais para a prática do esporte, o que fez das classes privilegiadas as responsáveis pela consolidação do futebol no país.

A democratização do futebol ocorreu na década de 20, quando a questão social começava a ganhar força. Magalhães (2010), destaca que, assim como havia ocorrido na Inglaterra, o futebol se tornou uma válvula de escape para as classes trabalhadoras. Foi nesse período que começou a ocorrer a substituição dos rapazes ricos pelos operários das fábricas e pelos negros, que até então era proibida (WITTER, 1996).

A inserção de jogadores negros e a democratização deu início a um importante debate para o seguimento do futebol no país: a profissionalização. De acordo com Magalhães (2010, p. 18), “geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização”.

Nesse cenário ocorreram as três primeiras edições da Copa do Mundo, realizadas em 1930, 1934 e 1938. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial interrompeu a sequência dos campeonatos mundiais. Segundo Witter (1996), apesar dos problemas e dificuldades dos anos de Guerra, no Brasil, o que se viu foi um progresso no campo esportivo com o futebol firmando-se no cenário mundial.

A prática esportiva pelo mundo recomeçou em 1950, com a Copa do Mundo sediada no Brasil pela primeira vez. Conforme Witter (1996), o evento foi marcante para o país, que vivia um momento de desenvolvimento com a construção do Maracanã, um dos principais estádios de futebol do mundo. Entretanto, nos gramados a Copa não foi nada boa para o Brasil, que acabou derrotado pelo Uruguai na final, em pleno Maracanã.

Entres os anos de 1950 e 1970 ocorreram mudanças no futebol, não apenas em relação aos jogadores, mas também na prática do esporte e na preparação dos atletas. O esporte desenvolveu-se e os conhecimentos científicos na área esportiva aperfeiçoaram-se. Os clubes tiveram que fortalecer o profissionalismo, sendo obrigados a criar diferentes departamentos, como médicos, massagistas e preparadores físicos.

Não era suficiente “ser craque” e não suportar uma partida de noventa minutos. Era imprescindível que o jogador fosse se aprimorando e que pudesse demonstrar a sua capacidade física. Os treinadores e dirigentes do futebol apostavam cada vez mais num jogo mais racional, mais estudado (WITTER, 1996, p. 27).

Foi nessa mesma época que o Brasil viveu um de seus melhores momentos dentro de campo: o tricampeonato mundial. O primeiro título veio em 1958, na Suécia, quando os brasileiros derrotaram os donos da casa por 5 a 2. O bom futebol continuou na edição seguinte, realizada em 1962, no Chile. A Seleção conquistou o

bicampeonato, ao derrotar a Tchecoslováquia por 3 a 1. O tricampeonato ocorreu anos mais tarde, em 1970, no México. Na ocasião, o Brasil se tornou a única seleção a vencer três Copas do Mundo ao derrotar a Itália, que também havia conquistado dois títulos.

Depois dos anos estrelados a Seleção Brasileira enfrentou um jejum de títulos. O tetracampeonato foi conquistado apenas em 1994, nos Estados Unidos, mais uma vez contra a Seleção Italiana; e o pentacampeonato foi conquistado em 2002 contra a Alemanha, na copa do Japão e Coreia do Sul. Desde então a Seleção Brasileira não vence uma Copa do Mundo.

Voltando à história, conforme Magalhães (2010), nos anos 80 o futebol no país enfrentava uma crise financeira. A solução encontrada pelos clubes foi a venda de talentosos jogadores à Europa, estratégia comum no futebol moderno.

Esse aspecto se relaciona com as mudanças nas atitudes dos jogadores de futebol com o passar das décadas. Witter (1996), relata que os jogadores mais antigos eram mais fiéis e ligados emocionalmente aos clubes que defendiam. Algo diferente do que é visto no futebol moderno. “Na busca da independência econômica, os jogadores acabam se transferindo com muita frequência de uma equipe para outra, em função do montante de dinheiro que lhes é oferecido (WITTER, 1996, p.33).

Conforme Aquino (2002), dentro de campo também ocorreram mudanças. O autor destaca que nos anos 90, o Brasil deixou de lado o futebol-arte, que conquistou três Copas do Mundo, e entregou-se ao futebol-força, dominante nos times europeus. A ginga, a malandragem, o drible e a criatividade do futebol nacional, que encantará os amantes do futebol, passou a ser criticado e combatido pelos dirigentes, treinadores e imprensa esportiva. A mudança na postura dentro de campo foi introduzida desde às categorias de base, o que, de acordo com Aquino (2002, p. 110), “contribuiu para que não mais existam craques como um Zizinho, um Garrincha, um Pelé”.

É possível perceber que o desenvolvimento desse esporte se cruza com o desenvolvimento da sociedade brasileira. Praticado inicialmente pela elite, o futebol abriu espaço para a popularização, na qual brancos e negros, ricos e operários defendiam o mesmo lado. As transformações do futebol o tornaram fenômeno

mundial, sem se desprender de suas raízes. Como destacado por Witter (1996, p. 19) “surge então a magia desse ‘futebol arte’ que, com o tempo, conquista o mundo, por continuar a ser, apesar de cada vez mais técnico, encantadoramente ‘moleque’”.

5.2 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

O futebol não foi apenas um espectador das mudanças culturais do país. Esse esporte, além de fazer parte da identidade nacional, foi reflexo da sociedade brasileira. Conforme Guterman (2009), o futebol não só representa a identidade nacional como também dá significados aos desejos dos brasileiro. Trata-se de uma relação tão forte que por vezes acaba sendo considerada parte da natureza do país.

Quando o esporte começou a ser praticado no Brasil fazia pouco tempo que havia ocorrido a abolição da escravatura. O racismo, que ainda era muito forte na sociedade, marcou, negativamente, os primeiros anos do futebol nacional. De acordo com Guterman (2009, p. 37), “a fase de transição do futebol coincidiu com a da própria sociedade brasileira”. A primeira década do século XX terminou com o conflito entre o elitismo e a popularização, com o ingresso de jogadores negros, o que mudou o cenário do futebol nacional. Isso ocorreu graças a influência de Arthur Friedenreich.

Filho de um judeu alemão e de uma ex-escrava, Fried, como era chamado, foi o primeiro herói do futebol nacional. Ironicamente, foram os traços negros que distinguiram o jogador. “O mulato jogava bola como nenhum outro de sua época, enquanto os olhos verdes e o sobrenome alemão eram passaporte para o mundo dos brancos” (GUTERMAN, 2009, p. 43). A presença do negro não era constante no futebol e a barreira racial ainda era forte. Fried tentou esconder seus traços negros alisando o cabelo. No entanto, ele não era o único. Carlos Alberto, também negro, passava pó de arroz no rosto para disfarçar a cor (GUTERMAN, 2009).

As barreiras raciais entre sociedade e futebol começaram a ser rompidas no Sul-Americano de 1919. O campeonato foi disputado por Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. A decisão foi entre Brasil e Uruguai. Foi de Fried o gol que levou o país ao seu primeiro título internacional. Esse gol foi um divisor de águas para o futebol no país.

A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos e brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam (GUTERMAN, 2009, p. 46).

De acordo com Negreiros (2003), é possível compreender por meio do futebol aspectos culturais que marcaram a história do Brasil. Para o autor, o futebol se antecipou em muitas das rupturas ocorridas no país.

No processo de popularização desse esporte, por exemplo, a maior parte dos brasileiros começava a conquistar um espaço dentro do futebol, cujo acesso não lhe era permitido. Também as questões raciais fizeram do futebol um lugar especial de debates, no qual vários preconceitos arraigados foram postos à prova, ainda que não plenamente superados. Graças ao futebol, em grande parte, afloraram discussões acerca do papel do negro dentro da sociedade brasileira (NEGREIROS, 2003, p. 123).

O autor destaca ainda que pensar o futebol, a partir da década de 20, com as multidões ocupando os espaços desse esporte, possibilita a compreensão das relações que foram estabelecendo-se entre as classes populares e as elites econômicas, culturais e políticas. Mesmo que não se concorde com a concepção de que o futebol foi um democratizador social no país, foi quando o negro conquistou seu espaço no esporte que a discussão passou para outros aspectos da sociedade nacional (NEGREIROS, 2003).

No final dos anos 30, o futebol tornou-se uma atividade ainda mais apaixonante e envolvia cada vez mais brasileiros. Conforme Negreiros (2003), foi nessa época que um evento esportivo reforçou a relação entre a identidade nacional, o futebol e o surgimento do sentimento de “nação”: a Copa do Mundo de 1938, realizada na França. O autor relata que o esporte se articulou com a sociedade brasileira, a ponto de fazer da Copa do Mundo um momento de destaque na construção da identidade nacional.

O desporto já era o esporte mais popular no país, com a Copa do Mundo de 1938, essa condição alcançou níveis ainda mais altos. A Copa daquele ano aflorou ainda mais a paixão e o envolvimento da sociedade e o esporte. O futebol adquiriu o papel de articulador da união nacional.

Esse momento de Copa contribuiu, de forma decisiva, para fazer com que o futebol aumentasse os seus vínculos com a sociedade brasileira. Essa competição, além de aumentar a paixão pelo futebol, foi capaz de suscitar inúmeras questões acerca da própria concepção de nação. Pessoas das mais diferentes regiões do país mostraram-se atentas e solidárias para com o destino do futebol do Brasil (NEGREIROS, 2003, p. 143).

A Copa do Mundo ainda é capaz de gerar esse sentimento nas pessoas. Os torcedores mais ávidos deixam seus clubes de lado, mesmo que por pouco período de tempo, para defender sua “nação”. E mesmo aqueles que não gostam muito do esporte se veem imersos no sentimento nacionalista que invade as ruas. Negreiros (2003) destaca o ritual que ocorre em cada participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. Os torcedores buscam chegar cedo em casa, ou no local onde assistirão aos jogos, com medo de perder algum momento importante. As pessoas acompanham as partidas em grupo, seja com familiares, amigos, vizinhos. Comida, bebida, camisas verde e amarelas e bandeiras ficam a postos. “Não há espaço para as atividades produtivas. Numa verdadeira vigília cívica, o país para” (NEGREIROS, 2003, p. 122).

Conforme Rinaldi (2000), o futebol continua sendo um importante elemento da cultura brasileira. Enquanto fenômeno social, esse esporte sempre esteve em concordância com a forma da sociedade organizar-se. Para o autor o futebol é uma expressão da manifestação cultural da sociedade brasileira.

O termo “o país do futebol”, mesmo que utópico, diz muito sobre a relação entre o esporte e a identidade nacional. De acordo com Franco Júnior (2013), o termo surgiu, depois de certa hesitação, com a popularização do esporte, que fez alguns intelectuais vê-lo como expressão da nacionalidade.

[...] as virtudes desta seriam as virtudes daquele, o estilo de jogar brasileiro baseado no talento individual, na improvisação e na exuberância decorreria da sociedade mestiça na qual cada um precisa contar com sua astúcia para sobreviver diante da frágil organização coletiva. Sendo a mestiçagem étnica e cultural brasileira única no mundo pela sua amplitude, o futebol que ela praticava também era único, o que justificava, mesmo antes de surgir a etiqueta, falar em “país do futebol” (FRANCO JÚNIOR, 2013, p. 54).

O autor destaca ainda que apesar de certa resistência inicialmente, a identidade brasileira passou a ser construída, em boa parte, em torno do futebol. Desde o surgimento do esporte no país, a sociedade brasileira refletia seus anseios

no futebol, e vice-versa. Os laços entre esporte e sociedade seguem até os dias de hoje. E os aspectos sociais são facilmente percebidos dentro das quatro linhas e também nas arquibancadas.

CAPÍTULO 6

*"Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua, futebol
se joga na alma."*

Carlos Drummond de Andrade



6 ANÁLISE

A finalidade desta monografia é analisar como as transmissões de jogos de futebol contribuem para o fortalecimento do futebol do interior gaúcho, com foco na atuação da Rádio Caxias no fortalecimento do futebol local, por meio do método conhecido como análise de conteúdo. A terceira fase da análise de conteúdo, conforme Bardin (2000), corresponde a exploração dos resultados. Neste capítulo será realizado o tratamento dos resultados obtidos com base na interpretação dos dados, correspondentes aos capítulos anteriores.

A partir disso, serão analisados as três transmissões de futebol escolhidas como objetos de estudo deste trabalho monográfico, são elas:

Transmissão 1: jogo de futebol entre Grêmio e Caxias, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020;

Transmissão 2: jogo de futebol entre Juventude e Internacional, na abertura do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020;

Transmissão 3: jogo de futebol entre Caxias e Grêmio, no final da Taça Ewaldo Poeta, primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020;

Em virtude da extensão das transmissões, optou-se por analisar fragmentos do *corpus*, que serão descritos ao longo da observação através da decupagem. A gravação das partidas analisadas na íntegra encontra-se disposta no Anexo C.

As transmissões de jogos de futebol, e também de outros esportes, englobam momentos anteriores, posteriores e durante as partidas. À vista disso escolheu-se analisar fragmentos correspondentes ao pré-jogo, gols, lances polêmicos e pós-jogo, como já descrito no segundo capítulo da monografia.

Sempre que houver a inserção de fragmentos da decupagem, os mesmos serão indicados pelo tempo correspondente à gravação. A fim de facilitar a leitura, segue uma lista com os principais símbolos que serão utilizados ao longo da análise.

- **(H)**: símbolo utilizado para indicar hora.
- **(')**: símbolo utilizado para indicar minuto.
- **(“)**: símbolo utilizado para indicar segundo.
- **(C)**: letra utilizada para indicar jogadores da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

- (**G**): letra utilizada para indicar jogadores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.
- (**I**): letra utilizada para indicar jogadores do Sport Club Internacional.
- (**J**): letra utilizada para indicar jogadores do Esporte Clube Juventude.

Após a análise das Jornadas Esportivas da Rádio Caxias, será feita uma análise acerca do questionário com os dirigentes de Caxias e Juventude, a fim de verificar se, como representantes dos clubes, eles percebem as transmissões esportivas da Rádio Caxias como um meio fortalecedor do futebol do interior gaúcho.

6.1 GRÊMIO X CAXIAS

Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul se enfrentaram no dia 22 de janeiro de 2020, no estádio Arena do Grêmio, em Porto Alegre, pela primeira rodada do primeiro turno do Campeonato Gaúcho. O jogo terminou com uma vitória do Caxias pelo placar de 2 a 0. A Jornada Esportiva da Rádio Caxias tem, na íntegra, duas horas, 23 minutos e 46 segundos.

A jornada esportiva inicia com uma ambientação do narrador Daniel Felix em relação ao jogo.

01'05" a 01'40": Daniel Felix: “Alô Caxias do Sul, alô Brasil [...]. Neste 22 de janeiro de 2020 começa a nossa Champions League, o nosso Campeonato Gaúcho, a principal competição dos pagos do sul do Brasil. E a Rádio Caxias sempre junto da Dupla Ca-Ju começa contar a história da S.E.R Caxias no Campeonato Gaúcho 2020.”

Na sequência o narrador faz uma espécie de comentário sobre a dificuldade do jogo e das pretensões do Caxias.

01'40 a 02'07: Daniel Felix: “É contra o Grêmio, adversário complicado, adversário difícil, mas não interessa, quem tem pretensão de chegar a algum lugar tem que passar por cima de toda e qualquer dificuldade. E é por isso que a Rádio Caxias, acreditando sempre na Dupla Ca-Ju, vem a Porto Alegre contar as emoções de Grêmio e Caxias, Caxias e Grêmio pelo Gauchão 2020, trazendo todas as emoções desse grande jogo de futebol [...]”.

A transmissão segue com que Ferraretto (2014) descreve como abertura. Conforme abordado no capítulo quatro, essa fase da transmissão tem como base uma série de conteúdos previamente elaborados. Nesse momento da transmissão é feita a citação dos patrocinadores, os repórteres trazem os principais destaques e escalafões das equipes e arbitragem e o plantão traz informações adicionais, como o histórico dos confrontos e outros jogos que estão sendo disputados. A produção desses conteúdos expressou um cuidado em demonstrar imparcialidade nas informações elencadas. Ao contrário da primeira fala do comentarista da partida, Luizinho da Veiga, que fez uma pequena análise apenas sobre o lado grená do confronto.

04'46" a 04'52": Luizinho da Veiga: “[...] que Caxias vamos ver nesse Gauchão? Hoje teremos aqui contra o Grêmio uma amostra”.

Com a bola rolando é o narrador que assume o protagonismo da transmissão. Logo nos primeiros instantes de narração observa-se que o narrador procura deixar explícito a identificação com o time da cidade.

18'08" a 18'22": Daniel Felix: “[...] apita o árbitro! A bola ‘tá’ rolando no Gauchão 2020 então deixa ela rolar, mete o pé e vai na fé Grená [...]”.

Essa busca pela identificação enquadra-se no que Salomão (2003) avalia como contratos de leitura no rádio. Os contratos de leitura estabelecem no ouvinte uma sensação de aproximação com o locutor e emissora, que leva a um sentimento de pertencimento, identificação e reconhecimento.

Durante a narração de um evento esportivo, o narrador, como destaca Barbeiro e Rangel (2006), além de descrever o que está acontecendo dentro das quatro linhas, expõe, relata, observa e comunica as ações do jogo. Os autores destacam que é preciso manter um distanciamento crítico, sem deixar transparecer o entusiasmo por uma das equipes. No entanto, conforme Ferraretto (2014), é natural que a emissora transmita a partida pelo viés de seu ouvinte. A afirmação do autor justifica a postura de Daniel Felix, que deixa de lado o distanciamento crítico citado por Barbeiro e Rangel (2006) e narra com mais entusiasmo e emoção os lances de perigo do Caxias, como pode ser percebido na decupagem que descreve em sequência um lance de ataque do Grêmio e outro do Caxias.

21'09" a 21'30": Daniel Feliz: “[...] a bola vem para Victor Ferraz (G) pela ponta direita, colocou na zona central do gramado, tentativa era do tricolor que acaba perdendo, a bola volta para o Caxias. A bola vem para Diogo Oliveira (C), entrega a bola para Tilica (C), já passou pela marcação, vamo lá Tilica, vamo lá Caxias, a bola esticada pelo Tilica, abriu pela ponta direita, pintou o gol grená, a bola chegou e o jogo vai ser parado com falta [...]”.

Quando o narrador usa as expressões “vamo lá Caxias” e “pintou o gol grená”, é possível perceber a preferência pela equipe de Caxias do Sul.

A explosão de emoção usada pelo narrador, repórter e comentarista na sequência de lances de perigo e do primeiro e segundo gol do Caxias é outro exemplo de como a emissora decide não optar pelo distanciamento crítico em relação às equipes.

27'51" a 29'57": Daniel Felix: “[...] a bola vem pra Lucas Silva (G), se apresentando bem no jogo, entrega a bola, errou Alisson (G), a bola sobrou pro Grená, vem Gilmar (C), dominou, passou por alí o Tilica (C), recebeu, invadiu a grande área, vai fazer, tirou do goleiro, vai fazer, gol, goooooooooool, gol do Caxias, Tilica é o nome do gol, recebeu o toque do Gilmar, tirou, tirou da defesa, tirou do goleiro, bateu pro fundo do gol, 10 e 15 do primeiro tempo, não tem jeito tá feito, Tilica, Caxias um, Grêmio zero, Caxias começa vencendo no Gauchão 2020 [...]”.

Bruno Muck (repórter): “O Caxias começa o Gauchão 2020 com o pé esquerdo, pé esquerdo de Titica, apertou a marcação grená no sistema defensivo do Grêmio, deu pane na zaga, a bola sobrou para o Gilmar, ele viu a progressão do Tilica, invadiu a área em velocidade, driblou Vanderlei (G), Vanderlei ficou vendido no meio do caminho, Tilica driblou ele e com a perna esquerda empurrou para o fundo das redes. Tilica, ex-Grêmio, faz a Lei do Ex⁵ prevalecer na Arena [...]”.

Luizinho da Veiga: “Que benção esse gol do Caxias [...]. Merecido, o Caxias que quando pintou a primeira oportunidade botou pro fundo da rede.”

Com o crescimento do Caxias e o resultado favorável na partida, os profissionais envolvidos na transmissão evidenciam ainda mais sua torcida pelo time de Caxias do Sul. Os lances de perigo da equipe grená e a busca pelo segundo gol

⁵ Lei do Ex é um termo utilizado no futebol que se refere a um jogador que marca um gol no seu ex-clubes.

contribuem para que o entusiasmo se amplie, como pode ser percebido na decupagem a seguir de duas oportunidades de gol do Caxias.

57'11" a 57'59": Daniel Felix: “[...] volta pro Grêmio no rebote com Lucas Silva (G), acabou perdendo, não dominou, Potiguar (C) roubou, partiu pro contra-ataque, lá vem o Grená, se for pro gol me chama que eu vou, Potiguar colocou na grande área, vai pintar o gol do Caxias, se atrapalhou [...]”.

01H30'23" a 01H30'41": Daniel Felix: “[...] olha o Caxias chegando, vamo lá Grená, a bola vem colocada para o Ivan (C), levantou pra grande área, o desvio de cabeça, meu Deus do Céu, era o segundo gol grená pintando, Gilmar (C) subiu certinho, certinho, certinho, caprichou, caprichou e a bola saiu raspando a trave [...]”.

A sequência de intervenções/falas do narrador e do repórter no segundo gol do Caxias destaca outro importante ponto da cobertura esportiva: a cobertura diária. Como destacada por Ferraretto (2014) e abordada no capítulo quatro, a cobertura diária implica o conhecimento do cotidiano de clubes, atletas e entidades.

01H40'42" a 01H42'03": Daniel Felix: “[...] Ivan (C) tá na bola e se for pro gol Ivan, me chama que eu vou, ele vem de perna direita, de longe, é pela intermediária, solta a pancada Ivan, partiu de perna direita, soltou a pancada e o gol, goooooooooool, golaço, golaço, golaço, da intermediária, de longe, de muito longe, Ivan, Ivanzinho, de perna direita, soltou a pancada, ela foi morrer no canto esquerdo do goleiro Vanderlei (G), não tem jeito tá feito [...]”.

Rafael Zanol (repórter): “É a especialidade dele, não adianta, não importa de onde seja, na bola parada, Ivan num chute forte, da intermediária, de muito longe do gol, o chute forte pelo lado contrário da barreira, já estava saindo da bola o Vanderlei (G) no canto inferior esquerdo, ainda tentou alcançar o goleiro do Grêmio, mas não conseguiu, até desviou com a ponta dos dedos, mas não foi capaz de tirar do gol, bola no fundo da rede na cobrança de falta espetacular do Ivan [...]”.

A confiança demonstrada pelo narrador no jogador que cobrou a falta e o termo “especialidade” utilizado pelo repórter indicam o acompanhamento diário que emissora faz com os clubes da cidade.

Após o apito final são os repórteres relatam como está o clima das equipes ao fim do jogo com entrevistas e descrição da movimentação dos jogadores e comissão técnica. Com o resultado positivo da equipe de Caxias do Sul, os repórteres focaram

em fazer perguntas relacionadas ao bom resultado e desempenho do Caxias, deixando de lado o receio inicial de que a equipe teria dificuldades contra o Grêmio.

02H13'50" a 02H13'58": Bruno Muck: “[...] Diogo (C), por favor, a avaliação que fica Diogo dessa vitória e qual foi o fator predominante pro Caxias sair daqui com a vitória?”

02H14'32" a 02H14'38": Bruno Muck: “[...] Iuri (C), por favor, qual o tamanho dessa vitória pro Caxias no começo de competição?”

Durante a narração foi possível verificar que a emissora buscou constantemente a identificação com a equipe de Caxias do Sul. Além dessa postura reforçar os contratos de leitura abordados por Salomão (2003), ela demonstra uma valorização pelo regionalismo no rádio, que tem como característica apostar na programação local, neste caso o futebol local, como base para sua audiência (JAVORSKI, 2017).

Conforme Peruzzo (2005), presume-se que o jornalismo local retrate a realidade local trabalhando com informação de proximidade. A afirmação reforça conceitos discutidos anteriormente em relação ao sentimento de identificação, apresentados por Salomão (2003). A Rádio Caxias, ao explorar a informação de proximidade, com uma transmissão identificada de futebol, fortalece esse contexto, que ainda de acordo com Peruzzo (2005, p. 78), é propício, uma vez que “as pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal”.

6.2 JUVENTUDE X INTERNACIONAL

Esporte Clube Juventude e Sport Club Internacional entraram em campo no dia 23 de janeiro de 2020, no estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul, pela rodada de estreia do primeiro turno do Campeonato Gaúcho. Na ocasião, o Internacional venceu o jogo pelo placar de 1 a 0. A Jornada Esportiva da Rádio Caxias tem, na íntegra, duas horas, 26 minutos e 36 segundos.

A transmissão, assim como abordado no subcapítulo anterior, inicia com uma ambientação do narrador Gilberto Júnior em relação a partida.

01'09" a 01'40": Gilberto Júnior: "Emoção é no rádio, vamos nessa ouvintes do Brasil, hoje é quinta-feira, 23 de janeiro de 2020, estou abrindo pela vigésima temporada mais uma cobertura de Campeonato Gaúcho e dessa vez já em ritmo de clássico, jogo de grife, jogo quente, como queiram, Internacional vem aqui a Caxias do Sul enfrentar o Juventude, e a promessa é de um grande jogo [...]".

Ao fazer uso das expressões "clássico", "jogo de grife", "jogo quente" e "grande jogo", o narrador busca chamar a atenção do ouvinte para a partida e também para a narração da emissora. Essa estratégia se encaixa no que Hernandez (2006) chama de gerenciamento do nível de atenção, utilizados pelos veículos de comunicação como uma estratégia de convencimento para fazer com que o público-alvo consuma os conteúdos do veículo. A fala de Gilberto Júnior é complementada por um breve comentário do comentarista da partida, Rafael Baungarten, que evidencia a importância do confronto para ambas equipes.

03'54" a 04'06": Rafael Baungarten: "Já na estreia um jogo de grife que tem que ser encarado pelo Juventude como uma final de campeonato, porque os dois times são postulantes às duas primeiras vagas do grupo".

Na sua segunda participação, o comentarista Rafael Baungarten deixou evidente em sua fala a torcida por um bom jogo do Juventude e reforçou o que vimos no subcapítulo anterior em relação ao distanciamento crítico, descrito por Barbeiro e Hangel (2006) e também citado por Ferraretto (2014).

10'30" a 12'31": Rafael Baungarten: "[...] esse é o clima de jogo, é isso que faz mover o futebol, é o torcedor se envolvendo, jogadores em campo, esse clima é bom [...], jogo de grife, um jogo para o Rio Grande do Sul, o Juventude encara o Internacional, 'ah, mas é o misto do Internacional', 'não, é o reserva do Inter', o problema é do Inter, momento de se impor é do Juventude, joga em casa, tem uma pré-temporada com muito mais tempo, está mais preparado que o Internacional, agora, sabe o adversário que está enfrentando, sabe a grandeza da camisa do Inter em Campeonato Gaúcho, mas dentro do Jaconi, tem que respeitar sim o Inter, mas não pode temer, temer jamais e o Juventude 'tá' acostumado a ganhar do Internacional no Jaconi, 'tá' mais condicionado fisicamente, o Juventude começou antes a pré-temporada, já 'tá' com o time um pouco mais ajeitado, mais encaixado que o Inter que 'tá' se montando, tem muita gurizada nesse time do Internacional,

então, sempre é bom enfrentar a Dupla Gre-Nal, hoje especialmente o Inter, nesses momentos de instabilidade de início de competição [...], o Juventude tem que aproveitar esse momento do Internacional de trazer pra Caxias um time reserva, procurar jogar aquilo que nos vimos durante a pré-temporada nos amistosos e aquilo que o Marquinhos Santos nos passa, uma confiança grande que o Juventude pode ser protagonista, que o Juventude, repito, pode ser protagonista desse Campeonato Gaúcho [...].

No comentário de Baungarten é possível perceber, que apesar de também comentar sobre o Internacional, a análise do comentarista pende para o lado alviverde do confronto, afastando-se do distanciamento crítico, o que demonstra uma padronização da emissora em relação ao tratamento com os times locais.

Instantes antes do apito inicial, o narrador da partida demonstra seu desejo, e torcida, por um bom jogo e por um bom campeonato por parte do Juventude. A postura expõe a proximidade entre a emissora e o futebol local, como também pode ser percebido no subcapítulo anterior.

18'14" a 18'39": Gilberto Júnior: “[...] que a bola role em seguidinha para um campeonato de muita emoção, de muitas vitórias para o Juventude, ontem o Caxias venceu, o Esportivo ‘tá’ vencendo hoje, só falta o Juventude pra completar essa rodada boa da Serra Gaúcha [...], Anderson Daronco apitou, bola rolando ouvintes do Brasil [...]”.

Dentro de campo a partida se encaminhou para um confronto marcado por lances duvidosos em relação à arbitragem do jogo. A dinâmica causou, conseqüentemente, uma postura mais enfática e expressiva dos profissionais envolvidos na transmissão, o que pode ser observado pelo lance do pênalti marcado a favor do Internacional, decupado a seguir.

33'18 a 35'58": Gilberto Júnior: “[...] vai então o time do Inter, a bola vai para Thiago Galhardo (I), dominou, colocou na frente perigosamente para Marcos Guilherme (I), no meio para Sarrafiore (I), salvou Carné (J), afasta a defesa, o árbitro Anderson Daronco tá marcando o que? Penâlti?”.

Rafael Zanol (repórter): “Pênalti e está expulso o Genílson (J), o árbitro entendeu que ele impediu que a bola entrasse com os braços, sinceramente não me pareceu que ele tirou com os braços no segundo lance, num primeiro momento um

milagre de Marcelo Carné, na segunda tentativa do Internacional estava Genílson em cima da linha, ele impediu que a bola entrasse, me pareceu que foi com o corpo e o árbitro Anderson Daronco entendeu que foi com os braços, marca o pênalti e está expulso de jogo o zagueira do Juventude”.

Rafael Baungarten: “Impressão é uma coisa, eu tive a impressão aqui da cabine que o Genílson, primeiro a grande defesa do Carné, que o Genílson não utilizou a mão, agora o Daronco tá de frente, tá próximo do lance, está dentro da área, tava bem em cima do lance o Daronco eu não posso contestar [...] se tocou na mão do Genílson foi próximo ao corpo e o Daronco tá muito perto e marcou o pênalti com muita convicção, então eu vou na do Daronco [...]”.

Gilberto Júnior: “Eu não vou!”

Rafael Baungarten: [...] não acredito que o Genílson não tenha colocado a mão na bola num lance tão claro pra ele, muito próximo, ele tava acho que a cinco metros e eu tô a uns sei lá”.

Gilberto Júnior: “É mais o Zanol também tá perto e também teve a mesma impressão que nós, então eu vou ficar na dúvida até ver na TV”.

Rafael Baungarten: “O Zanol tá atrás do gol não podia ver mesmo né, porque o Genílson tá de frente pro lance”.

Rafael Zanol (repórter): “Olha, se a bola bateu no braço o braço estava colado ao corpo”.

Rafael Baungarten: “[...] eu vou na do Daronco, que considero um bom árbitro e daqui realmente não deu pra ver, podia tá colado ao corpo, mas ele tava muito perto, marcou com muita convicção e em cima do lance [...]”.

Gilberto Júnior: “Se tratando da arbitragem do Rio Grande do Sul, na dúvida, eu continuo na dúvida, nunca vou confiar 100% no que esses rapazes fazem [...]”.

A postura do narrador, repórter e comentarista se relaciona com o conceito de linguagem e mensagem radiofônica discorrido por Ferraretto (2014). Segundo o autor, a linguagem radiofônica engloba outros elementos além da oralidade, como a expressão usada na voz. Em referência à voz, o autor destaca que a palavra falada possui alto poder comunicativo, carregando parte significativa do conteúdo da mensagem. No lance apresentado anteriormente, pode-se inferir que a expressividade na fala, as críticas sobre o árbitro da partida e o debate entre os

agentes envolvidos na transmissão contribuiu para demonstrar a identificação com o clube local.

Em seguida ao lance é feita a cobrança da penalidade máxima por parte do Internacional. Na narração da jogada observa-se, apesar de narradores diferentes, uma descrição com menos emoção do que a narração dos gols da S.E.R Caxias no subcapítulo anterior, justificável por ser da equipe da capital e pela influência da arbitragem no lance.

36'05" a 36'58": Gilberto Júnior: [...] Thiago Galhardo (I) contra Marcelo Carné (J), um lance duvidoso, Galhardo na meia lua da área, Carné no centro do gol, Thiago Galhardo correu, bateu, gol, goooooooooool do Internacional, Thiago Galhardo, caí no canto esquerdo o Marcelo Carné, a bola entra à direita [...].

Rafael Zanol (repórter): “[...] se foi ou não pênalti o Internacional aproveita na bola parada, cobrança de Thiago Galhardo no canto inferior direito no goleiro do Juventude Marcelo Carné, que caiu para o lado errado, o Inter coloca a bola na rede e saí na frente no jogo, no estádio Alfredo Jaconi [...]”.

Ao utilizar a expressão “se foi ou não pênalti” o repórter eleva a dúvida em relação a marcação correta ou não da penalidade.

As ações da arbitragem passaram a nortear a narração da partida. Os lances com polêmicas por parte do árbitro servem para demonstrar ainda mais a busca pela identificação da Rádio Caxias com os clubes da cidade e o constante uso da expressividade nos enunciados dos profissionais envolvidos na narração.

51'49" a 53'11": Gilberto Júnior: “[...] ataca o Verdão, bola dominada agora pelo Eltinho (J), Eltinho fez o passe, domina por aqui Marciel (J) na meia esquerda, Marciel faz o passe atrás, bola com o João Paulo (J), João Paulo coloca na frente pra Bruno Alves (J) na meia direita, vai na disputa, acaba ganhando, não desiste, insiste, persiste, dominou no bico da grande área, cruzou, a bola ficou na ponta pra Samuel Santos (J), dominou no fundão, cruza em cima da marcação, eu tive a mesma impressão da torcida que a bola bateu na mão do cara [...]”.

Bruno Muck (repórter): “E bateu.”

Gilberto Júnior: “E o Daronco vai dar aquela pipocadinha básica que ele só faz e a gente sabe que quando é num lado vê tudo, quando é do outro interpreta de outro jeito, não tem surpresa nenhuma”.

Bruno Muck (repórter): “Ele tava girando o corpo, mas nitidamente bateu no braço esquerdo”.

Rafael Baungarten: “É agora ficou claro, a jogada, aliás o Bruno Alves valente, é o jogador do Juventude que ‘tá’ buscando, ele ganha a jogada, ganha a dividida do Wellington Silva (I), cruza e a bola pega, ‘ah, mas tava junto ao corpo’, e aí vai a interpretação, tava junto ao corpo mas pegou no cotovelo do defensor do Internacional dentro da área”.

Gilberto Júnior: “É meus amigos, eu tô dizendo, a interpretação de um lado é clara, do outro nunca é clara, a gente sabe bem disso, pode ser que ele tenha acertado nos dois, eu vou duvidar sempre, porque a gente sabe que eles têm medo de errar pra um lado e aí, já ‘tá’ definido, na dúvida não vou me complicar [...]”.

A narração das jogadas e decisões do árbitro na partida são mais enfáticas quando ocorrem do lado alviverde do confronto. Na decupagem a seguir, que descreve respectivamente uma jogada do Internacional e outra do Juventude, observa-se a mudança na intensidade da fala nos dois lances.

01H34’13” a 01H35’16”: Gilberto Júnior: “[...] chega o Inter, vai pra área Sarrafiore (I), olha que essa aqui foi uma daquelas duvidosas, o Daronco mandou seguir pra sorte do Juventude [...]”.

Bruno Muck (repórter): “Foi corpo com corpo na minha interpretação [...]”.

Gilberto Júnior: “Eu não vou pipocar, eu acho que ele compensou o lance do pênalti que ele não marcou para o Juventude”.

Rafael Baungarten: “Exatamente, pra mim houve o pênalti agora no Sarrafiore, ele botou até o apito, botou o apito na boca pra marcar e a torcida pressionou e ele mandou seguir, se equivocou o Daronco, compensou talvez aquele penalti lá que ele não deu pro Juventude no primeiro tempo [...]”.

01H39’26” a 01H39’51”: Gilberto Júnior: “Opa, opa, opa, opa, opa, opa, o Bruno Alves (J), ele recebeu uma carga por trás, é aquele lance que uns vão dizer que é corpo contra corpo, mas é no mínimo tão duvidoso quanto do Sarrafiore (I)”.

Rafael Zanol (repórter): “É me pareceu um empurrão por trás, talvez não com os braços, mas uma carga por trás do jogador do Juventude [...]”.

Embora haja o reconhecimento de um possível pênalti a favor do Internacional, o narrador demonstra mais entusiasmo no lance favorável ao Juventude.

O momento de maior força na manifestação principalmente do narrador e demais agentes da transmissão ocorreu quando a partida se aproximava do final. No lance, outra polêmica da arbitragem acentuou a discussão.

02H11'39" a 02H13'32": Gilberto Júnior: [...] é agora Verdão, 48, joga a, aí meu Deus do céu, aí meu Deus do céu, o Daronco conseguiu parar o jogo no contra-ataque do Juventude, meus amigos [...].

Bruno Muck (repórter): “Parece ser grave com o Sarrafiore (I), o braço, Gilberto, a reclamação é por ele ter parado o contra-ataque, mas o Sarrafiore fica com muitas dores no braço caído e o Samuel Santos (J) desesperado, Odivan (J) também colocou as duas mãos na cabeça e o Daronco agora argumenta a sua explicação”.

Rafael Baungarten: “Só deixa eu entender aqui, foi no momento que eu baixei a cabeça aqui, eu vi o Sarrafiore caído, ele parou pelo *fair play*? É isso?”.

Gilberto Júnior: “Não houve choque de cabeça, não houve choque de cabeça”.

Rafael Baungarten: “Sim, não houve nada, pelo que eu vi aqui não houve nada [...] geralmente é o jogador que põe a bola pra fora, como o jogador do Inter fez, do Juventude fez, poucas vezes eu vejo o árbitro ter essa iniciativa, e ainda não pegou, um lance realmente que constrangeu a arbitragem do Daronco”.

Gilberto Júnior: “É uma vergonha meus amigos, ele deu mais um, mas é uma vergonha meus amigos, é uma vergonha seu Anderson Daronco, é uma vergonha seu Anderson Daronco, e eu acredito no Campeonato Gaúcho, nesses juízes covardes que operam os clubes do interior, é impressionante [...]”.

02H13'56" a 02H14'35": Bruno Muck (repórter): “E é o único Fifa⁶ do estado né?!”

Gilberto Júnior: “É o único Fifa, que ‘tá’ escorado, ‘tá’ escorado no escudo Fifa, o seu Anderson Daronco, parou um contra-ataque do Juventude porque ele achou que o Sarrafiore tinha sofrido sei lá o que, pelo amor de Deus, pelo amor de

⁶ Federação Internacional de Futebol

Deus, e a gente perde tempo ainda né, torcedor paga ingresso, vem no estádio, rádio transmite, pra esses caras fazerem o que querem fazer, e aí depois ‘porque foi a interpretação do árbitro do jogo’, pelo amor de Deus”.

Nos dois diálogos decupados anteriormente, o narrador Gilberto Júnior foi bastante enfático em suas opiniões. A postura do narrador é o oposto do que Barbeiro e Rangel (2006) expressam sobre o distanciamento crítico que o profissional precisa manter. Por outro lado, sua postura aproxima-se novamente à expressividade destacada por Ferraretto (2014). De acordo com o autor, ela não se limita ao sentido em si da fala, mas sim na forma como se dá essa emissão. No enunciado de Gilberto Júnior a expressividade é percebida, além da utilização de palavras e expressões como “vergonha”, “escorado”, “meu Deus do céu” e “pelo amor de Deus”, no tom de voz e enfática das palavras. No apito final o narrador reforça essa postura ao concordar com as vaias da torcida destinadas ao árbitro Anderson Daronco.

02H14’59” a 02H15’44”: Gilberto Júnior: [...] e o Daronco apita, vaia esse juiz, pode vaiar, mas vaia mesmo, ele ‘tá’ de parabéns, ‘tá’ de parabéns seu Anderson Daronco, ‘tá’ de parabéns o Anderson Daronco, pelo amor de Deus, todos vão pra mesma vara, ficam mais experientes, ganham um escudo Fifa e resolvem administrar campo, administradores de campo, não tô falando de ser mal intencionado, isso ou aquilo, não acredito nisso, mas são administradores de campo, eu não tenho a mínima dúvida disso [...]”.

Com o fim da partida ocorre o que Ferraretto (2014) chama de encerramento. Nesse momento os repórteres descrevem a ambientação final da partida, conforme abordado no quarto capítulo. Com o resultado negativo do Juventude, os repórteres descreverem o clima de reclamação e inconformidade por parte dos jogadores, comissão técnica e direção da equipe de Caxias do Sul, além de fazer questionamentos aos jogadores sobre a atuação da arbitragem.

02H16’00” a 02H16’15”: Bruno Muck (repórter): “Os jogadores do Juventude argumentam com o Anderson Daronco, até o presidente chegou a entrar no gramado pra conversar com ele, aguarda algumas explicações, Marquinhos Santos em direção ao vestiário bem transtornado, incomodado com a situação da arbitragem”.

02H17'35" a 02H17'39": Bruno Muck (repórter): Carnê, avaliação desse resultado e com a questão da arbitragem também?".

02H19'18" a 02H19'23": Rafael Zanol (repórter): "Fica a sensação nesse momento de prejudicado pela arbitragem?".

Tal como verificado na análise do subcapítulo anterior, durante a narração da partida foi possível constatar que a emissora sustentou-se na identificação com o futebol local. Em diversos momentos essa sustentação foi utilizada para fomentar as críticas e comentários relacionados à atuação da arbitragem.

Como destaca Medeiros (2019, p. 88), em cidades interioranas "a formação identitária é proporcionada pelas trocas sociais, tradições estabelecidas, proximidade entre os sujeitos e reverberada, sobretudo, pelo rádio local". A afirmação do autor, relacionada à performance da Rádio Caxias em relação ao futebol local, como abordado no terceiro capítulo, favorece a postura de identificação com os clubes locais demonstrados pela emissora.

6.3 CAXIAS X GRÊMIO

O terceiro objeto analisado é a jornada esportiva do jogo da decisão do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020, entre S.E.R Caxias e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. A final da Taça Ewaldo Poeta ocorreu no dia 22 de fevereiro de 2020, no estádio Centenário, em Caxias do Sul. A S.E.R Caxias sagrou-se campeã ao vencer o Grêmio pelo placar de 1 a 0. A Jornada Esportiva da Rádio Caxias tem, na íntegra, duas horas, 52 minutos e 55 segundos.

Conforme Ferraretto (2014), e abordado no quarto capítulo, a cobertura esportiva de algumas rádios são pensadas a partir do viés do ouvinte, que busca informações de interesse relacionadas ao time que torce. A Jornada Esportiva da Rádio Caxias no jogo entre Caxias e Grêmio, pela final do primeiro turno do Gauchão, assumiu essa postura, realizando sua transmissão pelo viés grená do confronto. Para trazer o máximo de informações e comentários sobre o jogo, a transmissão contou com a participação de mais um repórter de campo e da presença do ex-jogador do Caxias, Tite, campeão gaúcho com o clube em 2000, na cabine de transmissão. O ex-volante Tite se juntou ao comentarista Rafael

Baungarten para analisar os lances do jogo e o desempenho da equipe grená em campo.

A ambientação inicial da partida, realizada pelo narrador Gilberto Júnior, por ser um jogo decisivo, apresenta expressões com aspectos mais emotivos, comparado às presentes nos subcapítulos anteriores.

01'01" a 01'45": Gilberto Júnior: "Alô amigos do Brasil, é tarde de decisão aqui no Estádio Centenário, em seguida às quatro e meia da tarde, Caxias e Grêmio duelam pelo título do primeiro turno do Gauchão, valendo a Taça Ewaldo Poeta, e mais do que isso, valendo vaga na grande final, valendo uma fatia maior na divisão de renda, presença na próxima Copa do Brasil e a elevação da moral no contexto grená. O Grená do Povo querendo desmentir a lógica e superar o Imortal Tricolor, é o duelo que nós vamos contar, Caxias e Grêmio [...]".

O narrador traz em sua fala o cenário de conquistas e benefícios que o Caxias alcançaria caso vencesse a decisão. Além disso, mesmo não diretamente, o narrador reforça o favoritismo do Grêmio no confronto e que, para vencer, o Caxias precisaria quebrar essa lógica. A opinião de Gilberto é reforçada pelo comentarista Rafael Baungarten.

11'33" a 12'27": Rafael Baungarten: "[...] há muito tempo eu não via o Centenário pulsar desse jeito e ser tão vibrante e sanguíneo como estão aqui os torcedores das sociais, das cadeiras, da ferradura sul [...]. E é claro, jogo de final é no detalhe, sim, enfrenta uma equipe favorita, sim, o Grêmio muita mobilização, o Grêmio com uma qualidade técnica muito superior a equipe do Caxias, mas final não se ganha só tática e tecnicamente, final se ganha também na imposição, final se ganha também na aplicação dentro de campo, na entrega, cada um tirar mais um de dentro, ao invés de 11 serem 22, e mais a torcida, foi assim que o Caxias conquistou as grandes conquistas dentro do Centenário, inclusive contra o Grêmio".

Baungarten, assim como Gilberto, faz uso de expressões com caráter emotivo, enaltecendo a presença e o papel da torcida no confronto e comentando sobre a aplicação que os jogadores devem ter dentro de campo.

O pré-jogo seguiu o mesmo padrão de abertura que vimos nos subcapítulos anteriores. O diferencial dessa abertura é que os profissionais envolvidos na transmissão aproveitam os instantes antes do apito final e o confronto diante do

Grêmio para lembrar o título gaúcho de 2000 do Caxias. Na ocasião, a equipe de Caxias do Sul sagrou-se campeã diante da equipe da capital gaúcha. Por ser o mesmo adversário, a emissora faz uso desse feito para reforçar a opinião, e torcida, de que o Caxias poderia vencer o jogo.

14'18" a 14'44": Gilberto Júnior: “[...] eu estou aqui, junto do timaço pra mais um jogaço, com a audiência recorde da rádio que está sempre contigo há mais de sete décadas, aliás, a Rádio Caxias em 2000 estava aqui nesse estádio com Gerson Ben e todo timaço narrando um jogo épico, um jogo histórico, um jogo que até hoje não sai da retina dos grenás [...]”.

Em finais de campeonato o torcedor fica com o sentimento ainda mais aflorado, ao lembrar a conquista da S.E.R Caxias, Gilberto Júnior se aproxima do que foi visto no capítulo cinco sobre a relação entre futebol e identidade nacional. Autores abordam a Copa do Mundo como um espaço para verificar essa relação, no entanto, conforme Magalhães (2010), há outras formas de identidade de menor abrangência. “É o caso dos clubes, com seus torcedores apaixonados (e muitas vezes fanáticos), e das disputas regionais (2010, p. 127).

Na fala de Gilberto Júnior instantes antes do início da partida verifica-se um desejo de boa sorte ao jogador que daria o pontapé inicial.

21'49" a 22'13": Gilberto Júnior: “[...] a bola do jogo está no centro de campo, a saída é do Caxias, Gilmar (C), Gilmaravilha, sorte pra ti Gilmar, balança a rede hoje Gilmar, que é na rede que o povo gosta, do lado direito está o Caxias, à esquerda está o Grêmio, o árbitro do jogo está autorizando, começa o jogo [...]”.

A fala e o uso de expressões como “Gilmaravilha” e “balança a rede hoje Gilmar” reforça a busca da emissora em pensar a transmissão com o viés do torcedor grená e também a torcida pelo Caxias na disputa.

Com a bola rolando, a escolha da Rádio Caxias em não evidenciar o distanciamento crítico, explorado anteriormente, fica mais evidente. Em lances de perigo do Caxias e do Grêmio percebe-se uma mudança clara na ênfase das expressões escolhidas por narrador e repórteres, como pode ser verificado na decupagem a seguir que descreve um lance de perigo do Grêmio e outro do Caxias.

37'29" a 37'59": Gilberto Júnior: “[...] chega o Grêmio, bola lançada pra Diego Souza (G), ele e o goleiro Pitol (C), bateu... Pitol, defesaça do Pitol, na tranquilidade do goleiro do Caxias, salvou cara a cara com o Diego Souza, Zanol”.

Rafael Zanol (repórter): “A grande jogada do Grêmio até aqui na partida, a bola para Diego Souza e um gol que quase saiu, só não saiu por conta de Marcelo Pitol, na ponta direita, a finalização baixa e com a perna esquerda a defesa do goleiro do Caxias impedindo o primeiro gol da partida [...]”.

Desse lance os profissionais envolvidos na transmissão optaram por enfatizar a boa defesa do goleiro Marcelo Pitol no ataque do Grêmio.

01H36'27" a 01H36'50": Gilberto Júnior: “[...] olha o Gilmar (C), deixou na saudade o Cortez (G), Gilmar chegou, cruzou na grande área, afasta por lá Victor Ferraz (G), ela volta, volta pra equipe do Caxias, não podia ir na bola, tava voltando de impedimento o Gilmar, o Tilica (C) não chegou a tempo, mas o que o Gilmar fez com o Cortez alí, Cristiano?”.

Cristiano Gauer (repórter): “É, deixou o Cortez na saudade, apenas com um toque na bola conseguiu tomar a frente [...]”.

Nesse ataque do Caxias, narrador e repórter frizam a boa jogada de Gilmar. Além disso, a expressão “deixou na saudade” fortalece a linguagem da emissora na escola conotativa, abordada no quarto capítulo. De acordo com Ferraretto (2014), esse estilo de narração faz uso de figuras de linguagem e metáforas. Segundo o autor, a torcida vê o jogo como um momento festivo e a narração esportiva também parte dessa premissa.

Os lances duvidosos por parte da arbitragem contribuíram para uma postura mais enfática em alguns momentos da narração, o que pode ser percebido nos lances decupados a seguir.

01H37'06" a 01H37'51": Gilberto Júnior: “[...] bola para a equipe do Caxias, lançamento para Gilmar (C), chegou por trás David Braz (G), falta, falta, vai ter cartãozinho ou não vai ter cartãozinho, vai ter cartãozinho ou não vai ter cartãozinho, Vuaden? Conta pra mim, Cristiano”.

Cristiano Gauer (repórter): “É, uma chegada por trás no atacante grená, no atacante Gilmar, foi o David Braz, camisa 14, zagueiro do Grêmio, chegou com uma

forma excessiva do atacante grená, mas o árbitro Vuaden acabou marcando só falta Giba, pelo jeito não vai ter cartão pro David Braz”.

Gilberto Júnior: “O Tite ficou pedindo cartão, hein, Tite”.

Tite: “Não, foi clara a falta, o David Braz usou o cotovelo na cabeça do Gilmar, então isso aí é falta de cartão, passível de cartão, né, ‘tavamos’ elogiando o Vuaden (risos), vamo ficar quietinho”.

Nesse lance é interessante observar a participação do ex-jogador do Caxias na análise da jogada. Instantes antes do lance os profissionais da cabine de transmissão elogiavam a arbitragem e, espontaneamente, riram da situação, uma vez que, na opinião de Tite, a arbitragem errou na não aplicação do cartão amarelo logo depois de ser elogiada.

01H58’09 a 01H58’28”: Gilberto Júnior: “[...] dominou Everton (G), tentou na frente com Thiago Neves (G), ele mergulhou [...]”.

Bruno Muck (repórter): “Diego Souza (G)”.

Gilberto Júnior: “[...] mergulhou e o Vuaden já fez sinal de levantar como quem diz ‘não quero saber de VAR⁷, né Muck”.

Bruno Muck (repórter): “Olha, como jogador o Diego Souza (G) até colabora, mas como ator é péssimo, tentou cavar um pênalti e não conseguiu”.

É interessante observar a postura do repórter ao descrever a tentativa do jogador gremista em cavar um pênalti. A fala de Muck se assemelha muito com o que um torcedor teria dito no momento. Isso se relaciona com o conceito de reconhecimento apresentado por Salomão (2003). Conforme o autor, o ouvinte identifica-se com os atos de fala e com a abordagem das coisas do mundo, a partir do local, neste caso a descrição dos lances da partida, construído pelo enunciador. Há também o sentimento de adesão, que cria no ouvinte uma sensação de aproximação com o locutor e emissora.

O acréscimo de emoção e falas mais enfáticas usadas pelo narrador e repórter na sequência de lances do gol do Caxias é outro exemplo que mostra como a emissora não seguiu o conceito de distanciamento crítico em relação às equipes, deixando evidente que existe uma preferência e torcida pelo time de Caxias do Sul.

⁷ *Video Assistant Referee* (árbitro assistente de vídeo).

01H59'30" a 01h59'58": Gilberto Júnior: [...] vem Tilica (C), chegou, cruzou, desviada a bola, Vanderlei (G), Vanderlei espalma, alí, embaixo dos paus, era o gol grená nascendo aí, Zanol".

Rafael Zanol (repórter): "É inacreditável a defesa que faz Vanderlei, o cruzamento do Caxias na ponta direita encontrou Bruninho (C), ele ia colocando a bola no canto inferior esquerdo e o goleiro do Grêmio se esticou de qualquer jeito para fazer a defesa, quase, quase o gol do Caxias, que agora tem escanteio com Ivan (C)".

01H59'58 a 02H01'26": Gilberto Júnior: "Ivan (C) levantou, boca do gol, golpe de cabeça, afastou, voltou, Diogo Oliveira (C), devolveu na marca penal, tá viva a bola, bate Diogo, bate, bate, bate, bate, goooooooooooooooooooooooooooooooooool, goooooooooooooooooooooooooool do Caxias, do Grená do Povo, do Grená do Povo, Diogo Oliveira enche o pé e enche a rede do Grêmio, na *blitz* grená, o gol 'tá' sendo revisado pelo VAR, o Diogo foi pra rede, o Caxias tá abrindo o placar, aos 34, pode ser o gol do título, olha logo essa porcaria aí seu VAR de uma figa, eu quero saber se vai valer esse gol, o Diogo fez o gol, o Diogo fez o gol, o Caxias 'tá' fazendo o gol, o Caxias tá abrindo a contagem, o Vuaden tá indo pro centro de campo, o Caxias faz um a zero no Grêmio, é o camisa 10, é o dono da bola, é o maestro, é o Diogo, é o gol grená, é do Grená do Povo, um pro Caxias, zero pro Grêmio, pode ser o gol do título, pega essa Vanderlei, pega essa Vanderlei [...]".

Conforme Coelho (2008), as crônicas esportivas estiveram presentes na caminhada do jornalismo esportivo no Brasil. O autor destaca que a dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação aos jogadores, "seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses" (COELHO, 2008, p. 18). Os narradores de futebol se aproximam da figura do cronista nas jornadas esportivas. Como destaca Barbeiro e Rangel (2006), o narrador de rádio precisa criar imagens na mente do ouvinte e transportá-lo para o estádio, se valendo de uma dose maior de emoção. Gilberto Júnior, ao fazer uso da alcunha "Grená do Povo" e das expressões "enche a rede do Grêmio", "*blitz* grená", "dono da bola" e "maestro" ao falar sobre Diogo Oliveira assume o papel descrito por Coelho (2008), alçando o atleta do Caxias a condição de herói do jogo.

A aproximação com a figura de um cronista, por parte do narrador Gilberto Júnior, é reforçada com o apito final e a conquista do título pela equipe caxiense.

02H16'23" a 02H18'04": Gilberto Júnior: “[...] acabou, acabou, o Caxias é campeão, o Caxias é campeão, o Caxias é campeão, ah o futebol, certa vez dito por Osmar Santos que era o doce veneno da vida, ah o futebol, que nos coloca frente a frente com essa montanha russa de sentimentos, do sofrimento à alegria, do choro de tristeza ao choro de emoção, ah o futebol, ah o futebol, como entoado na canção: o que não se pode explicar aos normais. E pra você que não veio, pra você que duvidava, pra você que não acreditava, eu também recorro à música e pergunto: quem disse que o amor pode acabar? O amor pode adormecer, o amor pode apanhar, o amor em dado momento pode fazer com que a gente caminhe lado a lado com o ódio, mas o amor não termina e é esse amor que ‘tá’ fazendo você certamente soltar aquele grito de alegria, até o choro contido de emoção, porque o Caxias ‘tá’ ganhando do Grêmio, o Caxias é campeão do primeiro turno, o Caxias ‘tá’ na final do Campeonato Gaúcho, o Caxias ‘tá’ na próxima Copa do Brasil e se precisar em 2020 tem a m**** da vaga na maldita Série D, o Caxias é campeão [...]”.

O enunciado de Gilberto Júnior contém uma forte carga de emoção e até um caráter poético. Barbeiro e Rangel (2006) destacam que a alma do esporte é a emoção. Segundo os autores em nenhuma outra área do jornalismo informação e entretenimento se aproximam tanto. Para Gilberto Júnior, em entrevista (presente no Anexo B), o “narrador esportivo é quem romantiza este produto chamado futebol, muitas vezes valorizando um evento que pode não ter tanta qualidade - até como reflexo das dificuldades financeiras dos clubes menores”.

Na ambientação final da partida, durante o encerramento da Jornada Esportiva, os repórteres focaram em descrever a comemoração dos jogadores, comissão técnica e direção. As entrevistas realizadas com os jogadores do Caxias destacaram a emoção e importância do título, o sentimento dos protagonistas do feito e a comemoração do grupo de atletas.

02H18'55" a 02H18'58" : Cristiano Gauer (repórter): “Atacante Gilmar (G), Gilmar, e essa conquista?”

02H19'34" a 02H19'37": Rafael Zanol (repórter): “A emoção de fazer o gol do título?”

02H22'42" a 02H22'48": Bruno Muck (repórter): "Bruninho (G), teve festa no final, Carnaval do Caxias é com título, que que tá passando na cabeça?"

02H23'20" a 02H23'26": Rafael Zanol: "Ivan (G), artilheiro do Caxias neste primeiro turno e termina com o título da competição, a emoção nesse momento?"

Ao final da Jornada Esportiva, o narrador Gilberto Júnior recobrou sua fala diante do microfone para evidenciar o acompanhamento realizado pela emissora em relação ao clubes da cidade.

02H24'38" a 02H25'11": Gilberto Júnior: "[...] jogadores do Caxias, que agora posam para a fotografia, é o momento da comemoração, aquela comemoração que com toda a certeza é mais do que merecida, é mais do que merecida, o Caxias, a gente acompanha o Caxias, a gente viaja o Brasil com o Caxias, a gente se frustra com o Caxias e a gente comemora com o Caxias e fica feliz pelo trabalho que tá sendo feito e que esse trabalho tenha essa oportunidade de erguer uma taça [...]."

A fala de Gilberto, que frisa o acompanhamento ao Caxias, as frustrações, comemorações e a felicidade por ver um bom trabalho do clube, resultando no título, reforça a performance da Rádio Caxias na consolidação do futebol local. Como abordado no terceiro capítulo, o esporte fez parte da emissora desde o início de sua trajetória. O Departamento de Esporte da Rádio Caxias foi inaugurado no mesmo ano de sua fundação, com o objetivo de dar destaque ao desporto local (KIRST, 2017).

Conforme Peruzzo (2005), presume-se que o jornalismo local descreva a realidade regional ou local por meio da informação de proximidade. Um veículo local tem a possibilidade de mostrar da melhor forma a vida de determinada região. O esporte como prestação de serviço, como destacado por Barbeiro e Rangel (2006), também pode trabalhar com a informação de proximidade. Gilberto Júnior, em entrevista, destaca que longe das capitais e com os clubes que não estão na elite do futebol nacional, é a emissora local que faz a ligação entre clube e torcida. Para o narrador as transmissões esportivas das emissoras locais, mesmo com a concorrência das plataformas digitais, se estabelecem como fonte confiável para obter a cobertura esportiva fora dos grandes eixos e principais campeonatos.

6.4 DUPLA CA-JU E A RÁDIO CAXIAS

O conteúdo desta parte da análise será baseado em um questionário realizado com dirigentes dos clubes Esporte Clube Juventude e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. O questionário foi realizado com o presidente do Juventude, Walter Dal Zotto Júnior; e com o primeiro vice-presidente do Caxias, Márcio Alexandre Biazus. As respostas foram recolhidas via formulário do *Google Forms*, com contato inicial com a assessoria dos clubes por *e-mail* e *WhatsApp*. O formulário é composto por cinco questões.

Aos serem questionados sobre o nível de importância da relação entre as transmissões esportivas do rádio e a sustentabilidade do futebol do interior gaúcho, o dirigente do Caxias avaliou a relação como muito importante para a sobrevivência dos clubes. Biazus destacou também, além das relações comerciais que o clube desenvolve com os veículos radiofônicos, a divulgação que é alcançada. “A mídia espontânea que nos é gerada, proporciona o alcance da comunicação com o nosso torcedor que por muitas vezes ainda acompanha o Caxias por meio destes veículos”, explica. O presidente do Juventude, sobre a mesma questão, destacou o diálogo aberto e franco que ocorre entre o clube e os veículos⁸.

Com relação a contribuição da Rádio Caxias para a sustentação do futebol local, os dirigentes mostraram-se positivos. Para Dal Zotto Jr, o vínculo entre o clube e a emissora, com o acompanhamento diário e transmissões de jogos, é também elo de ligação entre o clube e seu torcedor. Para o presidente “é ela que acompanha e transmite nossos jogos a muito tempo, sendo o elo de ligação normalmente entre o clube e seu torcedor”.

O vice-presidente do Caxias destacou a visibilidade que o clube alcança com o vínculo com a emissora. Para Biazus, “a contribuição é principalmente pelo fato de atingir parte da sociedade que talvez não consigamos atingir somente com as nossas redes sociais. Em muitas oportunidades, a imprensa é o porta-voz dos ideias do clube”. O depoimento do dirigente grená se aproxima do que mostrou um estudo do Kantar IBOPE Media, realizado em 2019. O *Inside Radio* 2019 mostrou que o veículo alcança 83% dos brasileiros, nas 13 regiões metropolitanas onde ocorrem as

⁸ O dirigente não citou quais são os veículos a qual se refere.

análises. A pesquisa também levou em conta a programação que mais agrada os ouvintes. Segundo o Kantar IBOPE Media, os conteúdos mais procurados pelos ouvintes foram música, notícias e esportes. Conforme o estudo, 80% dos ouvintes de esporte acompanham transmissões esportivas ao vivo no meio e 62% acompanham notícias e comentários esportivos. A Rádio Caxias atua em ambas as frentes. Além das Jornadas Esportivas, há quatro programas esportivos na grade da emissora. São eles: Giro Esportivo, Campo Neutro, Esportes na Onda e Zona Mista.

Os dirigentes também foram questionados se, nos jogos em casa e fora de casa, eles percebem as transmissões de rádio como um meio fortalecedor do vínculo entre clube e torcida. Ambos acreditam que essa ligação ocorre por uma questão histórica. Para Dal Zotto Jr, esse “é o elo de ligação mais antigo entre o clube e seu torcedor”, dos quais muitos acompanham os jogos pelo rádio. No quarto capítulo da monografia Prado (2012), destacou que no início das transmissões esportivas no rádio, presidentes e dirigentes dos clubes de futebol foram contra as transmissões, com medo do rádio causar uma diminuição do público que frequentava os estádio de futebol. No entanto, o que aconteceu foi o oposto. O rádio ampliou o contato com o esporte e os estádios lotaram ainda mais.

Relacionado ao mesmo questionamento, Biazus destacou que o clube ainda não tem um canal que possa flexibilizar as transmissões. De acordo com o dirigente, “quando nem o clube e nem a televisão possui a possibilidade de transmissão, o rádio se torna o grande parceiro em todos os aspectos”. Conforme Ferraretto (2014), a caracterização do rádio como uma espécie de companheiro do ouvinte dá-se por estar próximo no dia a dia, seja nas metrópoles ou cidades do interior. Para o autor, a mensagem radiofônica chega ao ouvinte simultaneamente às atividades cotidianas, durante o banho, no deslocamento, dentro do carro, no trabalho e também durante um jogo de futebol.

Nos jogos realizados no estádio Centenário, Biazus recorre à história. Para o vice-presidente, o rádio se relaciona muito à uma questão histórica, cultural e nostálgica. “Assistindo o jogo ao vivo, não existiria tanto a necessidade de ter o rádio para acompanhar a partida. Porém, a relação próxima que se criou entre o ouvinte e os radialistas, faz com que o rádio seja peça indispensável e fundamental para boa parte dos torcedores”. A afirmação do vice-presidente do Caxias evidencia a

importância de um dos agentes que contribuem para a vinculação entre emissora e ouvinte: o locutor. Conforme Salomão (2003), o ouvinte não acompanha uma emissora de rádio apenas pela informação e pela forma como ela é construída e disseminada, mas também pela maneira como os apresentadores percebem e divulgam essas informações, que traduzem, de certo modo, o olhar do ouvinte. Ao mencionar sobre a relação próxima entre os ouvintes e radialistas, Biazus confirma a ideia apresentada por Salomão (2003), que ainda chama atenção para o fato de muitos locutores terem um público cativo com grande apreço e fidelidade.

Ainda de acordo com o autor, os locutores fazem parte do conjunto de elementos dos contratos de leitura, abordados anteriormente, que estabelecem o caráter de permanência da audiência de um programa radiofônico ou emissora de rádio. O dirigente cita o termo radialista, no entanto, em uma jornada esportiva a vinculação entre a emissora e o ouvinte passa também pela figura do narrador, comentarista, repórter e plantonista.

6.5 PÓS-ANÁLISE

Em seguida à análise individual das Jornadas Esportivas da Rádio Caxias e da entrevista com os dirigentes do Esporte Clube Juventude e Sociedade Recreativa e Esportiva Caxias do Sul, a análise de conteúdo chega a sua terceira fase, que corresponde ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Essa fase permite observar conteúdos comuns das transmissões esportivas e entrevistas, a fim de validar a questão norteadora e comprovar ou não as hipóteses.

As três jornadas esportivas analisadas seguem o padrão descrito por Ferraretto (2014) e abordado no quarto capítulo. A mecânica da transmissão esportiva apresenta o modelo sugerido pelo autor, constituída pela abertura, o jogo em si, o intervalo e o encerramento.

Na abertura da transmissão observa-se que a ambientação inicial do jogo, realizada pelo narrador da partida, demonstra a identificação e a torcida por um bom jogo das equipes de Caxias do Sul contra as da capital Porto Alegre. Nas duas primeiras transmissões, o desejo era também por um bom campeonato por parte das equipes caxienses. Já na transmissão da partida entre Caxias e Grêmio, pela

decisão do primeiro turno do Campeonato Gaúcho, a torcida era pela conquista do título.

Com a bola rolando, há uma clara identificação da Rádio Caxias com as equipes locais. Como observado anteriormente a emissora não segue o conceito do distanciamento crítico, tratado por Barbeiro e Rangel (2006), que destacam a necessidade de não deixar transparecer o entusiasmo por uma das equipes. No entanto, a Rádio Caxias realiza uma transmissão esportiva pelo viés de seu público, correspondendo aos torcedores da Dupla Ca-Ju.

No encerramento, é possível perceber que os repórteres de campo também seguem um padrão. As perguntas para os atletas da Dupla Ca-Ju são feitas dentro do contexto da partida. No jogo entre Grêmio e Caxias, os repórteres focaram na grande atuação grená. Na partida entre Juventude e Internacional, o foco das questões foi a atuação da arbitragem, que acabou por interferir no resultado da partida. Na decisão do primeiro turno do Campeonato Gaúcho 2020, entre Caxias e Grêmio, o foco foi no título conquistado pela equipe caxiense.

Ao longo das análises individuais, verificou-se que os profissionais da Rádio Caxias buscaram evidenciar a identificação com as equipes da cidade. A estratégia se relaciona com os contratos de leitura, abordados por Salomão (2003). Os contratos, segundo o autor, proporcionam ao ouvinte uma sensação de aproximação, pertencimento e reconhecimento por parte da emissora.

A identificação da Rádio Caxias com a Dupla Ca-Ju comprova também a valorização da emissora evidenciar o futebol local, que como observado no terceiro capítulo, fez parte da emissora desde o início de sua trajetória. O localismo, como destaca Peruzzo (2005), existe desde o surgimento dos meios de comunicação. Inicialmente, jornal, rádio e televisão, tinham abrangência local ou regional. O rádio por sua vez, seguiu como uma mídia predominantemente local. Peruzzo (2005) destaca ainda que a mídia local sustenta-se na informação construída dentro de um território de pertencimento e identificação, como é o caso do futebol local.

Outro ponto que deve ser destacado é o questionário respondido pelo presidente do Juventude, Walter Dal Zotto Júnior; e pelo primeiro vice-presidente do Caxias, Márcio Alexandre Biazus. Nas respostas foi possível perceber que os clubes

também veem as Jornadas Esportivas da Rádio Caxias como um meio fortalecedor do futebol da cidade e um elo entre o clube e o torcedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O futebol é a coisa mais importante
dentre as coisas menos
importantes."*

Arrigo Sacchi



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia aborda como tema a relação entre o radiojornalismo esportivo como um modo de sustentação do futebol do interior do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente como a Rádio Caxias contribuiu para o fortalecimento do futebol local na cidade de Caxias do Sul. O trabalho monográfico desenvolveu uma pesquisa bibliográfica e uma análise de conteúdo acerca de como as transmissões de jogos de futebol da Dupla Ca-Ju pela Rádio Caxias contribuem para o fortalecimento do futebol do interior. Este capítulo da monografia dedica-se em responder a questão norteadora que orientou todo o trabalho monográfico e verificar se as hipóteses desenvolvidas foram comprovadas e os objetivos estabelecidos alcançados.

A questão norteadora, assim como o tema, hipóteses e objetivos, foram definidos durante o desenvolvimento do projeto monográfico, presente no Apêndice A. A partir dessas definições, iniciou-se o desenvolvimento da pesquisa e análise para compreender os aspectos históricos do rádio no Brasil e no Rio Grande do Sul, a constituição do radiojornalismo no país, assim como do radiojornalismo esportivo, a história do futebol e sua relação com a identidade nacional, entre outros assuntos apresentados ao longo da monografia, que fizeram com que a pesquisadora tivesse embasamento para responder a questão norteadora e validar as hipóteses e objetivos estabelecidos.

Em relação à questão norteadora, problematizada como: “de que forma o radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho?”, pode-se dizer que foi respondida, visto que a partir dos conteúdos analisados foi possível observar que as Jornadas Esportivas da Rádio Caxias apresentam uma clara valorização pelas equipes locais.

O acompanhamento do desporto local, como abordado no terceiro capítulo, sempre foi uma das práticas da Rádio Caxias. Nos objetos analisados, correspondentes às Jornadas Esportivas da emissora, pode se verificar que os profissionais envolvidos na transmissão evidenciaram a prática de acompanhar a Dupla Ca-Ju, não apenas com transmissões esportivas, mas também com uma cobertura diária. A contribuição para a sustentação do futebol local pode ser

percebida também na distinção de emoção usada ao longo das partidas, que permitiu observar uma postura mais enfática por parte do narrador, comentarista e repórter em lances de perigo e polêmicas das equipes caxienses. A identificação da emissora com os clubes locais pode ser verificada na busca em transmitir os jogos pelo viés do seu ouvinte, que corresponde aos torcedores da Dupla Ca-Ju. O destaque ao localismo é outro fator determinante para a validação da questão norteadora, assim como o questionário realizado com o presidente do Juventude, Walter Dal Zotto Júnior; e com o primeiro vice-presidente do Caxias, Márcio Alexandre Biazus, que reforçaram a contribuição e a relação entre a emissora e as equipes.

A partir das análises e do questionário com os dirigentes do Juventude e do Caxias pode-se dizer que as hipóteses foram confirmadas. A primeira hipótese afirma que o radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois possibilita que as pessoas que não tem acesso às transmissões televisivas acompanhem os jogos de futebol. Durante a pesquisa bibliográfica foi possível perceber a importância do esporte para o meio radiofônico. Como destacou Ferraretto (2014), a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas para noticiários. O rádio é uma alternativa para as transmissões televisivas e se mantém ao lado do esporte desde seu surgimento.

A segunda hipótese, que diz que a transmissão de jogos de futebol contribui para a sustentação do futebol do interior por oportunizar que os torcedores que não torcem para os times da capital acompanhem os clubes, também foi confirmada. A Rádio Caxias realiza a transmissão de todos os jogos da Dupla Ca-Ju, fato que não é recorrente na televisão. A validação da hipótese dá-se também pela afirmação do primeiro vice-presidente do Caxias, Márcio Alexandre Biazus, que destacou que quando nem o clube e nem a televisão conseguem transmitir os jogos, é o rádio quem cumpre esse papel.

A terceira hipótese, que afirma que a contribuição ocorre pois o rádio permite que os torcedores de clubes do interior sem acesso à transmissões televisivas acompanhem os jogos realizados longe da cidade ou estado de origem, foi confirmada com base nos conteúdos analisados pela pesquisadora. Ao final da

Jornada Esportiva do jogo entre Caxias e Grêmio, o narrador Gilberto Júnior evidenciou o acompanhamento em outras cidades da emissora em relação ao Caxias, fala que também se amplia ao Juventude. Outro ponto que valida a hipótese é a própria Jornada Esportiva da partida entre Grêmio e Caxias, realizada em Porto Alegre, que apesar de ser no mesmo estado, ocorreu em outra cidade.

Em relação aos objetivos, a monografia teve como objetivo geral analisar como o radiojornalismo esportivo contribui para o fortalecimento do futebol do interior gaúcho. Este objetivo foi alcançado com a análise das Jornadas Esportivas da Rádio Caxias. Através dela verificou-se conteúdos que evidenciam a identificação da emissora com os clubes locais, o que, por sua vez, torna-se uma forma de contribuição para o fortalecimento do futebol da cidade.

Referente aos objetivos específicos, o primeiro deles buscou compreender a relação entre o radiojornalismo e o futebol. Este objetivo foi alcançado pela pesquisa apresentada no quarto capítulo, que abordou o desenvolvimento do radiojornalismo e do radiojornalismo esportivo no Brasil. O capítulo apresentou também conceitos sobre um dos objetos de estudo da monografia: as transmissões de eventos esportivos, que oportunizou a análise detalhada deste objeto de estudo.

O segundo objetivo tinha a finalidade de estudar a história do radiojornalismo esportivo no Brasil e no Rio Grande do Sul, também realizado no quarto capítulo. Durante a pesquisa foi possível descrever um breve resgate histórico sobre o desenvolvimento do radiojornalismo esportivo no país e uma síntese sobre as principais funções do setor esportivo em uma emissora de rádio.

Outro objetivo específico buscou comprovar a importância do radiojornalismo esportivo para o futebol do interior gaúcho. Esse objetivo foi alcançado com a pesquisa bibliográfica referente à Rádio Caxias, apresentada no terceiro capítulo, que abordou a performance da emissora na valorização e acompanhamento do futebol local desde seu surgimento. A análise, desenvolvida no sexto capítulo, também contribuiu para que o objetivo fosse atingido, a partir das falas dos dirigentes de Juventude e Caxias, que comprovaram a importância da cobertura que a emissora realiza com os clubes da cidade.

O quarto objetivo buscou comprovar a importância do radiojornalismo esportivo na perpetuação da identidade gaúcha ligada ao futebol. Como a análise

compreendeu partidas entre equipes de futebol gaúchas, não ficou evidente que os conteúdos analisados contribuíram para que esse objetivo fosse alcançado. No entanto, a pesquisadora acredita que ao focar em uma transmissão voltada ao viés do ouvinte local e na identificação com as equipes da cidade, a Rádio Caxias contribui para que a identidade dos clubes caxienses se perpetuem, como pôde ser observado no sexto capítulo.

O quinto objetivo buscou compreender a importância da oralidade para o radiojornalismo esportivo e foi atingido de duas maneiras. A primeira delas na pesquisa bibliográfica referente ao quarto capítulo, que abordou aspectos das narrações esportivas. A segunda forma ocorreu através da análise realizada no sexto capítulo, que em diversos momentos observou a linguagem, a expressividade e os enunciados dos narradores, comentaristas e repórteres envolvidos na transmissão esportiva.

Outro objetivo específico teve a finalidade de compreender a relação entre futebol e identidade nacional. O objetivo foi alcançado com a pesquisa bibliográfica realizada no quinto capítulo da monografia.

O último objetivo buscou destacar a importância do rádio, como meio de comunicação, na formação da identidade do país. Esse objetivo foi atingido com o estudo realizado no capítulo três, com um resgate histórico em relação ao desenvolvimento do rádio no Brasil; e no capítulo 4, com a pesquisa relacionada à constituição do radiojornalismo no país. Ambos capítulos reforçaram a ideia do rádio como integrante e informante da sociedade brasileira.

O estudo desse tema foi estabelecido com base no interesse da pesquisadora pelo jornalismo esportivo, pela torcida e admiração pessoal pelo futebol do interior gaúcho e pela presença constante que o rádio teve em importantes momentos como torcedora. A partir disso, pensou-se em um assunto que unisse esses três itens.

A escolha pelo tema fez-se importante no momento em que se percebe que as rádios locais desempenham um importante papel na valorização e perpetuação das equipes locais. Para que a pesquisa fosse possível, desenvolveu-se um estudo bibliográfico e uma análise que oportunizou compreender aspectos históricos do rádio e do radiojornalismo, com suas particularidades, contribuições e práticas; e do futebol e sua relação com a identidade nacional; entre outros assuntos e conteúdos

apresentados ao longo da monografia. A análise e pesquisa bibliográfica deram à pesquisadora condições de responder à questão norteadora, confirmar as hipóteses e alcançar os objetivos estabelecidos, como abordado anteriormente.

Ao finalizar a monografia, a pesquisadora percebeu que não trata-se de um trabalho conclusivo, uma vez que podem surgir novas visões e desafios em relação ao mesmo tema, tanto para a pesquisadora como para o veículo rádio. Um desses desafios, percebidos pela pesquisadora, diz respeito ao distanciamento crítico, citado inúmeras vezes ao longo da análise. A pesquisa focou-se no embate entre equipes do interior *versus* equipes da capital, o que de certo modo, favoreceu a observação da identificação da emissora com os clubes locais. Mas como se daria esse distanciamento crítico em jogos entre times da mesma cidade? Equilibrar a identificação, e até mesmo a torcida para os clubes, é um aspecto importante e que contribui para que se crie uma relação de credibilidade entre emissora e ouvinte.

A monografia contribuiu para entender mais profundamente o elo entre veículos de imprensa, clubes de futebol e torcedores. A pesquisa bibliográfica possibilitou o estudo mais detalhado de temas que muitas vezes não há tempo hábil de serem estudados em sala de aula. Além disso, todo o processo que envolveu a produção da monografia foi desafiador, levando a acadêmica ao papel de pesquisadora. Como futura jornalista, a pesquisadora acredita que a monografia irá contribuir no seu desempenho e ética profissional.

REFERÊNCIAS

Livros

AQUINO, Rubem Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2000.

CALEBRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

_____. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

_____. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora ULBRA, 2007.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GARDELIN, Mário; LUCENA, Fabiana de; MAGNABOSCO, Flora Júlia. **Rádio Caxias 50 anos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

KIRST, Marcos Fernando. **Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. e.d. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio em transição: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil palavras, 2002.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora FTD, 1996.

Livros on-line

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. Disponível em:
<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1574/pdf/61?code=qhHrf6b0nglQII4fjgmmtPmq60edGLQWrnlZhZ5s8IP7VdDQ11+AZQFhLaxOofldEmyelaAENvXPqAZXt6jqtYA==>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus Editorial, 2005. Disponível em:
<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42237/epub/11?code=RnB4EgpHYGqdSxqiuilridEBZaOKnc+LiemvyeFHPbxXyCR4Mo+NjFqiGmKWPYLwFF/HmtcHFTCFERazs3cESg=>>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Disponível em:
<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3485/pdf/12?code=IRD2le4k2MY95TSMGXhSzkWtiurvEd+3t1HjG/fjuWtUExxh+IDWdskBr+5yewcFcxGg/dLu3GPIAJ/1Yxgf3g==>>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

DEL BIANCO, Nelia R. E o rádio, vai morrer na era da convergência tecnológica? DÂNGELO, Newton; SOUZA, Sandra Sueli Garcia de. **90 anos de rádio no Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2016. Disponível em:
http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_90_anos_de_radio_2016_0.pdf
f. Acesso em: 03 abr. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014. Disponível em:
<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42263/epub/5?code=x7Xb+PtHCiH3CJGmqKgvakvrnpznHCCXcvQc8L576+HQHRaTvweulVtEFAbAGWaN+J+R10WqfHjHsht0ISGw=>>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em:
<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1517/pdf/47?code=SRQLb2nITqIV3SL/dekn3dLadEpi2EM7F9mVe7C9P+sahGdZuO/NDYji+2cP7CWVArQPsB7E2e8F1BYDyrqrw==>>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público.** São Paulo: Editora Contexto, 2006. Disponível em:

<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1222/pdf/40?code=y4sCOp82TAX50D6oaD4L+aAHhGBuS+aMw1zbN0IYUlyVjaanINLZ+qbupdX4AYGcJkgZU9oIjvRLbHDOVAsIQ==>>. Acesso em: 30 Maio 2020.

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo: do analógico ao digital.** Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em:

<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/128886/pdf/68?code=gK85rDbA7Gt6KJswAxaFshssS2HxWb00nXOSpLGuclmJgSseABmHbBoNGmur+Jd/+m2WUjBDqkvTI36NkFuMhw==>>. Acesso em: 17 Maio 2020

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio.** São Paulo: Editora Contexto, 2004. Disponível em:

<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1210/pdf/0?code=R/iG5n7CaKJ0tDtKduaCjLK5u5JJK8mZhQCwqPeW7yXQl/Vltup1vIxG/6gMcwX3hFOY97do/jtyWIQUYcCAhQ==>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático.** Itabuna: Via Litterarum Editora, 2010. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/1122732-Metodologia-da-pesquisa-um-guia-pratico.html>>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **História do futebol.** São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1355796/Hist%C3%B3rias_do_futebol>. Acesso em: 25 abr. 2020.

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa.** Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2019. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=S6KaDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=A+Hist%C3%B3ria+do+Futebol+para+Quem+Tem+Pressa,+M%C3%A1rcio+Trevisan&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjUmvSvk4fpAhXkd7kGHU4PALYQ6AEIJzAA#v=onepage&q=A%20Hist%C3%B3ria%20do%20Futebol%20para%20Quem%20Tem%20Pressa%2C%20M%C3%A1rcio%20Trevisan&f=false>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

Artigos, dissertações, teses e publicações na internet

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Brasil, o país do futebol?** 2013. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76216>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Rádio alcança 83% dos brasileiros e é mais popular entre os jovens.** 2019. Disponível em:

<<https://www.kantaribopemedia.com/radio-alcanca-83-dos-brasileiros-e-e-mais-popular-entre-os-jovens/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

MEDEIROS, Rafael Ferreira. **O rádio e a cidade patrimônio:** experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes ouro-pretanos. 2019.

Disponível em:

<[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/11310/1/DISSERTA%
c3%83O_R%c3%a1dioCidadePatrim%c3%b4nio.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/11310/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_R%c3%a1dioCidadePatrim%c3%b4nio.pdf)>. Acesso em: 20 Maio 2020.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **O futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional.** 2003. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2727/2264>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Mídia regional e local:** aspectos, conceituais e tendências. 2005. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8637/6170>>. Acesso em: 17 Maio 2020.

RINALDI, Wilson. **Futebol:** manifestação cultural e ideologização. 2000. Disponível em:

<https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/231318_3804-10687-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2020.

Sites utilizados

Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert). Disponível em:

<<https://www.agert.org.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

RÁDIO CAXIAS. Disponível em: <<https://radiocaxias.com.br/portal/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

APÊNDICE A - PROJETO DE MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**O PAPEL DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO
FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

Caxias do Sul
2019

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

INGRID RAQUEL FOCHEZATTO

**O PAPEL DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO FORTALECIMENTO DO
FUTEBOL DO INTERIOR GAÚCHO**

Projeto de Monografia apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Monografia I.

Orientador(a): JACOB RAUL HOFFMANN

Caxias do Sul
2019

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 101 |
| 2 TEMA | 103 |
| 2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA | 103 |
| 3 JUSTIFICATIVA | 104 |
| 4 QUESTÃO NORTEADORA | 106 |
| 5. HIPÓTESES | 107 |
| 6. OBJETIVOS | 108 |
| 6.1 OBJETIVO GERAL | 108 |
| 6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 108 |
| 7. METODOLOGIA | 109 |
| 7.1 TIPOS DE PESQUISA | 110 |
| 7.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO | 111 |
| 8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 113 |
| 8.1 INÍCIO DAS EXPERIÊNCIAS RADIOFÔNICAS | 113 |
| 8.2 RÁDIO NO BRASIL | 113 |
| 8.2.1 Rádio no Rio Grande do Sul | 116 |
| 8.3 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL | 117 |
| 8.4 FUTEBOL NO BRASIL | 119 |
| 8.4.1 Futebol e identidade nacional | 123 |
| 8.5 RÁDIO CAXIAS | 126 |
| 8.5.1 Esporte na Rádio Caxias | 132 |
| 9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS | 134 |
| 10. CRONOGRAMA | 135 |
| REFERÊNCIAS | 136 |

1 INTRODUÇÃO

“O Brasil respira futebol”! Essa afirmação já foi dita e ouvida inúmeras vezes neste que ficou conhecido como o país do futebol. O esporte, com o maior número de adeptos do mundo, se desenvolveu em comunhão à identidade nacional.

Importado da Inglaterra em 1894, o esporte começou a ser praticado no país com caráter elitista. Ele, que inicialmente reforçou a discriminação social, foi pioneiro em abrir as portas para negros e operários. “Nesse aspecto, a popularização do futebol, embora rejeitada pelos seus praticantes aristocráticos, pode ter sido vista na época como apaziguador social, em meio aos primeiros movimentos de organização operária” (GUTERMAN, 2009, p. 36).

Ainda conforme Guterman (2009), a fase de transição do futebol coincide com a da sociedade brasileira.

A primeira década do século XX terminaria ainda dividida entre amadorismo e o profissionalismo, entre o caráter elitista e popular do futebol e entre a alvura dos seus jogadores e a introdução do elemento negro, que mudaria drasticamente o cenário do esporte no Brasil (GUTERMAN, 2009, p. 37).

Com o crescimento de praticantes e espectadores o futebol seguiu rumo à popularização e até hoje é considerado um dos esportes mais populares do mundo fazendo parte do cotidiano de milhares de pessoas.

O jornalismo também serve de comprovação para relevância do futebol no cotidiano brasileiro. Nas programações das emissoras de televisão e rádio sempre há um espaço reservado ao esporte. Nos jornais impressos e no jornalismo digital essa editoria também se faz presente. E um acaba fortalecendo o outro.

Foi isso que ocorreu com o rádio. Com o fim de sua hegemonia, em virtude do surgimento da televisão, o veículo precisou encontrar alternativas para sobreviver. E, em boa parte, foi apostando nas jornadas esportivas que esse meio de comunicação voltou a se estruturar. De acordo com Ferraretto (2001), a nova fase de estruturação do rádio se baseou no jornalismo, esporte e serviço à população. O autor destaca que a consolidação das jornadas esportivas no rádio veio com as transmissões dos jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Suécia, em 1958; e do Chile, em

1962. “Pelos radinhos transistorizados, em casa ou nos estádios, o brasileiro vai ouvir, lance a lance, as competições do esporte nacional do país” (FERRARETTO, 2001, p. 144).

A relação entre o rádio, como veículo de comunicação, e o futebol é facilmente percebida dentro dos estádios de futebol. É comum vermos alguém acompanhando o jogo pelo “tradicional radinho de pilha” ou, os mais “modernos”, pelo celular. Nos estádios não há narração. Alguns clubes transmitem o jogo nos telões, mas somente em imagens. Conforme Prado (2010), no início da relação entre rádio e futebol, o veículo impulsionou o esporte ao oportunizar mais contato entre população e futebol.

Quando falamos do futebol praticado no interior do país essa relação fica ainda mais forte. O futebol para os grandes clubes nacionais voltou à fase de eletrização. No interior o caminho é contrário, e as rádios locais aproximam o torcedor da arquibancada.

O presente projeto de monografia destaca a relação entre o jornalismo esportivo e o futebol no Brasil. Sob o tema “o papel do radiojornalismo esportivo no fortalecimento do futebol do interior gaúcho”, será realizado um estudo sobre a contribuição das narrações radiofônicas de jogos de futebol para a prática desse esporte no interior do estado do Rio Grande do Sul. Em Caxias do Sul, cidade natal da autora deste projeto de pesquisa, essa relação ocorre pela Rádio Caxias e as equipes de futebol locais, em especial o Esporte Clube Juventude e a S.E.R Caxias. De acordo com Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996), a Rádio Caxias realiza transmissões esportivas desde 1946.

A análise será realizada sobre a jornada esportiva da Rádio Caxias na transmissão do primeiro jogo do Esporte Clube Juventude e da S.E.R Caxias no Campeonato Gaúcho 2020. Juventude e Caxias entram em campo no dia 22 de janeiro de 2020, quando enfrentam, respectivamente, o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

2 TEMA

O papel do radiojornalismo esportivo no fortalecimento do futebol do interior gaúcho.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A transmissão de jogos de futebol no radiojornalismo esportivo como meio de fortalecimento do futebol do interior gaúcho.

3 JUSTIFICATIVA

O futebol é uma paixão nacional presente no cotidiano da sociedade. O tema futebol está entre os assuntos mais comentados em diversos segmentos: nas rodas de amigos, nas mesas de bares, e, atualmente, nas redes sociais. Com o passar dos anos, o futebol se desenvolveu e passou a ser visto como um produto do jornalismo, principalmente do jornalismo esportivo. Os meios impressos e radiofônicos foram os primeiros a “noticiar” sobre o esporte, seguidos da televisão e, mais recente, da internet.

O atual cenário futebolístico é sinônimo de salários milionários, de folhas de pagamento que beiram aos milhões de reais, e uma forma de entretenimento em tevê aberta. Em contramão a isso está o futebol do interior do país, com transmissão das principais emissoras de televisão apenas quando jogam contra os times da capital. Em virtude disso as rádios locais surgem como um atenuante para os torcedores e também para os clubes. Inicialmente, o tema foi escolhido pelo interesse em entender como se estabelecem os vínculos entre o radiojornalismo esportivo e futebol do interior do Rio Grande do Sul.

O futebol surgiu antes do jornalismo. E antes mesmo de se pensar no termo “jornalismo esportivo” essa prática já existia. A autora deste projeto acredita que o radiojornalismo esportivo contribuiu para criação de vínculos sociais. A carga emocional das narrações esportivas faz com que ocorra uma perpetuação da identidade de uma torcida. Tendo como exemplo as narrações das grandes conquistas dos times pelo qual torcemos, que todos os anos, na comemoração do aniversário do feito, rodeiam nosso cotidiano ou até mesmo nossa memória. As narrações de jogos também são meio de vínculos sociais. Quando não há possibilidade de ir ao estádio ou assistir o jogo pela televisão, asseguramos ao rádio, e ao narrador de nosso agrado, a responsabilidade de nos informar sobre aquele espetáculo esportivo.

As crônicas esportivas fizeram parte do início da caminhada do jornalismo esportivo no Brasil. De acordo com Coelho (2008, p. 17) “essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio [...]. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou aquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à

condição de semideuses”. Os narradores de futebol, tanto do rádio como da televisão, surgem como grandes cronistas do esporte aliando a emoção à realidade nas jornadas esportivas.

Salomão (2003) define o rádio como a mídia da notícia em tempo real. A característica da instantaneidade se relaciona com as transmissões esportivas, uma vez que o que está sendo “noticiado” está acontecendo naquele mesmo instante.

A autora do projeto acredita que as narrações de jogos de futebol são um meio relevante para a relação entre veículo e torcida e que deve ser aprofundado. Visto que ao realizar pesquisas prévias relacionadas ao tema, verificou-se que o assunto é pouco abordado em dissertações e trabalhos acadêmicos.

À vista disso, o tema escolhido para o projeto busca perceber a contribuição do radiojornalismo esportivo local na sustentação do futebol do interior do Rio Grande do Sul e seu papel na perpetuação da identidade de uma torcida.

4 QUESTÃO NORTEADORA

De que forma o radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho?

5 HIPÓTESES

- a. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois possibilita que as pessoas que não tem acesso à transmissões televisivas acompanhem os jogos de futebol;
- b. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois oportuniza que os torcedores que não torcem para os times da capital acompanhem os clubes;
- c. O radiojornalismo esportivo, através da transmissão de jogos de futebol, contribui para a sustentação do futebol do interior gaúcho, pois permite que os torcedores de clubes do interior sem acesso à transmissões televisivas acompanhem os jogos realizados longe da cidade ou estado de origem.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Analisar como o radiojornalismo esportivo contribui para o fortalecimento do futebol do interior gaúcho.

6.2 Objetivos específicos

- a) Compreender a relação entre radiojornalismo e futebol;
- b) Estudar a história do radiojornalismo esportivo no Brasil e no Rio Grande do Sul;
- c) Comprovar a importância do radiojornalismo esportivo para o futebol do interior gaúcho;
- d) Comprovar a importância do radiojornalismo esportivo na perpetuação da identidade gaúcha ligada ao futebol;
- e) Entender a importância da oralidade para o radiojornalismo esportivo;
- f) Compreender a relação entre futebol e identidade nacional;
- g) Destacar a importância do rádio, como meio de comunicação, na formação da identidade do país;

7 METODOLOGIA

Como apontam Marconi e Lakatos (2011, p. 44) “não há ciência sem o emprego de métodos científicos. A afirmação destaca a importância da aplicação de métodos científicos no desenvolvimento do trabalho monográfico. A atividade científica, ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2011), tem a finalidade obter a verdade por meio da comprovação de hipóteses, que são elos entre a observação da verdade e a teoria científica.

Gil (2008, p. 8) define método como “o caminho para se chegar a determinado fim”. Marconi e Lakatos (2011, p. 46) resumem o termo como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...]”.

Para Paviani (2009), existem, no mínimo, três conceitos de método:

[...] o primeiro, indica caminho, orientação, direção; o segundo, aponta modos básicos de conhecer (como analisar, descrever, sintetizar, explicar, interpretar), e o terceiro refere-se a um conjunto de regras, de procedimentos e de instrumentos e ou técnicas (como questionário, entrevista, documentos) para obter dados e informações (PAVIANI, 2009, p. 61).

A metodologia, de acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), corresponde ao caminho que será seguido no decorrer do projeto. Como é destacado pelos autores citados, “a metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método do trabalho de pesquisa” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 53).

À vista disso entende-se por metodologia os meios que serão utilizados para a obtenção das informações para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Esses meios podem ser resumidos na palavra pesquisa. Gil (2008) conceitua o termo como:

[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. [...] pode-se portanto definir pesquisa social o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 2008, p. 26).

7.1 TIPOS DE PESQUISA

Dentre os tipos de pesquisa está a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa. A qualitativa, na visão de Kauark, Manhães e Medeiros (2010), supõe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, vínculo que não pode ser representado em números. Os autores conceituam a pesquisa quantitativa como uma forma de traduzir através de números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.

Para esse trabalho de monografia, será utilizada a pesquisa qualitativa na abordagem do papel do radiojornalismo esportivo relacionado ao futebol do interior gaúcho. Marconi e Lakatos (2011) explicam que a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 269).

Em conjunto à pesquisa qualitativa também será feito o uso da observação qualitativa, que, ainda segundo Marconi e Lakatos (2011), é uma técnica de observação direta que tem entre suas características “descrever comunidades, ambientes e as diferentes atividades exercidas pelos participantes e os significados das mesmas” e “compreender processos, interpelações entre pessoas e suas situações, ou circunstâncias, eventos, padrões, contextos sociais e culturais” (MARCONI E LAKATOS, 2011).

O projeto de pesquisa terá caráter exploratório, trazendo informações para a fundamentação do trabalho. Kauark, Manhães e Medeiros (2010) definem a pesquisa exploratória:

Objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 28).

O embasamento da pesquisa exploratória se dá através de pesquisas bibliográficas, na qual os dados são obtidos em livros, teses, dissertações, artigos e monografias e trabalhos de conclusão de curso, esses encontrados exclusivamente

em ferramentas da web. Stumpf *in* DUARTE e BARROS (2014) descreve pesquisa bibliográfica como:

[...] conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (Stumpf *in* DUARTE e BARROS, 2014, p.51).

7.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Outro método que será aplicado nesse projeto de pesquisa é a análise de conteúdo, ao observar o conteúdo relacionado ao radiojornalismo esportivo e sua contribuição com o futebol do interior gaúcho. Bardin (2011) define a análise de conteúdo como um “método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”. De acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 29), a análise de conteúdo “leva em consideração as significações (conteúdo), sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas. Lida com mensagens (comunicação) e tem como objetivo principal sua manipulação (conteúdo e expressão)”.

Para Fonseca Júnior *in* Duarte e Barros (2014), a análise de conteúdo de organiza em três fases:

(1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise; (2) Exploração do material: refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. [...] (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos (FONSECA JÚNIOR, 2014, p.290).

Na visão de Bardin (2011), esse modo de análise tem uma função heurística, na qual beneficia a experiência exploratória e facilita a propensão à descoberta. Na monografia, será analisada a relação entre a Rádio Caxias e a dupla Ca-ju dentro do tema “o papel do radiojornalismo esportivo no fortalecimento do futebol do interior gaúcho”. A Rádio Caxias atua a mais de sete décadas, sendo um dos mais influentes veículos de comunicação do município de Caxias do Sul. Com grande

dedicação ao esporte, é a única rádio que acompanha todos os jogos da SER Caxias e do Esporte Clube Juventude.

A análise será realizada sobre a transmissão do primeiro jogo do Esporte Clube Juventude e da S.E.R Caxias no Campeonato Gaúcho 2020. Será feito um estudo em relação ao conteúdo utilizado durante as transmissões, desde a forma de linguagem, com expressões que se assemelham às arquibancadas, até estrutura da transmissão, com a prática de elementos usados desde o início das transmissões esportivas, comentários e quadros.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

8.1 INÍCIO DAS EXPERIÊNCIAS RADIOFÔNICAS

De acordo com Ferraretto, em seu livro “Rádio: o veículo, a história e a técnica”, as primeiras transmissões radiofônicas ocorreram no final do século XIX, com o desenvolvimento de novas tecnologias como o descobrimento das ondas eletromagnéticas e a criação da telégrafo e do telefone. O autor destaca que a radiodifusão constitui-se para sanar uma necessidade da sociedade:

Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constitui-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens a distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor, origem dos serviços de correio e dos primitivos sistemas de comunicação por sinais [...] (FERRARETTO, 2001, p. 80).

A primeira transmissão que há comprovação, segundo Ferraretto (2001), ocorreu na noite do dia 24 de dezembro de 1906. Na ocasião, o canadense Reginald A. Fessenden transmitiu, da estação de Brant Rock, em Massachusetts, Estados Unidos, o som de um violino, trechos da bíblia e uma gravação fonográfica. As transmissões foram ouvidas em vários navios da costa norte-americana.

[...] Fessenden desenvolveu a estrutura básica do processo de transmissão em amplitude modulada. Há registros de outras experiências bem-sucedidas do pesquisador canadense anteriores à da véspera de Natal de 1906. Em dezembro de 1900, ele já teria conseguido transmitir precariamente a voz humana (FERRARETTO, 2001, p. 86).

8.2 RÁDIO NO BRASIL

O rádio se popularizou nas duas primeiras décadas do século XX, em especial nos Estados Unidos. No Brasil, a primeira demonstração radiofônica ocorreu na comemoração do centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, pela Westinghouse. Como conta Ferraretto (2001), a

Westinghouse distribuiu 80 receptores em diversos pontos do Rio de Janeiro, a capital federal da época. Na ocasião foi transmitido o discurso do presidente da República, Epiácio Pessoa, e trechos do “O Guarani”, de Carlos Gomes. A emissão pode ser ouvida no Palácio do Catete e em alguns prédios públicos.

Apesar da primeira transmissão oficial ter ocorrido em 1922, foi só no ano seguinte que iniciou efetivamente a trajetória da radiodifusão sonora no Brasil com a criação da primeira emissora regular do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Fundada por Edgard Roquette Pinto e Henrique Morize, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mesmo de forma improvisada, colocou o Brasil em definitivo na era do rádio.

O rádio começou a estruturar-se no país a partir da década de 30. A busca pela profissionalização fez do rádio um meio de comunicação de massa. Para Calabre (2004), em 1930 o meio radiofônico trazia o mundo para dentro da casa das pessoas.

O rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas. O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos (CALABRE, 2004, p. 9).

Os anos 40 corresponderam a “época de ouro do rádio”. Foi nesta década que surgiram as programações voltadas ao entretenimento, com programas de auditório e radionovelas. A cobertura esportiva e o radiojornalismo também ocupavam espaço nas programações radiofônicas. “O veículo adquire, desta forma, audiência massiva, tornando-se, no início dos anos 50, principalmente por meios da Nacional, a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil” (FERRARETTO, 2001, p. 112-113).

A década de 50 marcou o fim da hegemonia do rádio no país. Com a concorrência da recém-chegada televisão, o meio de comunicação precisou se reinventar.

O espetáculo começa a migrar para o novo meio, que, ao acrescentar a ele a imagem, obrigava a busca de um caminho diferente sinalizado por itens até então minoritários dentro da programação - o jornalismo, as transmissões esportivas, o serviço para a população e a música gravada (FERRARETTO, 2001, p. 137).

A radiodifusão ganha um novo impulso em 1970: a frequência modulada (FM). De acordo com Ferraretto (2001) esse modo de transmissão ficou conhecida como música ambiente. Na segunda metade da década, as rádios passaram a segmentar sua programação.

Seguindo a tendência verificada após o final do rádio espetáculo, as estações de amplitude modulada concentram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e na prestação de serviços à população. [...] Nas FMs, predomina a música. Inicia um processo de divisão do público que vai se consolidar nos 80 (FERRARETTO, 2001, p.155).

Em 1980, a radiodifusão brasileira entrou na “era das redes via satélite”, que oportunizou a transmissão de conteúdo via rede.

A radiodifusão sonora brasileira entrou na era das redes via satélite em março de 1982, quando a Bandeirantes AM, de São Paulo, começou a gerar o seu radiojornal Primeira Hora, usando o tempo ocioso do subcanal que a Rede Bandeirantes de Televisão havia alugado no Intelsat 4 (FERRARETTO, 2001, p. 166).

Um marco importante da radiodifusão brasileira ocorreu em 1985, quando o país passou a contar com um satélite próprio de comunicações. Quatro anos depois, em 1989, outro avanço. A Embratel anunciou o serviço Radiosat, um sistema de transmissão via satélite, em estéreo e de alta qualidade.

Nos anos de 80 e 90, devido ao interesse da população em assuntos políticos e econômicos, o caráter informativo do rádio ganhou força. Segundo Ferraretto (2001), a *Jornal do Brasil AM*, do Rio de Janeiro, inspirada pelo formato norte americano no *all news*, foi a primeira a seguir pelo caminho do jornalismo 24 horas por dia.

Com a expansão do uso da internet, no início dos anos 2000, o conceito “rádio” passou por reformulações. Para Ferraretto (2014, p. 17), “adota-se aqui visão que passa pela linguagem específica do rádio e indo além, assimila proposição baseada no meio como instituição social ou, mais adequado ainda, criação cultural”.

O rádio *on-line* engloba dois termos distintos: o rádio na *web* e o *web* rádio. Ferraretto os conceitua. Rádio na *web* “identificando estações hertzianas que transmitem os seus sinais também pela rede mundial de computadores; e *web* rádio, “para emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet” (FERRARETTO, 2014, p. 19). Há ainda o *podcast*, um arquivo de áudio digital com conteúdo variado transmitido pela internet.

8.2.1 Rádio no Rio Grande do Sul

O rádio no Rio Grande do Sul seguiu o mesmo caminho do rádio no restante do país. De acordo com Ferraretto (2002), a radiodifusão já era praticada no estado desde 1924. O autor destaca três momentos distintos da radiodifusão gaúcha:

[...] no primeiro, há, no âmbito da elite da época, um certo grau de curiosidade em relação à inovação tecnológica e às suas possibilidades, o que leva os pioneiros da radiodifusão sonora a adquirirem aparelhos receptores e, na sequência, a se organizarem em entidades transmissoras, as primeiras rádios do Rio Grande do Sul; no segundo, parcelas da elite vêem na radiodifusão sonora um campo de investimento financeiro com possibilidades econômicas e políticas, constituindo, para tanto sociedades comerciais voltadas, com base na veiculação de publicidade paga, à auto sustentação e à obtenção de lucro; no terceiro, as emissoras comerciais firmam-se, constituindo um mercado próprio, mesmo que restrito pelas possibilidades de então (FERRARETTO, 2002, p.17).

A primeira rádio no Rio Grande do Sul foi inaugurada no mesmo ano, em Porto Alegre. A Rádio Sociedade Rio-Grandense foi, segundo Ferraretto (2002, p.41), a “primeira entidade a realizar, de forma organizada, transmissões radiofônicas no Rio Grande do Sul”.

O rádio se espalhou pelo estado e em 1925 chegou ao interior gaúcho, com a fundação da Sociedade Rádio Pelotense, de Pelotas. Logo após a fundação da Rádio Pelotense, foi fundada, em 1927, a segunda rádio da capital: a Rádio Sociedade Gaúcha. “Ao contrário das suas antecessoras, a Rádio Sociedade Gaúcha consegue manter com relativa constância uma programação ao longo do seu primeiro ano de existência” (FERRARETTO, 2002, p.81).

A Rádio Gaúcha foi a primeira a realizar a transmissão de uma partida de futebol em 1931. Na ocasião foi transmitido o jogo entre Grêmio Foot-Ball Porto

Alegrense e a Seleção do Paraná. Além disso foi a primeira a realizar uma transmissão fora de Porto Alegre em 1932 na primeira edição da Festa da Uva em Caxias do Sul.

Em 1934 surge no Rio Grande do Sul a Rádio Difusora Porto-Alegrense, a primeira com espaço destinado à publicidade. Para Ferraretto (2002), a Rádio Difusora foi pensada como uma forma de negócio. “A Rádio Difusora Porto-Alegrense já nasce, portanto, como empresa, procurando tirar da publicidade, além da cobertura para as despesas geradas, o lucro” (FERRARETTO, 2002, p. 106).

O rádio comercial se consolida no Rio Grande do Sul em 1935 com a criação da Rádio Sociedade Farroupilha. A rádio teve grande destaque devido a sua programação, que unia atrações musicais e noticiários.

O surgimento da televisão nos anos 50, assim como no restante do país, também trouxe consequências ao rádio no Rio Grande do Sul. De acordo com Ferraretto (2007), nas décadas de 60 e 70, as emissoras de rádio tiveram de adaptar suas programações à necessidade dos ouvintes.

O rádio gaúcho em um processo que chega ainda inconcluso à década seguinte, começa assim, a substituir o entretenimento ao vivo pela música, ampliando, também, os espaços, até então minoritários ou inexistentes, dedicados à notícia à reportagem, à entrevista, à cobertura esportiva, à participação do ouvinte e a prestação de serviços (FERRARETTO, 2007, p. 89).

A fase de segmentação na programação e do avanço através das novas tecnologias no Rio Grande do Sul seguiram os moldes do desenvolvimento rádio em todo o país. O rádio faz parte do cotidiano do gaúcho. De acordo com a Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT) há 319 emissoras de rádio espalhadas pelo Rio Grande do Sul.

8.3 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

O radiojornalismo no Brasil ganhou força durante a Segunda Guerra Mundial com o Repórter Esso, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Ferraretto (2001, p. 127) destaca que “a maior contribuição do Esso foi a introdução no Brasil de um modelo

de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado”.

Criado em 1941, o Repórter Esso ficou na Rádio Nacional até 1962, quando se transferiu para a Globo. A última edição do programa ocorreu em 1968, depois de quase três décadas no ar.

Com o crescimento da televisão, a radiodifusão precisou buscar novos caminhos. De acordo com Ferraretto (2001), o rádio voltou a se estruturar a partir da década de 50 voltado ao jornalismo, esporte e serviço à população.

O radiojornalismo esportivo foi uma importante tentativa para recuperar o espaço que o rádio perdeu para a televisão. Ferraretto (2001) discorre que a vitória do Brasil nas Copas do Mundo da Suécia e no Chile impulsionaram a cobertura e as transmissões esportivas.

No dia a dia, reportagem ainda se aproxima da crônica, em um relato permeado de opiniões. Nos anos 70, a cobertura dos acontecimentos esportivos com setoristas nos principais clubes vai ganhar objetividade e o que era opinião dará lugar à interpretação dos fatos (FERRARETTO, 2001, p.144).

Antes elitizado, o futebol se tornou popular no país. Para Prado (2012), foi na popularização que o rádio se-fez fundamental. Existiam dificuldades no início da relação entre rádio e futebol. Desde a linguagem que tinha a função de fazer o ouvinte “ver” o que acontecia em campo, até as camisas que na época não tinham números nas costas e obrigavam o narrador a decorar a fisionomia dos jogadores.

O profissionalismo do futebol no Brasil coincidiu com o aprimoramento do rádio nas transmissões esportivas, como destaca Prado (2012). “O rádio serviu para levar o futebol a mais pessoas, enquanto o esporte popularizou o veículo de massa que ainda era jovem” (PRADO, 2012, p. 85).

Os presidentes e dirigentes dos clubes de futebol chegaram a ser contra as transmissões dos jogos, com o argumento de que o rádio esvaziaria os estádios. No entanto, conforme Prado (2010, p. 86), o efeito foi outro: “o rádio aumentou o contato da população com o futebol e fez com que os estádios lotassem e crescessem ainda mais”.

As primeiras transmissões esportivas eram feitas apenas pelo narrador e os intervalos eram ocupados por músicas. De acordo com Prado (2012),

os comentários e análises foram criados a partir do momento em que as rádios começaram a ter medo de que o ouvinte trocasse de estação enquanto as músicas tocavam no intervalo. Falar do que tinha acontecido no primeiro tempo era uma maneira de segurar o torcedor para o segundo (PRADO, 2012, p. 87).

De acordo com Ferraretto (2014), a importância do esporte para as grandes emissoras de rádio do país pode ser reconhecida através da seguinte afirmação: “o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários” (FERRARETTO, 2014, p. 213). O radiojornalismo esportivo estabelece uma relação entre o comunicador e o ouvinte identificado com os times de futebol.

Para Márcio Guerra (2002), citado por Ferraretto (2014) cria-se uma relação de identidade entre o público e o narrador.

Identidade. É isso que muitos torcedores-ouvintes alegam para justificar a preferência por esse ou aquele locutor. A verdade é que o rádio, com todo seu lado romântico e meio artesanal (principalmente aos olhos de leigo), viu a necessidade de lutar pela fatia do mercado publicitário, e as transmissões dos jogos passam a seguir critérios de marketing e estratégias que seguem os padrões de mercado (GUERRA, 2002 apud FERRARETTO, 2014, p. 214).

Conforme Ferraretto (2014), o esporte constitui-se em um importante objeto da cobertura jornalística para as grandes emissoras, que levou a criação de uma área organizacional própria. “Esta adquire, conforme a rádio, a denominação de central ou departamento, predominando o foco sobre o futebol” (FERRARETTO, 2014, p. 215).

8.4 FUTEBOL NO BRASIL

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, em 1894, quando o brasileiro Charles Miller voltou da Inglaterra trazendo as primeiras bolas e o conceito do jogo. No entanto, de acordo com Witter (1996), há rumores de que o esporte já

havia sido praticado antes disso no Brasil. As partidas teriam sido jogadas nos litorais de Pernambuco e de Santos.

Inicialmente o “esporte bretão”, como era chamado, era praticado por jovens ricos. Conforme Witter (1996), era necessário ter recursos para adquirir os materiais para a prática do esporte. “As classes privilegiadas e os imigrantes com posses acabaram sendo os primeiros responsáveis pela consolidação do futebol no Brasil” (WITTER, 1996, p. 12).

O autor cita os clubes pioneiros, onde os principais jogadores da época atuavam, são eles: São Paulo Athletic, Mackenzie e Internacional. Depois surgiram outros como: Germânia, Sport Club Corinthians Paulista, Juventus, Palestra Itália, Ipiranga, Clube Atlético Paulistano e São Paulo Railway (SPR).

O futebol se popularizou rapidamente no país e clubes foram surgindo do Rio Grande do Sul à Amazônia. O Rio Grande F. C e a Ponte Preta, ambos de 1900, disputam o posto de terem sido o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática do futebol.

As duas primeiras décadas do século XX foram de consolidação do esporte no Brasil. Nesse período surgiram alguns dos principais clubes do país, como os cariocas Fluminense (1902), Flamengo (1911) e Vasco da Gama; e os gaúchos Grêmio (1903) e o Internacional (1909).

Witter (1996) discorre que no início do século XX ocorreram os primeiros amistosos entre os clubes brasileiros, como os das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O primeiro torneio internacional com a participação da seleção brasileira foi realizado em 1919. O Brasil sagrou-se campeão ao vencer o Uruguai pelo placar de 1 a 0.

Os anos vinte foram de transformação no futebol nacional. Foi nesse período que começou a ocorrer a substituição dos rapazes ricos pelos operários das fábricas e pelos negros, que começaram a surgir no cenário futebolístico.

Aos poucos, o público começava a frequentar os campos onde eram disputadas as partidas, principalmente quando eram reunidas equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou quando os *matches*, como eram identificados os confrontos futebolísticos, eram disputadas por brasileiros e estrangeiros. Assim, o esporte ia se tornando gradualmente mais popular. Não tinha ainda a divulgação e a acolhida dos esportes considerados nobres. Mas começava a ocupar um espaço importante na vida esportiva do país, para não mais cedê-lo a qualquer outra modalidade esportiva (WITTER, 1996, p.16).

Além do crescimento no público que acompanhava os jogos, ocorreu um crescimento no número de clubes e também de praticantes. Mas apesar disso o futebol não era considerado profissional.

Não havia contrato de jogadores, nem salário estipulado e muito menos negociações entre clubes para a compra do passe de um jogador [...] O jogador era vinculado ao time ou ao clube por convicção e por amor. É bem provável que a expressão “amor à camisa” tenha surgido aí (WITTER, 1996, p. 20).

Na década de 30 começou a ser discutida a profissionalização do esporte. Alguns clubes, e até Confederação Brasileira de Futebol, eram contrários à ideia. “A questão da profissionalização acompanhou a popularização do esporte e o crescente prestígio dos jogadores, que se tornavam conhecidos em outros países (WITTER, 1996, p. 22).

Foi nessa década que ocorrem as três primeiras Copas do Mundo, realizadas em 1930, 1934 e 1938. Entretanto, como destaca Witter (1996), a Segunda Guerra Mundial interrompeu a sequência dos campeonatos mundiais. Os campeonatos nacionais e regionais continuaram ser disputados, mas “não apresentavam condições para que muito se fizesse no campo dos esporte” (WITTER, 1996, p.24). Durante a Segunda Guerra Mundial alguns clubes tiveram que trocar o nome de suas agremiações, devido a imposição de fidelidade aos aliados. Foi o caso do atual Palmeiras, que se chamava Palestra Itália, ligado à colônia italiana.

O futebol precisou “dar um tempo” até a guerra se findar. No Brasil o efeito foi contrário, como destaca Witter (1996). “Apesar de todos os problemas e dificuldades dos anos de guerra, no Brasil houve um progresso no campo esportivo e, apesar da ditadura, o futebol caminhou e firmou-se no cenário mundial” (WITTER, 1996, p. 25).

A prática do esporte em todo o mundo recomeçou em 1950, com a Copa do Mundo sediada no Brasil pela primeira vez. Witter (1996) destaca que o evento foi marcante para o país, que vivia um momento de desenvolvimento com a construção de um dos principais estádios de futebol do mundo: o Maracanã. A Copa não foi boa para a Seleção Brasileira, que acabou perdendo a final para o Uruguai, dentro do Maracanã, jogo esse que ficaria conhecido como “maracanaço”.

As transformações no futebol seguiram entre os anos de 1950 e 1970. As mudanças não se deram apenas em relação aos jogadores, mas também na prática do esporte e na preparação do atleta. De acordo com Witter (1996), o mundo esportivo desenvolveu-se e os conhecimentos científicos na área esportiva aperfeiçoaram-se. Os clubes tiveram de fortalecer o profissionalismo sendo obrigados a criar diferentes departamentos, como médicos, massagistas e preparadores físicos.

Não era suficiente “ser craque” e não suportar uma partida de noventa minutos. Era imprescindível que o jogador fosse se aprimorando e que pudesse demonstrar a sua capacidade física. Os treinadores e dirigentes do futebol apostavam cada vez mais num jogo mais racional, mais estudado (WITTER, 1996, p. 27).

Ainda de acordo com Witter (1996), as atitudes dos jogadores de futebol são diferentes de uma década para outra.

Talvez fossem os mais antigos pouco profissionais, e as histórias de tantos deles são trágicas, mas tinham uma postura mais condigna para com a agremiação que os contratava. Permaneciam mais fiéis às tradições dos clubes e eram ligados emocionalmente a eles. Hoje, na busca da independência econômica, os jogadores acabam se transferindo com muita frequência de uma equipe para outra, em função do montante de dinheiro que lhes é oferecido (WITTER, 1996, p. 33).

O desenvolvimento do futebol no Brasil cruza com o desenvolvimento da sociedade brasileira. Praticado inicialmente pela elite, esse esporte abriu espaço para a popularização, na qual brancos e negros, jovens ricos e operários de fábrica defendiam o mesmo lado. As transformações do futebol o tornaram fenômeno mundial, sem se desprender de suas raízes, como destacado por Witter (1996). “Surge então a magia desse “futebol arte” que, com o tempo, conquista o mundo,

por continuar a ser, apesar de cada vez mais técnico, encantadoramente ‘moleque’ (WITTER, 1996, p.19).

8.4.1 Futebol e identidade nacional

O futebol não foi mero espectador das mudanças culturais do país. A prática do esporte, seja como jogador ou torcedor, faz parte da identidade nacional. Para Guterman (2009), o futebol é o maior fenômeno social do país. “Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país” (GUTERMAN, 2009, p. 9).

De acordo com Negreiros (2003), é possível compreender através do futebol aspectos culturais que marcaram a história do Brasil.

Nas rupturas políticas ocorridas neste século de República, em muitas delas, o futebol se antecipou. No processo de popularização desse esporte, por exemplo, a maior parte dos brasileiros começava a conquistar um espaço dentro do futebol, cujo acesso não lhe era permitido. Também as questões raciais fizeram do futebol um lugar especial de debates, no qual vários preconceitos arraigados foram postos à prova, ainda que não plenamente superados. Graças ao futebol, em grande parte, afloraram discussões acerca do papel do negro dentro da sociedade brasileira (NEGREIROS, 2003, p. 123).

Conforme Guterman (2009, p. 37) “a fase de transição do futebol coincidiu com a da própria sociedade brasileira”. O autor destaca que a primeira década do século XX terminou dividida entre o amadorismo e o profissionalismo do futebol. Além disso, o caráter elitista e popular também estavam em conflito e que o egresso do negro mudaria o cenário do futebol no Brasil. Para Guterman (2009), isso ocorreu graças a influência de Arthur Friedenreich.

Filho de um judeu alemão e de uma ex-escrava Fried, como era chamado, era o grande nome do futebol nacional na época.

Ironicamente, foi o traço negro brasileiro, aquele de sua mãe menosprezada pela historiografia que distinguiu Fried. Deu-se então que Fried era um “mulato de olhos verdes” [...]. O mulato jogava bola como nenhum outro de sua época, enquanto os olhos verdes e o sobrenome alemão eram passaporte para o mundo dos brancos (GUTERMAN, 2009, p. 47).

Nesse período o negro não era presença constante no futebol e a barreira racial ainda era forte. E Fried tentou esconder seus traços mulatos, alisando o cabelo antes dos jogos, como conta Guterman (2009). Mas não era o único. Carlos Alberto, também mulato, passava pó de arroz no rosto para disfarçar a raça.

As barreiras raciais entre sociedade e futebol começaram a ser rompidas no Sul-Americano de 1919. O campeonato foi disputado por Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. A decisão foi entre Brasil e Uruguai. Foi de Fried o gol que levou o Brasil a seu primeiro título internacional. Para Guterman (2009), seu gol foi um divisor de águas do futebol nacional.

A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos e brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam (GUTERMAN, 2009, p. 51).

Para Negreiros (2003), pensar o futebol a partir da década de 20, com as multidões ocupando os espaços desse esporte, possibilita a compreensão das relações que foram estabelecendo-se entre as classes populares e as elites econômicas, culturais e políticas. Mesmo que não se concorde com a concepção de que o futebol foi um democratizador social no país, foi quando o negro conquistou seu espaço no esporte que a discussão passou para outros aspectos da sociedade nacional.

Quando essas mesmas elites detinham o futebol enquanto um espaço exclusivo, reservavam a esse esporte elogios e tarefas que permitiriam, entre outros pontos, a redenção da nação, em função da construção de uma elite dirigente capaz e de um povo forte. Quando esse esporte deixa de ser o lugar de encontro de uma elite – sempre desvinculada e avessa aos problemas populares –, novos setores sociais se fizeram presentes. Ao mesmo tempo em que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo (NEGREIROS, 2003, p.124).

Ainda conforme Negreiros (2003), no final dos anos 30, o futebol tornou-se uma atividade ainda mais apaixonante e envolvia cada vez mais brasileiros. O autor

destaca que foi nessa época que um evento futebolístico reforçou a relação entre a identidade nacional e o futebol e o surgimento do sentimento de “nação”. A Copa do Mundo de 1938, realizada na França. “Esse esporte foi sendo articulado com a sociedade brasileira, a ponto de fazer daquela competição esportiva um momento de destaque na construção da identidade nacional” (NEGREIROS, 2003, p. 128).

O futebol já era o esporte mais popular no país, com a Copa do Mundo de 1938, como destaca Negreiros (2003, p. 130), esta condição atingiu níveis ainda mais altos”. A Copa daquele ano aflorou ainda mais a paixão e o envolvimento da sociedade e o esporte. O futebol adquiriu o papel de articulador da união nacional.

Esse momento de Copa contribuiu, de forma decisiva, para fazer com que o futebol aumentasse os seus vínculos com a sociedade brasileira. Essa competição, além de aumentar a paixão pelo futebol, foi capaz de suscitar inúmeras questões acerca da própria concepção de nação. Pessoas das mais diferentes regiões do país mostraram-se atentas e solidárias para com o destino do futebol do Brasil (NEGREIROS, 2003, p. 143).

A Copa do Mundo ainda é capaz de gerar esse sentimento nas pessoas. Os torcedores mais ávidos deixam seus clubes de lado, mesmo que por pouco período de tempo, para defender sua “nação”. E mesmo aqueles que não gostam muito do esporte se veem imersos no sentimento nacionalista que invade as ruas.

Quando as partidas do campeonato mundial passam a ser disputas, uma espécie de ritual ocorre a cada participação do selecionado nacional. Nas horas que antecedem a esses jogos, nas grandes cidades, milhares de pessoas buscam chegar rapidamente a suas casas, sempre com medo de perder algum momento importante. A partida é acompanhada junto aos amigos e vizinhos. Cerveja, rojões e muita comemoração ao final da partida – em caso de vitória – completam esse ritual. Não há espaço para as atividades produtivas. Numa verdadeira vigília cívica, o país para (NEGREIROS, 2003, p. 122).

O termo “o país do futebol”, mesmo que utópico, diz muito sobre a relação entre o esporte e a identidade nacional. Desde o surgimento do esporte no Brasil, a sociedade brasileira refletia seus anseios no futebol, e vice-versa. Os laços entre esporte e sociedade seguem até os dias de hoje. E os aspectos sociais são facilmente percebidos dentro das quatro linhas e também nas arquibancadas.

8.5 RÁDIO CAXIAS

A Rádio Caxias, ZYF-3 Rádio Caxias do Sul, foi fundada em 27 de abril de 1946, por Arnaldo Ballvé, Joaquim Pedro Lisboa e Luiz Napolitano, em um estúdio nas dependências do clube Recreio Guarany. Kirst (2017) destaca, no livro *Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade*, que mesmo com uma potência de transmissão ser baixa, era possível ouvir a rádio em outras localidades do interior e em municípios vizinhos.

Apesar da potência de transmissão modesta mesmo para a época (apenas 250 watts), o sinal da rádio podia ser captado em diversas localidades do interior e também em municípios vizinhos (inclusive em áreas além da Região Serrana e em outros estados, mesmo que com menos qualidade), uma vez que, na época, ainda eram poucas as emissoras a disputar as frequências de rádio no espectro (KIRST, 2017, p. 29).

A primeira emissora de rádio do município e a segunda do interior do estado do Rio Grande do Sul, como destaca Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996), no livro *Rádio Caxias, 50 anos*, pertencia às Emissoras Reunidas Rádio Cultura Ltda., e surgiu em um momento de reconstrução, não só da cidade como do país.

Quando a Rádio começou suas atividades, não se completara o primeiro aniversário do término da Guerra na Europa. O Brasil vinha se recompondo dos tropeços crescentes, dos racionamentos, da vigilância policial e dos choques provocados pelas hostilidades. As atividades industriais, comerciais e agrícolas iam se ampliando. Criavam-se novas oportunidades (GARDELIN, LUCENA E MAGNABOSCO, 1996, p. 17).

Após a fase de experimentação, a Rádio Caxias enfrentou problemas. “Não havia tradição [...]. Mesmo assim, a rádio buscou rapidamente o seu caminho” (GARDELIN, LUCENA E MAGNABOSCO, 1996, p. 18). No início de sua trajetória, como conta Kirst (2017), a rádio iniciava sua programação às 9h e seguia até às 15h, retornava às 17h e ia até às 23h. “Cidade operária por vocação, não fazia sentido manter a programação em horários em que a maioria dos ouvintes estava fora de casa, trabalhando, ou em horários de descanso” (KIRST, 2017, p. 31). O sucesso crescente da ZYF-3 e o aumento dos anunciantes, influenciaram a

ampliação da programação, ocupando os horários que até o momento ficavam de fora.

A presença de um veículo que fazia transmissões ao vivo, narrando os fatos locais em tempo real, como visitas presidenciais, jogos de futebol, competições automobilísticas, bailes, festas, eventos e entrevistas, configurou-se em uma experiência completamente nova aos caxienses, em termos de apreensão de informação (KIRST, 2017, p. 32).

Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996) destaca que, apesar de seus programas terem grande aceitação, era o noticioso do meio-dia a atividade central da emissora. O programa tinha formato de diário, com opinião pública.

A consolidação da Rádio Caxias veio em 1950, quando os estúdios foram transferidos para o primeiro andar do Edifício Kalil Sehbe. As novas instalações intensificaram a programação e participação do público. O Auditório Arnaldo Ballvé, com capacidade de 90 lugares, proporcionou a irradiação de programas e radionovelas com a participação ao vivo do público. Para Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996, p. 24) essa “foi uma fase de grande desenvolvimento da Rádio Caxias, com a ampliação de sua programação noticiosa, esportiva, radioteatro ao vivo, musicais e programas de auditório”.

Durante sua primeira década de existência, a Rádio Caxias atuou sozinha no cenário radiofônico da cidade, conquistando ouvintes e credibilidades, como destaca Kirst (2017). No entanto, 1956, foi fundada a segunda emissora da região, a Rádio Independência, com estúdios em Flores da Cunha e Caxias do Sul. “Surgia a concorrência, e a necessidade de permanecer sempre atento às nuances do mercado se transformaria em preocupação perene, moldando os rumos e o destino da empresa” (KIRST, 2017, p. 44).

Em 1972, a Rádio inaugurou sua sede própria. Os novos estúdios correspondem aos que a emissora usa até os dias de hoje, localizado no 21º andar do Edifício Estrela. De acordo com Kirst (2017), o novo endereço também trouxe mudanças na forma de fazer rádio no município. “A tecnologia passou a permitir que os comentaristas fizessem suas participações, tanto ao vivo quanto gravadas, por meio de contatos telefônicos, sendo desnecessária a presença física nos estúdios” (KIRST, 2017, p. 56). O autor destaca ainda que os discos de vinil e acetato, usados

para programas musicais, vinhetas, *jingles* e *spots*, foram substituídos por cartuchos, mais compactos e fáceis de manusear.

Na época, Caxias do Sul ainda não possuía um jornal com circulação diária, conforme Kirst (2017, p. 56), a Caxias “concentrava grande parte das comunicações diárias necessárias para o andamento da vida comunitária”.

No ano de 1979, a Rádio Caxias, com a aprovação do Plano Nacional de Ondas Médias (PNOM) no Ministério das Comunicações, foi contemplada com a frequência AM (930 kHz). Um ano depois, a potência da rádio passou de 5 kw para 20 kw. “A Rádio Caxias tornou-se a mais potente emissora do interior do Estado” (GARDELIN, LUCENA E MAGNABOSCO, 1996, p. 24). A Rádio Caxias se tornou também a única cidade brasileira sem ser capital a operar nessa amplitude.

Em 1988, a Rádio foi adquirida por Paulo Roberto Lisboa Triches, neto de Joaquim Pedro Lisboa, um dos fundadores da Rádio Caxias. O Grupo Enxuta, no qual Triches era administrador e um dos sócios-proprietários, decidiu investir na área das comunicações. Conforme Kirst (2017), o grupo comprou emissoras de rádio e fundou o jornal diário, a Folha de Hoje.

Apostando sempre no desenvolvimento da cultura e do esporte, abrigava uma casa de espetáculos, o Teatro de Lona, que sediou grandes shows ao longo das décadas de 80 e 90 na cidade, e patrocinou um time de futsal que fez história nessa modalidade de esporte no País (KIRST, 2017, p. 66).

Triches comprou as rádios Princesa, Independência e Pampa FM. A ação, de acordo com Kirst (2017), concretizou um importante marco da história das comunicações em Caxias do Sul: o surgimento do Sistema Trídio de Comunicação (STC). “A partir da formação do STC, com a aquisição das emissoras, o cenário começava a se mostrar propício para ousar dar o maior passo, tendo como foco a Rádio Caxias” (KIRST, 2017, p. 67).

A notícia da venda da Rádio Caxias para o STC foi pauta dos assuntos dos caxienses. De acordo com Kirst (2017),

Entre os ouvintes, pairava a compreensível incerteza sobre qual seria o futuro da emissora, agora sob nova direção, pois a Rádio Caxias, com seus então 42 anos de existência, já estava estabelecida na condição de ícone representativo da comunidade local (KIRST, 2017, p. 67).

O autor conta que o novo comando da Rádio Caxias implantou mudanças na programação da emissora. Na frequência 930 AM, foi adotada uma programação voltada exclusivamente aos segmentos de jornalismo e esporte, sem espaços musicais. O autor destaca ainda que, apesar das mudanças, alguns programas criados naquele período ganharam forte identificação dos caxienses, como o “Jornal da Caxias” e o “Campo Neutro Debate Esportivo”, que seguem até hoje entre as principais atrações da emissora.

A rigor, da antiga grade da Caxias, mais voltada a atrações populares e música tradicionalista, sobraram apenas o “Radiojornal Formolo”, o “Esporte na Onda” e os programas de fim de semana apresentados por Carlos Mambrini - “Tema Livre” e “Porque Hoje é Domingo” (KIRST, 2017, p. 68).

A programação, que fazia parte da grade da emissora até ela ser adquirida pelo STC, de acordo com Kirst (2017), foi transferida para uma nova proposta do grupo, a Rádio 1010 AM, e obteve grande sucesso de audiência desde o início.

A implantação de uma programação completa de jornalismo e esportes foi uma revolução para a cidade. Embora a Caxias e outras emissoras tivessem por tradição a dedicação de espaços para a informação, até então nada parecido havia sido feito no rádio caxiense. O novo formato permitia a ampliação e a análise das informações trazidas pela equipe de reportagem [...] (KIRST, 2017, p. 69).

O cinquentenário da Rádio Caxias foi celebrado com o lançamento de um livro em homenagem a trajetória da emissora. A obra “Rádio Caxias 50 anos”, produzida pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (EducS), faz um resgate histórico com depoimentos de ex-diretores, funcionários, colaboradores e representantes da rádio. O livro teve coordenação de Mário Gardelin, redação final de Paulo Cancian, A pesquisa foi de Flora Magnabosco e Fabiana de Lucena.

Um ano após comemorar seus 50 anos, a Caxias lançou seu *website*, a emissora foi uma das primeiras no Brasil a lançar um *site*. A evolução tecnológica, em 2000, como conta Kirst (2017, p. 75), permitiu que a emissora disponibilizasse seu áudio também na internet, “disponível às pessoas em todo o planeta e revolucionando as possibilidades de alcance e audiência”. Por aliar texto e imagem, o site passou a ser uma nova frente de trabalho, possibilitando uma informação mais

detalhada. A evolução da telefonia também foi marcante para a Rádio Caxias, uma vez que, possibilitou um maior contato entre os ouvintes e emissora. Kirst (2017), destaca que no final dos anos 90, a rádio adotou o *slogan* “Rádio Caxias: a rádio que te ouve”. O uso do celular também contribuiu para o acesso mais rápido à informação por parte dos ouvintes e revolucionou o trabalho dos repórteres, que passaram a ter mais mobilidade, “acentuando a característica da instantaneidade e agilidade do veículo rádio” (KIRST, 2017, p. 76).

A Rádio Caxias migrou para o FM em 2012, seguindo a tendência de mercado do restante do país. A emissora decidiu usar o dial 93,5, que, segundo Kirst (2017), pertencia à emissora e já havia sediado algumas programações. Essa foi a terceira frequência da história da Rádio Caxias.

Kirst (2017) destaca que o período de transição durou três anos. E em 2015, a Caxias passou a concentrar sua programação no 93,5. Na frequência 930 AM foi criada a Rádio Cidade, com caráter popular; e no 1010 AM a Rádio Tua Voz, dedicada ao público gospel. Ainda em 2012, a rádio iniciou a implantação de um aplicativo para *smartphones* e *tablets*, ampliando o trabalho realizado no *site*.

Ainda de acordo com Kirst (2017), durante a transição da frequência AM para a FM, a grade de programação da Caxias foi repensada. “O eixo foi atualizar a grade existente, mudando sua roupagem e algo da linguagem, e combinar isso com novas atrações, voltadas a um público jovem, mais afeito à linguagem do FM, dos APPs e das redes sociais” (KIRST, 2017, p. 89).

Hoje, a programação da Caxias engloba jornalismo, esporte e música. A atual grade de programação é formada pelos seguintes programas:

Quadro 1 - Programação Rádio Caxias

(continua)

| PROGRAMA | HORÁRIO |
|------------------|----------------|
| Caxias Musical | 00h às 05h |
| Bom Dia Caxias | 05h às 06h30 |
| Jornal da Caxias | 06h30 às 09h |

(conclusão)

| | |
|-----------------------------|--------------|
| Persona | 09h às 11h |
| Giro Esportivo | 11h às 11h50 |
| Comentário do Dia | 11h50 às 12h |
| Jornal do Meio-Dia | 12h às 13h |
| Campo Neutro | 13h às 14h |
| Studio 93 | 14h às 16h |
| Repórter Caxias - 1ª Edição | 16h às 17h |
| Esportes na Onda | 17h às 18h30 |
| Repórter Caxias - 2ª Edição | 18h30 às 19h |
| Voz do Brasil | 19h às 20h |
| Zona Mista | 20h às 22h |
| Caxias By Night | 22h às 00h |

Fonte: Site Rádio Caxias. Acesso: 26/11/2019

Além desses programas, a Rádio Caxias tem ainda a “Jornada Esportiva”, que transmite os jogos da dupla Ca-Ju.

A relação da Rádio Caxias com a identidade cultural do município pode ser resumida no *slogan* adotado pela emissora em 2012: “Sempre Contigo”. Para Kirst (2017, p. 91), o *slogan* representa diversas simbologias: “a tradição de sete décadas, a evolução junto com a sociedade, a preocupação com o conteúdo local e a presença em variadas plataformas”. Há 70 anos a Rádio Caxias fala do cotidiano caxiense e há 70 anos os caxienses acompanham o cotidiano pela Rádio Caxias.

8.5.1 Esporte na Rádio Caxias

Desde o início da trajetória da Rádio Caxias o esporte esteve presente e ajudou a criar um elo entre a emissora e a comunidade ao dar destaque ao esporte local. O Departamento de Esportes da rádio teve início em novembro de 1946, quando foi ao ar pela primeira vez o programa “Esportes na Onda”, que segue na grade de programação até hoje. Para Kirst (2017), o programa serviu de ensaio para as transmissões futebolísticas, que tiveram início no ano seguinte.

Essa vocação para incentivar e cobrir o desporto local segue sendo um dos principais focos da empresa até hoje. O esporte, em especial o futebol, ganhava desde cedo espaço nobre na programação da rádio, e a principal atração era o acompanhamento do Campeonato Municipal, disputado naquele fim da década de 40 por três equipes: Juventude, Flamengo⁹ e Fluminense¹⁰ (KIRST, 2017, p. 35).

O esporte seguiu como um dos carros chefes da emissora. Em 1950, como conta Kirst (2017), a Caxias surpreendeu os ouvintes ao retransmitir para a cidade jogos da Copa do Mundo, sediada no Brasil pela primeira vez. Foram irradiados direto de Porto Alegre dois jogos disputados na capital gaúcha, México x Suíça e México e Iugoslávia. Ambos foram realizados no Estádio dos Eucaliptos, casa do Sport Club Internacional.

A cobertura esportiva da emissora foi ampliada em 1961, quando o Campeonato Gaúcho foi unificado, sendo disputado pelos principais times da capital e do interior do estado. Entre eles, os caxienses Juventude e Flamengo. A Caxias, como destaca Kirst (2017), além das jornadas esportivas da capital gaúcha, realizadas desde 1950, a passou a percorrer o estado com transmissões frequentes a partir de Bagé, Pelotas, Rio Grande e outras cidades distantes. “Essa ação reforçou o elo com a comunidade, pois foi sendo criada a tradição de acompanhamento constante do futebol local que, ao longo do tempo, se cristalizou como uma marca de Caxias” (KIRST, 2017, p. 47).

A segunda metade da década de 90 foi marcante para o Departamento de Esportes da Rádio Caxias. Como destaca Kirst,

⁹ Antigo nome da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

¹⁰ O Grêmio Esportivo Fluminense está inativo atualmente.

“A ascensão do futebol da cidade, com a subida do Juventude à Série A do Campeonato Brasileiro, e a consequente reação por parte do arquirrival SER Caxias fizeram com que se atingissem situações inéditas, como a conquista do Campeonato Gaúcho em 1998 (Juventude) e 2000 (Caxias), além do título alviverde na Copa do Brasil de 1999 (KIRST, 2017, p. 76).

O autor destaca ainda que esses títulos foram uma espécie de coroação ao trabalho da emissora, que por mais de sete décadas tem a defesa ao esporte local como objetivo. “Toda uma geração de profissionais ficou marcada por cruzar o estado e o País para reportar aqueles momentos épicos” (KIRST, 2017, p. 76). A Caxias também teve participação em eventos internacionais. A emissora enviou profissionais para a cobertura do Mundial de Futsal de 1996, na Espanha; para a Copa América de 1997, na Bolívia; e para a Copa do Mundo de 1998, na França.

A cobertura esportiva segue como uma das principais características da programação da Rádio Caxias. Hoje, quatro programas esportivos fazem parte da grade da emissora. O primeiro a ir ao ar é o Giro Esportivo (11h10 às 11h50). A programação segue com o Campo Neutro (13h às 14h), no ar há mais de 30 anos. O Esportes na Onda, que segundo Kirst (2017) é o mais tradicional do rádio brasileiro, faz parte da grade desde 1946, e vai ao ar das 17h às 18h30. Por fim, o Zona Mista, das 20h às 22h. Além disso, a Caxias tem setoristas nos estádios Centenário e Alfredo Jaconi. A cobertura do Departamento de Esportes é completada pela Jornada Esportiva, que transmite os jogos da dupla Ca-Ju. A Rádio Caxias é a única emissora da cidade a transmitir todos os jogos de Juventude e Caxias, independente de onde sejam realizadas as partidas.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

- 1. INTRODUÇÃO**
 - 2. METODOLOGIA**
 - 3. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS RADIOFÔNICAS**
 - 4. RÁDIO NO BRASIL**
 - 4.1 RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL**
 - 5. RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL**
 - 6. FUTEBOL NO BRASIL**
 - 6.1 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL**
 - 7. ANÁLISE**
 - 7.1 RÁDIO CAXIAS**
 - 7.1.1 A história da Rádio Caxias**
 - 7.1.2 A Rádio e a Dupla CA-JU**
 - 7.1.3 A contribuição para o futebol local**
 - 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- REFERÊNCIAS**

10 CRONOGRAMA

| DEFESA DA MONOGRAFIA 2020/2 | |
|------------------------------------|---|
| MÊS | ATIVIDADES |
| Janeiro | - Acompanhamento dos jogos que serviram de análise |
| Fevereiro | - Organização dos materiais para pesquisa |
| Março | - Escrita do segundo capítulo - Escrita do terceiro capítulo - Escrita do quarto capítulo |
| Abril | - Escrita do quinto capítulo - Escrita do sexto capítulo - Escrita do sétimo capítulo |
| Maiο | - Escrita das considerações finais - Escrita do resumo |
| Junho | - Escrita da introdução - Revisão |
| Julho | - Preparação para apresentação - Defesa da monografia |

REFERÊNCIAS

AGERT. Disponível em: <<https://www.agert.org.br/index.php>>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CALEBRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

_____. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

_____. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora ULBRA, 2007.

_____. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GARDELIN, Mário; LUCENA, Fabiana de; MAGNABOSCO, Flora Júlia. **Rádio Caxias 50 anos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa: Um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/1122732-Metodologia-da-pesquisa-um-guia-pratico.html>>. Acesso em: 17 outubro 2019.

KIRST, Marcos Fernando. **Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **O futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional**. 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2727/2264>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

RÁDIO CAXIAS. Disponível em: <<https://radiocaxias.com.br>>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia Prática**. Caxias do Sul: EducS, 2009.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prossa, 2012.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: FTD, 1996.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DUPLA CA-JU

Neste tópico é apresentado o questionários com os dirigentes da S.E.R Caxias e do Juventude, que resultaram na análise disposta no subcapítulo 6.4.

Esporte Clube Juventude

O questionário a seguir abordará questões relacionadas as Jornadas Esportivas da Rádio Caxias e a relação com os clubes Juventude e SER Caxias. O formulário foi elaborado pelo acadêmica Ingrid Raquel Fochezatto para a construção do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul.

Em qual nível de importância é possível classificar a relação entre as transmissões de rádio e o futebol do interior gaúcho? *

As relações são de alto nível normalmente, com diálogo aberto e franco

Você acredita que as jornadas esportivas da Rádio Caxias contribuiu para a sustentação do futebol da cidade? *

Com certeza. É ela q acompanha e transmite nossos jogos a muito tempo, sendo o elo de ligação normalmente entre o clube e seu torcedor

Se sim, como ocorre essa contribuição? *

Através de todos os programas semanais sobre o assunto futebol, com destaque principal para os clubes daqui

Nos jogos fora de casa, é possível perceber as transmissões de rádio como um meio fortalecedor da relação entre clube e torcida? *

É o elo de ligação mais antigo entre o clube e seu torcedor

E nos jogos em casa, como você percebe essa relação? *

da mesma forma. Os torcedores acompanham normalmente os jogos na radio

SER Caxias

O questionário a seguir abordará questões relacionadas as Jornadas Esportivas da Rádio Caxias e a relação com os clubes SER Caxias e Juventude. O formulário foi elaborado pelo acadêmica Ingrid Raquel Fochezatto para a construção do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul.

Em qual nível de importância é possível classificar a relação entre as transmissões de rádio e o futebol do interior gaúcho? *

Acreditamos que a relação entre as transmissões de rádio e o futebol do interior gaúcho é extremamente importante para a sobrevivência destes clubes. Além das relações comerciais que desenvolvemos com os veículos, a mídia espontânea que nos é gerada, proporciona o alcance da comunicação com o nosso torcedor que por muitas vezes ainda acompanha o Caxias por meio destes veículos.

Você acredita que as jornadas esportivas da Rádio Caxias contribuiu para a sustentação do futebol da cidade? *

Com certeza contribui, tanto pelo valor comercial, quanto de visibilidade.

Se sim, como ocorre essa contribuição? *

A contribuição é principalmente pelo fato de atingir parte da sociedade que talvez não consigamos atingir somente com as nossas redes sociais. Em muitas oportunidades, a imprensa é o porta voz dos ideais do clube. Além disso, a relação fiel dos nossos torcedores cria uma fidelidade também com a rádio.

Nos jogos fora de casa, é possível perceber as transmissões de rádio como um meio fortalecedor da relação entre clube e torcida? *

Sem dúvidas, pois no clube ainda não temos um canal que possa flexibilizar as transmissões. E neste caso, quando nem o clube e nem a televisão possui a possibilidade de transmissão, o rádio se torna o grande parceiro em todos os aspectos.

E nos jogos em casa, como você percebe essa relação? *

Nos jogos em casa, vejo o rádio relacionado muito mais a questão histórica, cultural e nostálgica. Assistindo o jogo ao vivo, não existiria tanto a necessidade de ter o rádio para acompanhar a partida. Porém, a relação próxima que se criou entre o ouvinte e os radialistas, faz com que o rádio seja peça indispensável e fundamental para boa parte dos torcedores.

ANEXO B - ENTREVISTA NARRADOR

Neste tópico é apresentado a troca de e-mails entre a pesquisadora e o narrador da Rádio Caxias, Gilberto Júnior. As respostas auxiliaram na análise, presente no capítulo 6.

Resposta do questionário Caixa de entrada x

 **Giba Narrador** <gilberto.rdcaxias@gmail.com>
para mim

qui., 30 de abr. 09:11

Seu nome: Gilberto Júnior

- Você percebe as narrações esportivas das rádios locais como um elo entre clube e torcida?

Sim. Acredito que longe das capitais e principalmente, com clubes que não estão elite - algo comum no interior - é a emissora local que faz esta ligação entre clube e torcida. As narrações esportivas das emissoras locais, mesmo com a concorrência das plataformas de transmissão por Internet, ainda são a fonte mais confiável de obter a cobertura fora dos grandes eixos e dos principais campeonatos.

- Você acredita que as jornadas esportivas da Rádio Caxias, há mais de 70 anos, contribui de alguma forma na sustentação do futebol em Caxias do Sul e na região?

Com toda a certeza.

- Se sim, como ocorre essa contribuição?

A Rádio Caxias faz uma cobertura completa - muito além do jogo - com programas que fomentam o esporte e que dão voz aos clubes em suas ações de marketing para aproximar-se dos sócios/torcedores, além de expor e explicar de maneira simples a necessidade dos clubes. O que torna mais transparente a relação do clube com o torcedor.

- Em jogos fora de casa é possível perceber uma maior importância das narrações como um meio de fortalecer a relação entre clube e torcida?

Esta é uma característica que varia num país de dimensões continentais, como o Brasil. Mas em linhas gerais, sim. Onde tem clube de tradição, normalmente existe uma cobertura de rádio com mais proximidade e carinho, expressada em transmissões mais identificadas com o clube local. Normalmente esta acaba se tornando uma parceria onde o clube precisa daquela divulgação e a emissora necessita do produto futebol.

- Pessoalmente, qual você acredita ser seu papel para o fomento do futebol do interior gaúcho?

Narrador Esportivo é quem romantiza este produto chamado futebol, muitas vezes valorizando um evento que pode não ter tanta qualidade - até como reflexo das dificuldades financeiras dos clubes menores. E fora do ambiente de uma transmissão de jogo, existe toda uma programação que sustenta a cobertura esportiva, analisando e dando voz aos personagens. Me sinto importante também no momento da crítica, que tem que ponderar as dificuldades enfrentadas pra fazer futebol no interior, mas necessita ser justa.

- Quantos profissionais participam da jornada esportiva da Rádio Caxias?

Normalmente de 7 a 8 profissionais em jogos em casa, incluindo a parte técnica (narrador, comentarista, dois repórteres, plantão de estúdio e de dois a três técnicos). Nas transmissões fora, pelo menos cinco (dimui um repórter e tem no máximo 2 técnicos). Em jogos maiores, esses números são aumentados.

ANEXO C - OBJETOS DE ESTUDO

GRÊMIO X CAXIAS:

<https://drive.google.com/file/d/1nzUhm832PP7lKnz5HfDSzX5zsp9cSqzf/view?usp=s>
[haring](#)

JUVENTUDE X INTERNACIONAL

https://drive.google.com/file/d/12ebxUUnZEoHEZ7LI_OTjQ2Eb6k_ctj6D/view?usp=s
[haring](#)

CAXIAS X GRÊMIO

<https://drive.google.com/file/d/1vTBXWtbXIEJzLNysiS9ljqYar2rvuwjE/view?usp=s>